

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS INTERNACIONAIS**

**YASMIN MOHAMMED**

**O NACIONALISMO ÁRABE E O PARTIDO BAATH:  
UMA ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA DA SÍRIA DA ASCENSÃO DE HAFEZ  
AL-ASSAD (1970-2000) À PRESIDÊNCIA DE BASHAR AL-ASSAD (2000-2010)**

**Porto Alegre**

**2016**

**YASMIN MOHAMMED**

**O NACIONALISMO ÁRABE E O PARTIDO BAATH:  
UMA ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA DA SÍRIA DA ASCENSÃO DE HAFEZ  
AL-ASSAD (1970-2000) À PRESIDÊNCIA DE BASHAR AL-ASSAD (2000-2010)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro

**Porto Alegre**

**2016**

CIP - Catalogação na Publicação

Mohammed, Yasmin

O nacionalismo árabe e o partido Baath: uma análise da política externa da Síria da ascensão de Hafez al-Assad (1970-2000) à presidência de Bashar al-Assad (2000-2010) / Yasmin Mohammed. -- 2016.  
91 f.

Orientador: Henrique Carlos de Oliveira de Castro.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Síria. 2. Política externa. 3. Hafez al-Assad. 4. Bashar al-Assad. I. Castro, Henrique Carlos de Oliveira de , orient. II. Título.

**YASMIN MOHAMMED**

**O NACIONALISMO ÁRABE E O PARTIDO BAATH:  
UMA ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA DA SÍRIA DA ASCENSÃO DE HAFEZ  
AL-ASSAD (1970-2000) À PRESIDÊNCIA DE BASHAR AL-ASSAD (2000-2010)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 11 de março de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Orientador Henrique Carlos de Oliveira de Castro  
UFRGS

---

Prof. Dra. Sonia Maria Ranincheski  
UFRGS

---

Prof. Dr. Luiz Dario Teixeira Ribeiro  
UFRGS

---

Prof. Dr. João Ignacio Pires Lucas  
UCS

## AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a *Allah* e aos meus pais, que juntos sempre me dão força para perseguir meus sonhos, me dão o suporte necessário para ter chegado até aqui, e regam a minha vida de bênçãos.

Agradeço ao meu orientador Prof. Henrique Carlos O. Castro por todo o suporte e ajuda, seus pareceres, questionamentos e dicas foram imprescindíveis.

À capes e à UFRGS, o meu muito obrigada, pelo financiamento e oportunidade.

Agradeço aos meus irmãos Chady, Hanin e Farouk e aos meus amigos sírios e palestinos por responderem a variadas questões que contribuíram na realização da investigação.

Finalmente, sempre: *alhamdulillah, wa al-shukrulillah.*

سائليني يا شام  
سائليني حين عطرت السلام كيف غار الورد و أعتل الخزام  
و أنا لو رحت استرضي الشذا لانتنى لبنان عطرأ يا شام  
ضفتاك أرتاحنا في خاطري و إحتمي طيرك في الظن و حام  
نقلة في الزهر أم عندلة أنت في الصحو و تصفيق بمام  
أنا إن أودعت شعري سكرة كنت أنت السكب أو كنت المدام  
رد لي من صيوتي يا بردي ذكريات زرن في ليا قوام  
ليلة ارتاح لنا الحور فلا غصن إلا شج أو مستهام  
وجعت صفصافة من حسنها و عرى أغصانها الخضر سقام  
تقف النجمة عن دورتها عند ثعربين و ينهار الظلام  
ظمئ الشرق فيا شام اسكبي و إملني الكأس له حتى الجمام  
أهلك التاريخ من فضلتهم ذكرهم في عروة الدهر وسام  
أمويون فإن ضقت بهم الحقوا الدنيا ببستان هشام  
أنا لست الغرد الفرد إذا قلت طاب الجرح في شجو الحمام  
أنا حسبي أنني من جبل هو بين الله و الأرض كلام  
قمم كالشمس في قسمتها تلد النور و تعطيه الأنام  
Said Akl (1960) Saalini ya Sham.

*“The Arabs cannot make war without Egypt or make peace without Syria.”*

Henry Kissenger (1975).

## RESUMO

Esta dissertação propõe analisar os processos de mudança e continuidade na política externa síria. Em 2000, Bashar al-Assad ascende ao poder, após a morte de Hafez al-Assad, realizando reformas internas no que concerne ao aparato econômico e político. As mudanças ocorridas foram limitadas quanto ao aspecto da concentração de poder, porém houve abertura ao capital externo e a nomeação de novos tecnocratas com educação obtida no exterior, o que acarretou uma maior flexibilização em relação ao forte poder político militar que perdurou durante o governo de Hafez al-Assad. Ademais, procura-se demonstrar que o novo contexto internacional resultado dos ataques de 11 de setembro (2001) e a alteração da geopolítica regional com a invasão e a ocupação do Iraque (2003) catalisou junto à posse de Bashar al-Assad uma reorientação da política externa, apesar de manter os princípios políticos de Hafez. É do escopo desta dissertação, portanto, analisar como Bashar lidou com os novos obstáculos impostos à Síria pela intervenção norte-americana no Oriente Médio, assim como, a influência política síria nos países vizinhos.

**Palavras-chave:** Política externa. Síria. Bashar. Hafez. Mudança. Continuidade.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to analyze the processes of change and continuity in Syrian foreign policy. In 2000, Bashar al-Assad ascends to the Syrian's power after the death of his father Hafez al-Assad, with his promises of carrying out new internal reforms concerning the economic and political apparatus. The changes he had so far were limited, as the aspect of his concentration power, but there was openness to foreign capital and the appointment of new technocrats, with education obtained abroad leading to greater flexibility in relation to the strong military political power that lasted for the government Hafez al-Assad. In addition, the research demonstrated the new international context result from the 11 September (2001), and the change in regional geopolitics with the invasion and occupation of Iraq attacks (2003), catalyzed by the rise of Bashar al-Assad a reorientation of foreign policy while maintaining the political principles of Hafez. The scope of this dissertation also examine how Bashar dealt with new obstacles to Syria imposed by US intervention in the Middle East, as well the influence of Syria politics in the neighboring countries.

**Keywords:** Foreign Policy. Syria. Bashar. Hafez. Change. Continuity.



## RÉSUMÉ

Cette mémoire vise à analyser les processus de changement et de continuité dans la politique étrangère syrienne. En 2000, Bachar el-Assad a accédé au pouvoir après la mort d'Hafez el-Assad, en effectuant des réformes internes en matière du appareil économique et politique. Les changements qui ont eu lieu ont été limités en regard l'aspect de la concentration du pouvoir, mais il y avait l'ouverture aux capitaux étrangers et la nomination de nouveaux technocrates qui ont étudié à l'étranger, ce qui conduit à une plus grande flexibilité en relation a la puissance militaire et politique très forte qui a duré pendant le gouvernement d'Hafez el-Assad. De plus, nous essayons de démontrer que le nouveau contexte international résultant des attentats du 11 septembre (2001) et le changement dans la géopolitique régionale avec l'invasion et l'occupation de l'Irak (2003) ont catalysé avec la possession de Bachar el-Assad une réorientation de politique étrangère, bien qu'en maintenant les principes politiques d'Hafez. C'est l'objectif de cette mémoire, par conséquent, d'examiner comment Bachar a travaillé avec de nouveaux obstacles imposés à la Syrie par l'intervention américaine au Moyen-Orient, aussi bien que l'influence politique syrienne dans les pays voisins.

**Mots-clés :** Politique étrangère. Syrie. Bachar. Hafez. Changement. Continuité.

## ملخص

يهدف هذا البحث إلى تحليل المراحل العملية للتغيير والاستمرارية في السياسة الخارجية السورية. في العام 2000 صعد بشار الأسد إلى سدة الرئاسة السورية بعد وفاة والده حافظ الأسد، مع وعودات له بتنفيذ إصلاحات داخلية جديدة تتعلق بالجانب الاقتصادي والسياسي. التغييرات التي وعد بها كانت محدودة مقارنةً بقوة وسلطة الرئيس، ولكن كان لديه انفتاح على السياسة الخارجية الدولية وتعيين حكومة تكنوقراط جديدة، ومن خلال التعليم الخارجي الذي تم الحصول عليه في الخارج ساهم ذلك بشكل أكبر على المرونة فيما يتعلق بالسلطة السياسية العسكرية القوية التي استمرت منذ حكومة حافظ الأسد. بالإضافة إلى ذلك، البحث يستعرض النتائج المترتبة على أحداث 11 سبتمبر (2001) من منظور السياق الدولي، والتغيير في الجغرافيا السياسية والإقليمية نتيجة غزو واحتلال العراق في عام (2003)، يحفزه صعود بشار الأسد ومن خلال إعادة توجيه السياسة الأجنبية مع الحفاظ على المبادئ السياسية للرئيس الراحل حافظ الأسد. ان نطاق هذا البحث يتركز أيضا في اختبار كيفية تعامل الرئيس بشار الأسد مع التحديات الجديدة في سوريا والتي فرضها التدخل الأمريكي في منطقة الشرق الأوسط، فضلا عن مدى تأثير السياسة السورية في دول الجوار.

**كلمات البحث:** السياسة الخارجية. سوريا. بشار. حافظ. تغيير. الاستمرارية.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1- Mapa Geográfico da Síria e suas Fronteiras ..... | 13 |
| Figura 2 - Mapa Geográfico da Região de Golã .....         | 48 |
| Figura 3 – Mapa da Bacia do Eufrates .....                 | 60 |

## LISTA DE ABREVIATURAS

|      |   |
|------|---|
| AKP  | Justice and Development Party (Partido da Justiça e do Desenvolvimento) |
| CIA  | Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência)           |
| EUA  | Estados Unidos da América   |
| OLP  | Organização para a Libertação da Palestina                              |
| ONU  | Organização das Nações Unidas   |
| PKK  | Kurdistan Workers Party (Partidos dos Trabalhadores do Curdistão)       |
| RAU  | República Árabe Unida   |
| UE   | União Europeia  |
| URSS | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas                             |

## SUMÁRIO

|          |  |    |
|----------|--|----|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 12 |
| <b>2</b> | <b>CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS</b> .....  | 20 |
| 2.1      | DEBATE TEÓRICO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....  | 20 |
| 2.2      | MUDANÇA DE POLÍTICA EXTERNA .....  | 22 |
| 2.3      | O PARTIDO BAATH NA SÍRIA .....   | 26 |
| 2.4      | CARACTERÍSTICAS DA POLÍTICA EXTERNA DE HAFEZ AL-ASSAD .....  | 33 |
| 2.5      | CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 39 |
| <b>3</b> | <b>DE HAFEZ A BASHAR: CONTINUIDADE NA POLÍTICA EXTERNA DA SÍRIA EM RELAÇÃO À ISRAEL E AO IRÃ</b> ..... | 41 |
| 3.1      | RELAÇÕES SÍRIA-ISRAEL.....   | 41 |
| 3.2      | A ALIANÇA ESTRATÉGICA ENTRE A SÍRIA E O IRÃ .....  | 50 |
| 3.3      | CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 55 |
| <b>4</b> | <b>BASHAR AL-ASSAD E A GEOPOLÍTICA REGIONAL: MUDANÇAS</b> .....  | 57 |
| 4.1      | RELAÇÕES SÍRIA-TURQUIA: JOGO DE INIMIZADE E AMIZADE.....   | 57 |
| 4.2      | RELAÇÕES SÍRIA-IRAQUE.....   | 65 |
| 4.3      | A RELAÇÃO SÍRIO-LIBANESA.....  | 72 |
| 4.4      | CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 77 |
| <b>5</b> | <b>CONCLUSÃO</b> .....   | 79 |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 83 |

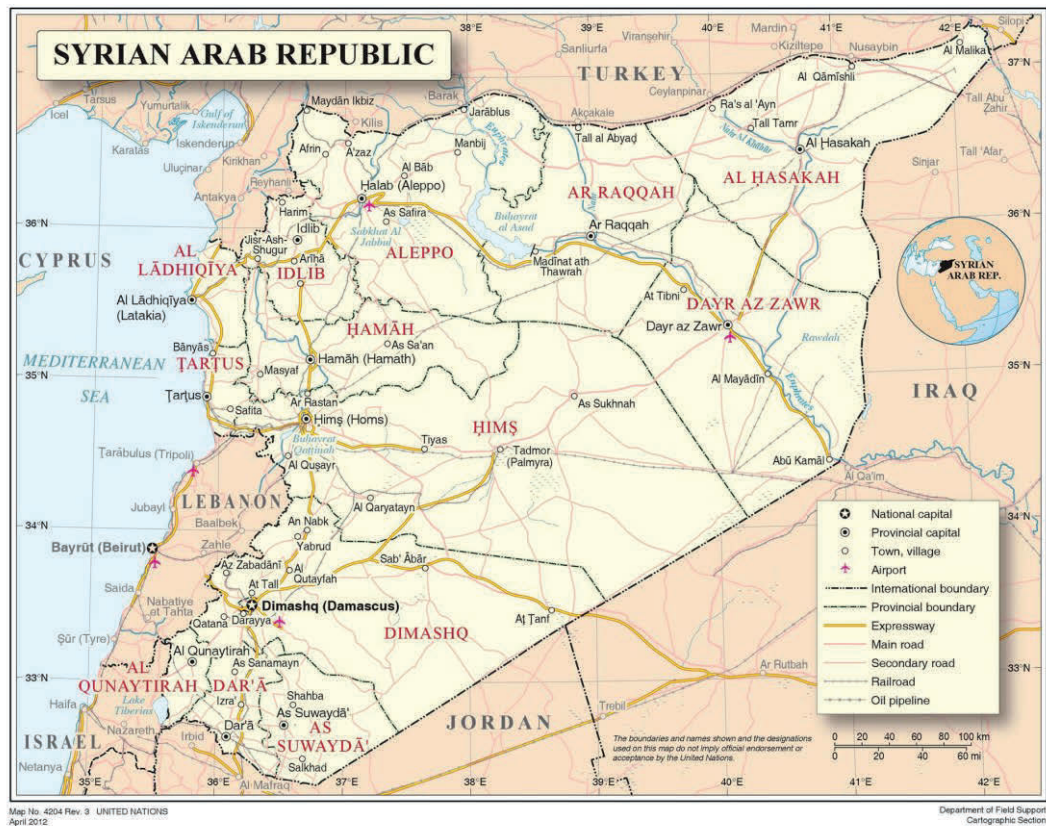
## 1 INTRODUÇÃO

A dissertação propõe investigar os processos de mudança e continuidade na política externa da Síria durante o governo Assad. A característica do Partido Baath, bem como a sua influência no aparato político sírio determinou o direcionamento da política externa de Hafez al-Assad que teve como ímpeto a busca pela liderança árabe e o reconhecimento da luta pela desocupação dos territórios árabes ocupados por Israel que prosseguiram na agenda política de Bashar. Nesse sentido, demonstrar que o contexto geopolítico regional abalado pela ingerência norte-americana no Oriente Médio através da guerra e a ocupação do Iraque (2003) provocou redirecionamentos na política externa de Bashar al-Assad para proteger a soberania síria e a estabilidade do país. Além disso, explanar os fatores geopolíticos que levaram a mudanças, a partir do segundo e o terceiro capítulo, os quais apresentam as relações pertinentes à política externa da Síria como o caso da relação com o Irã e Israel, em que permanece a condução política de Hafez a Bashar; e a análise das relações com a Turquia, Iraque e o Líbano, as quais demonstram as mudanças políticas geradas pelo novo contexto regional junto à posse de Bashar al-Assad ao poder na Síria.

O período da Guerra Fria determinou a orientação política na Síria, quando o Partido Baath Árabe Socialista tomou o poder através da revolução popular ocorrida em 1963. Em 1970, Hafez al-Assad assumiu o poder e introduziu reformas nas estruturas econômicas e sociais. Sua política era baseada na tese de que os Estados árabes eram divisões regionais de uma grande Nação Árabe (HINNEBUSCH, 2008). O país teve papel fundamental na Guerra dos Seis Dias (1967) e na Guerra do *Yom Kippur* (1973), durante as quais as forças israelenses ocuparam as Colinas de Golã. Além disso, a Síria se opôs à política dos EUA na região e aos acordos de *Camp David* (1978). Em 1976, as tropas sírias formaram a força de dissuasão árabe para estabilizar a guerra civil no Líbano e evitar a partição do Líbano.

Síria, oficialmente República Árabe da Síria (em árabe: الجمهورية العربية السورية *al-jumhūriyyah al-arabiyyah as-sūriyyah*), é um país árabe no Sudoeste Asiático, e faz fronteira com o Líbano e o Mar Mediterrâneo a oeste, Israel ao sudoeste, Jordânia ao sul, Iraque a leste, e Turquia ao norte. A Síria atual, dentro dos limites territoriais, foi criada durante o mandato francês e obteve sua independência em abril de 1946, como uma república parlamentar. O pós-independência foi instável, e um grande número de golpes militares sacudiram o país no período entre 1949-1970. Conforme o mapa da Síria (Figura 1) há a ilustração da importância do país por sua posição estratégica regional.

Figura 1 - Mapa geográfico da Síria e suas fronteiras



Fonte: United Nations (2012b).

Sob o comando de Hafez al-Assad, a Síria alcançou trinta anos de estabilidade não visto anteriormente. O presidente sírio de religião alaúita<sup>1</sup>, teve suas origens do campesinato, obtendo educação militar posteriormente. O equilíbrio forçado que Hafez logrou na Síria dependeu de suas manobras entre os diversos interesses sociais e etno-confessionais, utilizando meios diplomáticos, expurgos a inimigos políticos e força coercitiva a qualquer manifestação contra a sua personalidade ou governo. Na conjuntura internacional e regional, apesar dos acontecimentos que definiram a ordem mundial como a queda do bloco soviético, que foi aliado ao governo de Hafez por cerca de vinte anos, e a Primeira Guerra do Golfo, a segurança doméstica da Síria não foi abalada. Desde a crise interna durante os anos de 1980 (a rebelião da Irmandade Islâmica<sup>2</sup>, a crise da saúde de Hafez e a tentativa de um golpe de poder pelo seu irmão Rifaat), o regime manteve-se estável (HINNEBUSCH, 2003).

<sup>1</sup> Os alaúitas são uma minoria religiosa muçulmana fundados pelo *Ibn Nussayr*, ligada ao ramo xiita, com forte devoção à Ali, genro e primo do Profeta Maomé, considerado pelos xiitas como o primeiro Califa *Rashidun*, ou, “O Bem Guiado”, representam cerca de 15% da população síria.

<sup>2</sup> A Irmandade Muçulmana da Síria (em árabe: *Al-Ikhwan al-Muslimun fi Suriya*) foi fundada após a Segunda Guerra Mundial, exatamente no dia 03 de fevereiro de 1945, por Mustafa al-Sibai e Muhammad al-Mubarak al-Tayyib, que eram amigos e colegas do fundador do Irmandade Muçulmana do Egito, Hassan al-Banna. A

A Síria é um Estado secularista e tem em sua identidade síria a retórica árabe nacionalista. Hafez al-Assad manobrava o seu apoio à questão palestina para garantir a popularidade no mundo árabe. Para defender os interesses sírios, o presidente manteve o posicionamento contrário a qualquer assinatura de um acordo de paz com Israel até que houvesse a devolução de todos os territórios árabes ocupados. Esse protagonismo na luta contra a ocupação israelense o distinguiu de outros líderes árabes como Anwar Sadat do Egito e o rei Hussein da Jordânia que assinaram acordos de paz com Israel (GHADBIAN, 2001). No entanto, Hafez al-Assad, inúmeras vezes, traiu a confiança dos palestinos liderados pelo Yasser Arafat, como no Setembro Negro (1970) que ocorreu na Jordânia e o massacre nos campos de refugiados palestinos no Líbano (1982), que resultou em dois mil mortos. O presidente sírio não interferiu no assunto e nem sequer pronunciou contra, apesar de que em ambos acontecimentos sua personalidade esteve envolvida indiretamente como será explicado nas próximas seções. A ambição em manter a influência territorial no que foi a Grande Síria<sup>3</sup> é o fator que dinamizou a política externa do governo Assad.

A passagem do governo de Hafez para seu filho Bashar al-Assad acarretou mudanças. Bashar, oftalmologista com formação no Reino Unido, foi considerado popularmente um representante da “inovação moderna e moderada” no aspecto político e econômico. Dessa maneira, a estrutura do regime e o processo de tomada de decisão apresentaram flexibilização, porém limitada, que passou a incluir não só as forças políticas de dentro do regime e as pretensões do presidente, mas também os interesses e as intenções do círculo em torno dele:

---

fundação do movimento foi o resultado da formação de organizações islâmicas em várias províncias sírias ao longo de uma década. Nos primeiros anos da independência da Síria, a Irmandade Muçulmana foi parte da oposição legal, e nas eleições parlamentares ocorridas em 1961 ganhou dez lugares. Após o golpe de 1963 que trouxe o partido Baath secularista e pan-arabista ao poder, ele foi proibido. A Irmandade desempenhou um papel importante no movimento sunita de resistência que se opôs ao Partido Baath, (dominada pela família Assad, alauítas, adicionando um elemento religioso do conflito com a Irmandade). Este conflito desenvolveu-se em uma luta armada no final de 1970 que culminou na revolta Hama de 1982, quando milhares foram mortos pelos militares. O governo sírio atribuiu à Saddam Hussein o apoio à revolta, o que acarretou o fechamento da fronteira entre os dois países, e o oleoduto entre Kirkuk, no Iraque e o porto sírio de Banias. Atualmente, a Irmandade Islâmica lidera a Coalização Nacional da Síria que se opõe ao governo de Bashar al-Assad. No entanto, a Irmandade Islâmica por ter sua estrutura formada e engajada no meio rural, não se apresentou forte como aparentou perante a sociedade, tanto que forças salafistas e radicais islâmicos predominam quanto ao poder de oposição a Bashar (RASSAS, 2014).

<sup>3</sup> A ideia da “Grande Síria” foi resgatada no período do mandato francês da Síria e do Líbano (1920), após o fim da Primeira Grande Guerra. A reminiscência da presença Assíria na região reforçou o desejo do estabelecimento de uma “Grande Síria” que se estenderia desde os Montes Zagros (fronteira entre Iraque e Irã), até as margens do Mediterrâneo Oriental, ocupando basicamente o Crescente Fértil. Esta tese inclusive alimentou a ideia da criação de um grande Estado Árabe que pudesse agregar todo este território. Alguns partidos nacionalistas como o Partido Nacionalista Sírio, fundado em 1932, utilizarão esta tese para justificar a manutenção de uma “Grande Síria”, que deveria alcançar até a Península do Sinai. Após os acordos secretos de *Sykes-Picot*, a região foi dividida entre o Reino Unido e a França. A “Grande Síria” do mandato francês, neste momento histórico, era formada pelos atuais Líbano, Síria e a província Turca de Hatay – em árabe: *Sanjaco de Alexandreta* (MOUBAYED, 2006).



família, conselheiros e políticos que disputaram o poder político residual disponibilizado pela morte do centralista Hafez al-Assad (LESCH, 2010). O novo gerenciamento político decorreu das alterações na geopolítica regional devido à queda do regime Baath no Iraque, à declaração da democratização política do mundo árabe pelos Estados Unidos da América (EUA), e às consequências dos eventos ocorridos no Líbano (a saída de Israel do Sul do Líbano, e logo após as pressões internas para a retirada das tropas sírias do território libanês).

Os desafios políticos apresentados no início do governo conduziram a prática de potenciais alternativas. Bashar convocou uma equipe de jovens para auxiliá-lo na condução de reformas econômicas, que capacitou a reestruturação social com altos níveis educacionais, qualidade em saúde e programas de modernização e capacitação empresarial. Nesse sentido, os tecnocratas que trabalharam para melhorar a condição econômica doméstica da Síria apresentaram logros, contudo, não tinham poder político de base. É importante destacar que a condição de vida da população síria melhorou significativamente no governo de Bashar, e em 2008, a cidade de Damasco, capital da Síria, foi considerada capital cultural do mundo árabe pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A preocupação de Bashar em realizar mudanças econômicas para gerar emprego e renda para a população síria, conduziu à deterioração gradual da forte presença militar no aspecto político, que mesmo os mantendo desde o governo de Hafez, como os clãs Makhluף, a família Kalbiyya e agentes de alto ofício alauítas e cristãos, não conseguiram prevenir o conflito que iniciou internamente em 2011 na Síria.

Essa pesquisa tem como motivação o fato de o Oriente Médio ter grande importância nas relações internacionais. Além de ter sido, historicamente, berço da civilização e de disputas por rotas comerciais, atualmente, a região é de extrema relevância no sistema internacional. A Síria possui papel determinante no mundo árabe visto a posição estratégica, poder de passagem de recursos energéticos pelo seu território, além de apresentar uma das maiores forças armadas árabes e ser um legítimo aliado da Rússia, desde a antiga União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS). Do ponto de vista geopolítico, a Síria é o epicentro do Oriente Médio, pois é um dos únicos países árabes a ser um Estado Secular e a manter os pilares de um nacionalismo árabe, além de ter uma grande participação regional, particularmente através do seu papel central no conflito árabe com Israel, que desde 1967 invadiu as Colinas de Golã, e pelo envolvimento ativo nos assuntos libaneses e palestinos. A escassez de estudos sobre o tema no Brasil, bem como a necessidade de coordenar dados complexos e de diversas opiniões, além da compreensão de um dos países que se apresenta mais instável atualmente, motiva esse estudo que visa a servir como investigação inicial para

o desenvolvimento futuro de pesquisas avançadas sobre o assunto. A Síria é pouco investigada, mesmo sendo um país que carrega a história milenar da civilização. A literatura sobre a política síria disponível no Brasil tem alcance muito limitado pois, muitas vezes, a história da Síria é tratada como um apêndice ou consequência da história europeia.

O objetivo desta dissertação é o estudo da Política Externa da Síria sob o governo de Bashar al-Assad (2000-2010) vista de uma perspectiva comparada com o governo de Hafez al-Assad (1970-2000). Para tanto, parte-se da hipótese central de que Bashar manteve a orientação geopolítica de seu pai, mas determinou novos rumos com o tempo, dado os desafios geopolíticos e contextos internacionais distintos. Assim, a partir do estudo da política externa de Bashar al-Assad, que sucedeu o presidente Hafez nos anos 2000, é possível caracterizar a continuidade da visão política internacional de Hafez al-Assad. Desse modo, é analisado o histórico da política externa do país e a influência de diferentes atores domésticos (Irmandade Muçulmana, Forças Armadas<sup>4</sup>, presidente, etc.) sobre a dinâmica política síria, assim como a interação da Síria com atores regionais. No âmbito extrarregional a figura dos Estados Unidos como ator que contribuiu para as mudanças na política externa da Síria.

Conforme a análise da atuação política de Hafez será mostrada que as características ideológicas do partido Baath interferiram nas escolhas geopolíticas, preponderando o nacionalismo árabe e a busca pelo equilíbrio de poder regional. A discussão da importância da estrutura política instaurada na Síria em 1970 com Hafez e que permanece ainda, uma “República Despótica”, um clima burocrático e a estrutura administrativa exercida por um poder central caracteriza o poder decisório político, porém, apresentando dissonâncias com Bashar, que deu uma pequena abertura à sociedade. Dessa forma, Bashar al-Assad dá continuidade a essa linha política, entretanto, após o atentado de 11 de setembro nos EUA (2001) e a guerra do Iraque (2003) surge um novo desafio à política exterior síria, o de manter o *status quo* e a soberania síria, com isso formula novas opções de política externa.

O nacionalismo árabe defendido pela Síria não só pelo presidente Hafez e Bashar al-Assad, mas também desde a independência síria da colonização francesa e a ascensão do partido Baath no poder celebra a importância da cultura árabe e do cientificismo árabe que revolucionou a civilização. A união política árabe através do patrimônio linguístico e histórico

---

<sup>4</sup> Quanto às forças armadas e a sua influência na Síria evidencia-se o serviço de inteligência como um dos maiores aparatos de interferência na política externa síria (HINNEBUSCH, 2003). *Mukhabarat* é o termo em árabe utilizado para designar as agências de inteligência nos países árabes. Os países do Ocidente denominam de Polícia Secreta, visto negativamente, pois há conotação de terror de Estado. Na Síria, existe o *Shu'bat al-Mukhabarat al-'Askariyya* (Departamento de Inteligência Militar); o *Idarat al-Mukhabarat al-Jawiyya* (Direção de Inteligência da Força Aérea) e *Idarat al-Mukhabarat al-Amma* (Serviço de Inteligência Geral).

comum é uma das premissas da ideologia. A libertação do colonialismo ocidental e o sentimento anti-otomano revigorou o nacionalismo árabe às luzes de lideranças patrocinadas pelo Egito, Síria e o Iraque. Especialmente em relação à Síria, a política definida pela cordialidade com o mundo árabe e a luta pela libertação dos territórios ocupados por Israel representa o arabismo que é fatal para os colonialistas. As sucessivas derrotas árabes na Guerra dos Seis Dias (1967) e *Yom Kippur* (1973) enfraqueceu o nacionalismo árabe como ideologia política abrindo espaço para novas formas ideológicas como o wahabismo proveniente da Arábia Saudita que vem se expandindo para outros países da região.

A Síria possui posição estratégica relevante no Oriente Médio. Consequentemente, a característica que prevalece na política externa síria como fator principal é a segurança. Durante os quarenta anos de regime Assad, a política externa obteve eficiência em manter a estabilidade interna e a legitimidade de poder até os anos de 2010. Para fins didáticos, o presente estudo será analisado através de uma delimitação temporal que proporciona uma melhor compreensão de fatores geopolíticos regionais e internacionais que protagonizaram algumas mudanças das relações sírias com países estratégicos na arena regional e global.

A política externa da Síria foi caracterizada por uma identidade nacionalista árabe. Como tal, a busca da liderança árabe na arena regional, o aprofundamento das relações com os países árabes vizinhos e a mediação no conflito árabe-israelense, sendo assim, a dinamização das negociações com Israel cuja finalidade é recuperar os territórios árabes ocupados ilegalmente pelo país israelense são os pivôs políticos do governo Assad (GHADBIAN, 2001).

A maior preocupação de Bashar al-Assad é a recuperação das Colinas de Golã ocupadas por Israel, assim, mantendo a estratégia política necessária para estabilizar o seu poder na região em relação à Israel e enfrentar as ameaças vindas do Ocidente. A reação de Bashar à pressão exercida pelos Estados Unidos sobre ele tem sido a de construir alianças com os países a nível regional e extrarregional (HINNEBUSCH, 2009). Desse modo, a política externa iniciada por Bashar al-Assad denota-se por uma maior acomodação com o Ocidente e reformas para a liberalização da economia.

O argumento é construído em cinco seções distintas: esta introdução, três capítulos e uma conclusão, quais sejam:

- a) a introdução apresenta o assunto investigado, contextualiza a história-política da República Árabe Síria, examina as questões de pesquisa e a metodologia a ser utilizada;

- b) o primeiro capítulo apresenta argumentos teóricos que explicam as escolhas de política externa de Bashar em relação à Hafez. Fornece uma breve introdução sobre o partido Baath, além da política externa síria vista pela ótica teórica realista focando a arena regional e global, assim, discutindo a manutenção política referente a alguns atores e a alteração no que concerne a outros;
- c) o segundo capítulo discute como Bashar al-Assad manteve a estratégia política de seu pai em relação a dois países: Israel e o Irã. A estratégia utilizada por Hafez e mantida sob Bashar é de sustentar a posição da Síria no Oriente Médio e equilibrar o poder em relação à Israel na região;
- d) o terceiro capítulo trata dos desafios geopolíticos ao qual o governo de Bashar foi submetido. Examina as mudanças geopolíticas no Iraque e no Líbano, além da Turquia, e como a política externa da Síria reagiu a elas;
- e) a última parte desta dissertação apresenta as considerações finais sobre o problema investigado, e uma perspectiva sobre o futuro da política externa da Síria.

A fim de explicar os fatores que contribuíram para um redirecionamento da Política Externa da Síria durante o governo de Bashar al-Assad será utilizado o método comparativo pelas diferenças, o qual será explicado pelos estudos de caso que tem intuito de examinar as políticas de Bashar em relação ao Iraque, Líbano, Turquia, Irã e Israel mostrando as transformações tidas desde a morte de Hafez al-Assad. A presente investigação se utiliza, para tanto, de inferência descritiva, de acordo com Gerring (2012). A variável dependente consiste nas mudanças na política externa da Síria no período analisado. As variáveis independentes são as dinâmicas da política doméstica da Síria, o contexto histórico, econômico e político nos campos regional e extrarregional, os interesses dos atores externos e a mudança de governo. A variável interveniente é as relações com os EUA e a identidade política síria no cenário internacional.

Para instrumentalizar este estudo, foi realizada revisão bibliográfica de fontes primárias (entrevistas oficiais concedidas a emissoras e discursos de Hafez e Bashar al-Assad) e secundárias sobre o assunto, bem como notícias vinculadas a jornais árabes, além de bibliografia árabe previamente analisada sobre o assunto. O propósito é apresentar a reorientação da política externa síria sob Bashar al-Assad em comparação a Hafez. Enfatiza-se as políticas de Bashar em relação ao Iraque, Turquia, Irã, Líbano e Israel. A dissertação também discute a política dos EUA para com a Síria de Bashar e a reação deste último. É

analisada a busca pelo equilíbrio de poder regional que é explicado pelas escolhas geopolíticas que caracterizam a análise de política externa do regime Assad.

Especial atenção para os trabalhos Hagan (1994), Hermann (1990), Walt (1998), Salloukh (2009) que serviram como principais referenciais teóricos para a realização desta investigação. Além disso, a dissertação se apoia nas obras de Seale (1990), Hinnebusch (2003), Hinnebusch (2008), Ghadbian (2001) e Chaitani (2007) como base de análise da construção da história política externa síria. Assim, foram utilizadas obras que fazem estudos de caso das relações sírias com determinados países estratégicos para a política externa da Síria, sendo elas: a obra de Gambill (2011) e Hinnebusch (2014) para as relações com o Iraque; Rubin (2008) e Ulutas (2009) para as relações com Israel; Gelbart (2010) e Goodarzi (2013) para analisar as relações com o Irã; Ertugrul (2012) e Altunisik; Tur (2006) para estudar as relações com a Turquia e, por fim Salloukh (2005) e Deeb (2013) para investigar as relações com o Líbano, entre outros.

Antes de desenvolver a segunda seção, é oportuno destacar as perguntas que regem esta pesquisa, quais sejam: Quais são os propósitos da política externa da Síria sob o Governo Assad? Por que houve mudanças na política externa sob Bashar em relação à Hafez? Essas são as questões de pesquisa que impulsionam esta dissertação. Utilizar argumentos descritivos que expliquem as opções de política externa de Bashar em relação à Hafez, introduzindo o estudo sobre o partido Baath. Ademais, mostrar que o período investigado sob o regime Assad teve em sua política regional e internacional suficiência para manter uma estabilidade interna e a legitimidade do poder, mas que pelos fatos atuais nota-se não mais suficiente.

## 2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Este capítulo compromete-se a fazer uma explicação realista da política externa da Síria dando ênfase a política externa a nível regional. O foco é a abordagem geopolítica explicando as diferentes características do ponto de vista realista. A teoria realista será adotada para análise da política externa da Síria, pois o Estado busca o equilíbrio de poder regional e a segurança doméstica. Nesse caso, há a introdução das características do partido Baath, bem como o processo de decisão política e a manutenção da identidade nacionalista árabe. O realismo defensivo de Stephen Walt colabora teoricamente na explicação do funcionamento e os principais objetivos da política externa da Síria sob o regime Assad.

Além disso, serão apresentados principais referenciais teóricos que descrevem o processo de redirecionamento da política externa do país, bem como os fatores que contribuíram para mudanças. Para tanto, o contexto histórico do governo Hafez al-Assad será remontado destacando as relações regionais e internacionais desde à sua adesão ao poder em 1970, assim como, a sucessão de poder nos anos 2000, quando Bashar al-Assad reafirma os pilares políticos de seu pai, porém apresentando alterações devido ao novo contexto regional e internacional.

### 2.1 DEBATE TEÓRICO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O debate teórico contemporâneo nas Relações Internacionais envolve três paradigmas concorrentes: o realismo, o liberalismo e o construtivismo. As teorias mostram a compreensão do comportamento dos Estados, bem como o seu papel para explicar a política internacional. Nesse sentido, o regime Assad durante os quarenta anos de governo apresentou a concentração de poder, sendo legitimado na personificação de um projeto de liderança nacionalista árabe, a resolução do conflito árabe-israelense e a devolução dos territórios árabes ocupados por Israel. A teoria que se encaixa para melhor explicar as escolhas políticas do governo Assad é o realismo, já que o equilíbrio de poder e a segurança do Estado é o que permeia a política externa da Síria.

O realismo aponta que os Estados são propensos a duradouros conflitos. Hans Morgenthau (1998) caracterizou que os estadistas têm a busca incessável pelo poder. O interesse pelo poder é advindo do objetivo em manter a segurança nacional. A teoria realista não representa uma única vertente, o pensamento realista progrediu durante a Guerra Fria. Desse modo, o realismo clássico representado por autores como Morgenthau e Reinhold

Niebuhr definem que os Estados, assim como, os seres humanos são dotados do desejo de domínio. A luta pelo poder e as guerras catalisaram, segundo o autor, a corrida por recursos bélicos e econômicos. A virtude da multipolaridade é ressaltada por Morgenthau (1998) e o mecanismo de equilíbrio de poder como formas mais estáveis no sistema internacional. Para Morgenthau (1998) a bipolaridade é prejudicial e causa instabilidade global.

O neorealismo de Kenneth Waltz apresenta seus argumentos baseado no sistema anárquico. Para Waltz, diferentemente de Morgenthau, a bipolaridade é mais estável que a multipolaridade. O efeito do sistema internacional incide diretamente sobre as potências que devem se proteger por conta própria. Desse modo, busca-se o equilíbrio de poder dos Estados considerados fracos em relação aos Estados fortes. Os Estados são submetidos à situação anárquica e para garantirem a segurança do país, agem independentemente da natureza humana (WALT, 1998).

Stephen Walt (2005) destacou em uma entrevista concedida a Universidade de Berkeley, em 2012, que os Estados Unidos no Oriente Médio devem intervir somente quando o equilíbrio de poder se apresentar ameaçado, caso contrário, manter apenas “bases militares pequenas e localizadas estrategicamente, além de relações “normais” com Estados como Israel e a Arábia Saudita, em vez de relações “especiais” contraproducentes como as atuais”. Para Walt (1998), a cooperação é o principal meio para um Estado ter presença internacional.

O realismo defensivo defendido por estudiosos como Robert Jervis, George Quester, e Stephen Van Evera determina que as guerras ocorrem com mais facilidade quando os Estados apresentarem poder ofensivo maior ou vulnerabilidade defensiva. Os Estados considerados “grandes potências” tendem a ter um poder defensivo fortalecido durante guerras, pois há uma exagerada percepção de ameaça e uma ideia relevante da eficácia militar. Para esses Estados fortes militarmente o ideal é criar um balanceamento de alianças para garantir a segurança e manter posturas defensivas, como a força de retaliação nuclear. Em casos de Estados que possuem características de ofensiva frágeis, a defesa e a cooperação entre as partes é a melhor maneira para não haver derrotas (WALT, 1998, p. 2).

Esta dissertação levará em consideração a teoria realista de Walt para explicar a política externa síria e suas escolhas geopolíticas em busca do balanço de poder na região. Desse modo, há o foco na geopolítica e nas mudanças na região árabe visando o *status-quo*, assim, Bashar al-Assad manteve as mesmas políticas de Hafez em relação a certos países vizinhos, ao mesmo tempo, realizou redirecionamentos de sua política externa a outros países regionais.

## 2.2 MUDANÇA DE POLÍTICA EXTERNA

A formulação da política externa envolve um processo complexo que é afetada pelo cenário internacional, percepções ideológicas e relações interpessoais. As Mudanças de Política Externa abrangem diversos níveis, desde mudanças significativas que acarretam rupturas a adaptativas conforme âmbito internacional. A principal tarefa do analista político internacional é ter a capacidade de explicar as maneiras pelas quais os Estados redirecionam suas políticas ou modificam políticas de outros Estados. A política externa não é estática, tende a mudar para atingir os seus objetivos.

O autor Holsti (1982) diferencia mudança de política externa de reestruturação. A reestruturação política ocorre em um curto espaço de tempo de forma dramática, enquanto que a mudança é gradual. Além disso, Holsti (1982) propõe quatro tipologias para caracterizar a política externa de um país: o isolamento, a dependência, a autossuficiência e a diversificação. A primeira tipologia (isolamento) é caracterizada pelo baixo nível de envolvimento externo combinado com o exclusivismo político, evitando compromissos militares e diplomáticos. A segunda tipologia (autossuficiência) é marcada pela diversificação das trocas comerciais, diplomáticos e contatos culturais. No entanto, os níveis de transações ainda são baixos e os compromissos militares são evitados. Já a terceira tipologia (dependência) refere-se à situação em que as ações e transações externas estão em um nível bastante elevado, e a concentração em direção a outros países também elevados. Extensas ações externas e transações com muitos países diferentes caracterizam a quarta tipologia (diversificação). O autor aponta que a mudança de política externa pode ser tida da transição dentre os níveis que define o comportamento internacional do país.

Nesta mesma linha, Hagan (1994) analisou as relações em casos de potência regional ou global. Desse modo, considerou o processo de tomada de decisão como fator relevante para as mudanças de política externa, mesmo considerando a alteração do contexto internacional. A definição adotada pelo autor considera a possibilidade de diplomacia/confrontação no que concerne à dissolução de problemas com outros países e o ato de ação de política externa do Estado avaliando-se o grau de dependência ou não em relação a outros.

Hermann (1990) estabeleceu que a mudança de política externa pode ser tida de duas formas: a mudança que é resultado da troca de regime ou de transformação do Estado e a mudança que ocorre quando o governo existente decide redirecionar sua política externa. Esta última, por sua vez, ocorre quando os atores existentes mudam seu curso na política externa é



denominada pelo autor como “autocorreção”. Charles Hermann (1990) definiu quatro níveis distintos de mudança e reorientação de política externa do mais fraco ao mais forte: o primeiro nível é a mudança de ajuste que ocorre no nível de esforço para alcançar as metas maiores ou menores, sendo assim, o que é feito e como é feito permanecem inalterados; o segundo nível, a mudança de programa refere-se a alterações que são feitas nos métodos ou meios pelos quais os objetivos devem ser resolvidos. Assim, essa mudança pode incluir a participação de novos instrumentos. O terceiro nível enquadra a mudança de problema/objetivo quanto à situação em que o problema inicial ou objetivo são substituídos e os fins em si são renovados, e em última análise é a mudança na orientação internacional, a forma mais extrema da mudança de política externa, pois implica o redirecionamento total da orientação do Estado para o mundo, incluindo o seu papel internacional. O autor julga que há alterações na política externa a partir do nível 2 ao 4 (alteração no meio / programa, mudança nas metas ou problemas, e mudança na orientação geral). No caso da Síria, pode se dizer que o redirecionamento

No modelo de Hermann (1990) se enquadra a comparação da política externa de Hafez a Bashar. Bashar al-Assad redireciona sua política externa a nível de ajuste, mantendo o programa político de Hafez, porém com mudanças para alcançar as metas do governo. Desse modo, a estrutura da governabilidade e o processo de decisão político se mantem inalterados.

Os fatores geopolíticos regionais e internacionais que contribuíram para o redirecionamento da política externa síria no governo de Bashar al-Assad em relação a alguns atores, como o Líbano e o Iraque são: a saída israelense do território libanês em 2000, logo a grande vitória do *Hezbollah*; a pressão política libanesa para a retirada das tropas sírias do Líbano que estavam desde 1976; a eclosão, em 2000, da Segunda Intifada nos territórios palestinos ocupados devido à entrada do ex-presidente israelense Ariel Sharon (partido *Likud* – extrema direita israelense), na Esplanada das Mesquitas de *Al Aqsa*, em Jerusalém, local sagrado para os muçulmanos; os ataques de 11 de setembro 2001; a guerra anunciada por George W. Bush contra o terrorismo, consequentemente a ocupação do Afeganistão e do Iraque; a queda do regime de Saddam Hussein (partido Baath no Iraque), e o assassinato do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri em 2005.

Com a teoria realista de equilíbrio de poder, este capítulo identifica os fatores mais importantes para o desempenho da política externa síria, como o papel da política regional no Oriente Médio e a atuação em relação ao conflito árabe-israelense. A Síria de Hafez, e posteriormente governada por Bashar al-Assad tem por objetivo principal a recuperação das

Colinas de Golã ocupadas por Israel e a manutenção do apoio popular ao sistema governamental e à ideologia nacionalista árabe de liderança regional.

Abaixo há a apresentação dos pareceres pertinentes de especialistas em Oriente Médio sobre a caracterização da política externa síria e o gerenciamento político do governo Assad:

- a) Anders Strindberg (2004) – o autor baseia seu argumento no contexto regional vigente historicamente: em primeiro lugar, a ocupação dos territórios palestinos desde 1967 (Cisjordânia e a Faixa de Gaza), as Colinas de Golã ocupadas após a Guerra dos Seis Dias (1967) e em segundo plano, a ocupação do Iraque em 2003 pelos EUA. Essa conjuntura propiciou progressivamente o predomínio do sentimento de integração nacional, o que determinou o foco da política externa síria consoante o arabismo, o apoio a milícias palestinas (*Hamas*<sup>5</sup> e a Frente Democrática pela Libertação da Palestina) e a aliança com o *Hezbollah*<sup>6</sup> no Líbano;
- b) David Lesch (2010) – o autor argumenta que Bashar al-Assad promoveu a modernização da Síria e, assim, se preocupou mais com a política doméstica que a política externa diferentemente de Hafez al-Assad que realizou sua política pautada nos assuntos externos. Bashar destituiu e exilou o vice-presidente sírio Abed el Halim Khaddam (1984-2005), após a figura política ter denunciado erros estratégicos no Líbano e ameaças feitas por Bashar contra Rafik Hariri, ex-primeiro ministro libanês, assassinado em 2005. Khadam, de origem sunita, era um dos poucos oficiais do alto escalão sírio a representar os sunitas. O autor aponta a política de alianças que o governo Assad promoveu com os países regionais e o Ocidente. Nesse caso, o objetivo foi lançar a Síria como ator estratégico no Oriente Médio, e utilizar o apoio dado a grupos de resistência contra Israel para evitar um confronto direto e ter “cartadas na manga” para negociar com Israel. Mesmo Israel ter realizado ataques contra o território sírio, como o assassinato em Damasco de Imad Mughniyeh<sup>7</sup> em 2008

---

<sup>5</sup> O Hamas é um Movimento de Resistência Islâmica de origem palestina e de orientação sunita, inclui uma entidade filantrópica, um partido político e um braço armado (as brigadas de Izz ad-Din al-Qassam). É o mais importante movimento fundamentalista islâmico na Palestina, e controla a Faixa de Gaza.

<sup>6</sup> O nome Hezbollah significa em árabe partido de Deus, sendo a palavra Hezb = partido e Allah = Deus. É uma organização política e com atuação paramilitar islâmica xiita sediada no Líbano sob a liderança atual de Sayeed Hassan Nasrallah. Atualmente, o Hezbollah vem atuando militarmente na Síria em apoio à Bashar al-Assad.

<sup>7</sup> Imad Fayez Mughniyeh foi o principal líder militar e de operações do Hezbollah. Com um conhecimento elevado em aparatos militares e serviço de inteligência libanês, Mughniyeh foi assassinado pela explosão de um carro-bomba na cidade de Damasco em 12 de fevereiro de 2008. Israel negou autoria ao ataque, mas investigações sírias disseram que supostamente o Mossad realizou a ação.

e o ataque israelense em supostos depósitos de armamento em 2007, a Síria não revidou, o que para muitos que apoiaram o governo Assad foi uma decepção política e nacional;

- c) Fred Lawson (2007) – o autor caracterizou a política externa síria para com os vizinhos regionais como “política fraterna”. Lawson (2007) infere a teoria de Glenn Snyder (1984)<sup>8</sup> denominada de “*alliance dilemma*” para ilustrar as relações da Síria com o Irã, e a partir disso pode-se delinear a forma condutora política do governo Assad. Para manter o forte relacionamento com o Irã, a Síria teve de enfrentar a oposição de países vizinhos como a Turquia, Iraque (sob o governo de Saddam Hussein) e Israel, além de um ator extrarregional, os EUA. Nesse sentido, a Resolução 1559<sup>9</sup> do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas teve o propósito de enfraquecer a postura síria frente aos EUA e potências regionais que viam na aliança sírio-iraniana um perigo eminente no Oriente Médio;
- d) Marwan Kabalan (2010) – o autor define que o fio condutor da política externa síria é a segurança doméstica. Nesse sentido, o governo Assad foi capaz de reverter inimizades históricas a amizades convenientes para ter acesso a recursos externos com a finalidade de garantir a estabilidade do regime e a não intromissão externa em assuntos internos. Desse modo, Kabalan (2010) exemplifica o caso das relações sírio-iraquianas que mesmo o Iraque sendo governado por Saddam Hussein, inimigo de longa data da Síria, ambos países mantiveram relações econômicas, a Síria teve acesso ao petróleo iraquiano; já para Saddam Hussein foi uma maneira de driblar as sanções econômicas que assolaram o Iraque após a Segunda Guerra do Golfo.

---

<sup>8</sup> *Alliance Dilemma* de Snyder (1984, p.462) é fruto da obra *The Security Dilemma*, onde é dividida em duas fases: a fase primária ocorre durante o processo de formação da aliança e a secundária é quando já estão formadas as alianças. Com base na explicação realista de política externa entre os estados, sempre que um aliado adota uma postura de hostilidade moderada em direção a um adversário, o outro é propenso a se envolver em iniciativas que possam aprisionar os dois em conflitos indesejáveis. No entanto, se um parceiro assume uma postura excessivamente hostil em relação a um adversário, o outro tende a conter-se por medo de ser pego em uma guerra geral. Da mesma forma, quando um aliado faz propostas moderadas a um rival, o outro toma medidas para realinhar preventivamente. Mas se um parceiro age de uma maneira extremamente conciliatória em relação a um adversário, o outro é mais apto a sustentar a aliança do que a procurar novos parceiros. Faz sentido a ligação entre a aliança da Síria com o Irã e as suas políticas recentes em direção a Turquia, Iraque, Israel e exige uma reformulação do dilema aliança.

<sup>9</sup> A Resolução 1559 (2004) do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas determinou a saída das forças sírias do Líbano, a cooperação na investigação do assassinato do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri e o desarmamento do *Hezbollah* (UNITED NATIONS, 2004).

Dentre os diferentes pontos de vista, de acordo com a análise da política externa da Síria de Hafez a Bashar a se realizar nesta dissertação, a busca pela segurança doméstica durante os quarenta anos de governo foi o que moveu a política externa. Desse modo, as alianças formadas na gestão de política externa de Hafez, foram aperfeiçoadas ou deterioradas com a governança de Bashar, segundo a geopolítica regional e a defesa dos interesses sírios na região.

### 2.3 O PARTIDO BAATH NA SÍRIA

A ideologia Baath é fruto do nacionalismo do século XIX e do humanismo idealista do século XX. Os fundadores do Baath sírio adaptaram grande parte desses princípios devido à influência francesa como Henri Bergson e os nacionalistas alemães como Herder. Os documentos que definiram as ênfases ideológicas baathistas foram denominadas *Entalaqat* “ponto de partida” incorporadas ao congresso nacional em 1963. Os socialistas árabes sabiam da necessidade de um movimento nacionalista adequado às necessidades árabes. Conforme descreveu o assunto, Michel Aflaq (1910-1989), cristão da capital de Damasco, o socialismo é um meio para ressuscitar o nacionalismo do povo árabe, rumo a Grande Nação Árabe. A raiz ideológica do pan-arabismo Baath foi fundamentada na convivência histórica comum construída pelo Islamismo compartilhada com as mais diversas religiões e etnias da região árabe. Os povos locais tiraram proveito conjuntamente do cientificismo islâmico e do caráter de unidade política e espiritual. A visão de Aflaq conseguiu chegar ao público alvo, porém a abordagem intelectual Baath, muitas vezes, deixou de analisar o “realismo político” para implementar de forma coerente as políticas almejadas (GALVANI,1974). O contexto geopolítico que propiciou o nascimento do arabismo moderno de Aflaq foi a Primeira Guerra Mundial, quando os ingleses instam os árabes a lutarem contra o Império Turco Otomano, prometendo-lhes a formação de uma Grande Nação Árabe unificada. No entanto, secretamente o império britânico assinou o acordo conhecido historicamente como *Sykes-Picot*, que dividiu a região entre colônias inglesas e francesas, o que foi uma traição aos árabes. Nessa conjuntura, estabeleceu-se a Declaração de Balfour que culminou na partilha da Palestina<sup>10</sup> e na criação de um Estado judeu liderado por Ben Gurion (líder político e paramilitar do movimento sionista).

---

<sup>10</sup>A Resolução 181 da ONU (1947) determinou a partilha dos territórios palestinos em um Estado judeu e um Estado palestino (UNITED NATIONS, 1947). Com o fim do mandato da Liga das Nações e a incapacidade inglesa em fazer frente aos atentados terroristas de grupos sionistas, fator somado ao holocausto e o acordo de Haavara pavimentou o caminho para o estabelecimento do Estado sionista em 1948.

Palavras de Michel Aflaq proferidas em uma palestra na Universidade de Damasco em 1943.

[...] Hoje nós somos testemunha de um conflito entre o nosso passado glorioso e o presente vergonhoso. A personalidade árabe foi em nosso passado unificados em um só corpo, não havia divisão entre sua alma e seu intelecto, sem divisão entre sua retórica e sua prática, o aspecto privado e os seus códigos de conduta pública [...] Por outro lado, em nosso tempo presente, assistimos apenas uma personalidade fragmentada, uma vida empobrecida parcial [...] É tempo de removermos essa contradição e retornar à personalidade árabe em sua unidade, e tornar a vida unificada árabe mais uma vez [...] No passado, a vida de uma pessoa resumiu a vida de uma nação. Hoje, a vida de toda a nação em sua nova restauração deve tornar-se uma exposição detalhada da vida de seu grande homem. Muhammad foi todos os árabes. Deixe todos os árabes serem Muhammad hoje [...] A verdade evidente que ninguém pode negar que os árabes foram escolhidos porque possuem qualidades e características que lhes permitam cumprir essa missão. O século escolhido foi quando os árabes haviam amadurecido o suficiente e aperfeiçoou-se na medida em que lhes permitiu assumir esta missão e entregá-lo a toda a humanidade [...] O Islã era um movimento árabe. Seu significado foi a renovação árabe e sua perfeição [...] O muçulmano foi o árabe que acreditou nesta nova religião, porque atingiu as qualidades necessárias para compreendê-lo, o que em si constitui o salto do arabismo a unificação, poder e a civilização realizada (AFLAQ, 1943, não paginado, tradução nossa)<sup>11</sup>.

O partido Baath foi fundado em Damasco na década de 1940 como o original movimento nacionalista árabe secular para combater o domínio colonial ocidental. Em árabe a palavra *Baath* significa o renascimento ou ressurreição (AFLAQ, 1945). Funcionou como um partido pan-árabe com filiais em diferentes países árabes, apresentando forte predominância na Síria e no Iraque em 1963. Em 1966, o partido na Síria e no Iraque foram divididos em organizações rivais, principalmente por razões ideológicas – primeiro, no Iraque, o Baath foi unipartidarista e com uma postura mais centrista, já, na Síria, o Baath faz parte de uma grande frente e aliado fiel da URSS: a Frente Progressista Nacional (que engloba várias outras

---

<sup>11</sup>No original em árabe trad. Inglês Ziad al Jishi: “Today we stand witness to a conflict between our glorious past and shameful present. The Arab personality was in our past unified in one body: there was no divide between its soul and its intellect, no divide between its rhetoric and its practice, its private and its public codes of conduct. It was a fulfilled and rich life, where its intellect, spirit, and practice were working together, in harmony with its strong instincts [...] In contrast, in our present time, we witness only a fragmented personality, a partial, impoverished life. If intellect takes over, it becomes devoid of spirit, and if emotions enter it, its intellect exits. It is either dogmatic intellectually or pragmatically rash. As a result, it is ever lacking of its most essential (vital) forces. It is time we removed this contradiction and returned to the Arab personality in its unity, and make whole Arab life once again [...] In the past, one person’s life summarized the life of a nation. Today the life of the whole nation in its new revival should become a detailed exposition of the life of its great man. Muhammad was all the Arabs. Let all the Arabs be Muhammad today [...] The glaring truth that no one can deny is that the Arabs were chosen because they possess qualities and characteristics enabling them to accomplish this mission. The century chosen was when the Arabs had matured enough and perfected themselves to the degree that enabled them to take on this mission and deliver it to all humanity [...] Therefore, Islam was an Arab movement. Its meaning was Arab renewal and its perfection [...] The Muslim was the Arab who believed in this new religion because he attained the qualities required to understand it, which in itself constitutes the leap of Arabism to unification, power, and civilized accomplishment.

organizações pan-árabes, mais especificamente 11 partidos dominados pelo Baath), além de dois partidos comunistas legalizados na Síria (facções Khalid Bakdash e Yusuf Faysal), porém sem autonomia (HAY, 2012). Com a nova constituição síria aprovada em 2012, houve a criação de novos partidos com o intuito de realizar a abertura política, porém conforme as diretrizes constitucionais, é proibido haver base étnica ou religiosa nas criações partidárias (SYRIA, 2012).

Com o slogan atual *One Arab Nation with an Immortal Mission* e o slogan que promoveu o início dos trabalhos *Freedom, Unity, and Socialism*, o partido Baath na Síria inicia seus trabalhos em abril de 1947, formado pela fusão de Michel Aflaq e Salah al-Din Bitar (*Arab Ba'ath Movement*) e Zaki al-Arsuzis (*Arab Ba'ath*). Os objetivos principais do partido recém-formado são: o secularismo, o socialismo e a unificação árabe, e na conjuntura de descolonização, o baathismo prega o fim do colonialismo ocidental em territórios árabes. Vale ressaltar que o partido foi influente na obtenção da independência da Síria frente a França em 1946, porém houve confrontos inicialmente com elementos políticos progressistas e os mais nacionalistas internos (LANGLEY, 2013). No âmbito local, a disputa de poder pelo controle do país gerou uma série de golpes e contragolpes até 1971. De 1946 a 1958 a República da Síria foi governada por dez presidentes. O partido Baath em parceria com o Partido Comunista Sírio realizou uma ofensiva política para enfraquecer o poder dos partidos conservadores na Síria, entretanto, após o fato o partido comunista enfraqueceu o partido Baath, de tal forma que os baathistas aprovaram um projeto de lei solicitando a união com o Egito, um movimento que foi muito popular. Nasser foi o presidente da República Árabe Unida (RAU), durante a existência desta, de 1958 a 1961, resultado da união entre Egito e Síria. Com o fim da RAU em 1961 o partido Baath Sírio teve papel fundamental para a transformação política da Síria, sendo que em 1963 efetivamente toma o poder no país, e em 1964 muda o nome do Estado para República Popular da Síria, reforçando o caráter pan-arabista e socialista daquele Estado (MOUBAYED, 2006).

Nesse sistema de ideias, o elemento de reforma social e socialismo era a princípio sem importância, mas em meados da década de 1950 o Baath amalgamou-se como um partido mais explicitamente socialista. Nessa forma, sua influência espalhou-se na Síria e nos países vizinhos, Líbano, Jordânia e Iraque, e também nos da península Arábica. Seu apelo estendeu-se além dos estudantes e intelectuais perturbados por questões de identidade, foi particularmente grande entre a geração de oficiais do exército de origem provinciana humilde, e na classe operária urbana de migrantes do campo. Na década de 1950, houve alternâncias de domínio militar e governo parlamentar na Síria; numa situação de poder fragmentado, um partido que tinha uma política clara e apelo popular pode desempenhar um papel que excedia o seu número, e o Baath foi importante tanto no movimento que levou à formação da República Árabe Unida em 1958 quanto em sua divisão em 1961. Também no

Iraque, após a revolução de 1958, teve uma influência crescente (HOURANI, 2001, p. 285).

A constituição originária do partido Baath sírio tem em suas diretrizes a unidade e liberdade dos povos árabes e igualdade entre os sexos e religiões. A liberdade é a luta contra o colonialismo e imperialismo ocidental não só no aspecto político, mas também acabar com a dependência econômica. O direito à autossuficiência econômica e à independência cultural (manutenção da naturalidade da cultura árabe), além do socialismo Baath árabe como dogma sociológico para reger a unidade árabe, a grande nação árabe (BAATH ARAB SOCIALIST PARTY, 2015).

Os princípios normativos do partido Baath foram aprovados pelo Congresso Nacional realizado em julho de 1980, baseados no “estatuto interno” (em árabe = *nizam dakhili*). As normas que norteiam a constituição possuem grande semelhança aos do partido comunista no século XX. De acordo com o site oficial do partido Baath, a disposição organizacional do partido é voltada para ser uma superestrutura transnacional “Comando Nacional”. É relevante notar a importância do comando militar sob os organismos ministeriais.

É evidente que houve o declínio do pan-arabismo pela divisão do partido Baath na Síria e no Iraque, o que acarretou o enfraquecimento do comando nacional. Tanto na Síria, quanto no Iraque a ideologia baathista passa a ser secundária, e não houve qualquer atividade intelectual para o desenvolvimento ideológico do partido. Os políticos se mantêm doutrinados apenas pelo slogan do partido, não tendo conhecimento dos fundamentos. Os órgãos do partido Baath mais relevantes na Síria e que tem supremacia frente a outros organismos são o Comando Nacional Árabe e as Forças Armadas e Segurança, apesar de existirem outros órgãos governamentais com menor relevância (HINNEBUSCH, 2008).

Além disso, nem sempre a Síria demonstrou aptidão aos pilares do Baath sírio, por exemplo, na guerra entre o Irã e o Iraque, a Síria se posicionou ao lado iraniano, contrapondo-se à solidariedade árabe. O nacionalismo árabe defendido pelo Baath foi se transformando propriamente em um nacionalismo sírio, defendendo os interesses particulares da Síria, com base na centralidade de Damasco para a nação árabe. O legado dos Omíadas (661-750) e Salah ad-Din (1193) é exaltado para argumentar o porquê de a Síria ser um importante líder histórico, pelo menos no território da antiga *Bilad al-Sham*<sup>12</sup> (Grande Síria). A Síria não se absteve de querer manter influência direta nos países que antes formavam a Grande Nação

---

<sup>12</sup>Aigle (2012), define *Bilad al-Sham* (de influência francesa) como um nome genérico para todo o Levante ou a região da Grande Síria. A região é por vezes definida como a área dominada por Damasco, importante centro regional. O território da Grande Síria englobava aproximadamente os atuais Estados da Síria, Líbano, Jordânia, Israel, Territórios Palestinos e a atual Província de Hatay na Turquia.

Síria: Palestina, Líbano, Jordânia e a Síria (atual). Isto é particularmente evidente no caso do Líbano, quando a Síria enviou tropas ao país para estabilizar a guerra civil libanesa. A identidade nacionalista árabe da Síria levou a apoiar as operações dos militantes nacionalistas palestinos *fedayeen* (aqueles que se sacrificam) contra Israel, que foi um fator-chave para provocar a guerra de 1967 entre árabes e israelenses em que Israel capturou as Colinas de Golã. Desde então, todo o comportamento da política externa síria girou em torno da recuperação de Golã, questão essa tratada como honra nacional e de legitimidade do regime (GALVANI, 1974).

O autor Chaitani (2007) define a influência da síria no Líbano da seguinte forma:

Controle do grande-fraterno Líbano nas últimas décadas serviram para a Síria atingir os seguintes objetivos: alcançar o peso regional e internacional; criou uma zona tampão contra Israel; tem sido uma fonte de riqueza para sírios bem colocados no exército e serviços de segurança, na elite política e da comunidade empresarial. Esses ativos e vantagens foram ameaçados pela crise após o assassinato de Hariri, mas não existe nenhuma prova de que a Síria esteja disposta e pronta a abandoná-los por completo. Com os seus aliados locais, a Síria irá persistir, e talvez até mesmo matar, para manter influência em Beirute, se não o controle direto (CHAITANI, 2007, p.10, tradução nossa)<sup>13</sup>.

A ênfase do partido Baath na identidade árabe favoreceu a popularidade do regime Assad perante o mundo árabe. Na arena regional, a Síria demonstra a disposição em sacrificar seus próprios interesses locais pela “Nação Árabe”, assim, esperando o mesmo do mundo árabe. Para tanto, a Síria utilizou dessa demanda para estabelecer o domínio ideológico no Líbano e a sua importância quanto ao conflito árabe-israelense (CHAITANI, 2007). Isso foi expresso nas Cúpulas da Liga Árabe, e na construção da relevância política síria a nível internacional.

Segundo a constituição Baath, a essência da Nação Árabe é definida por:

A nação árabe conseguiu realizar um grande papel na construção da civilização humana, quando era uma nação unificada. Quando os laços de sua coesão nacional foram enfraquecidos, o seu papel civilizador recuou e as ondas da conquista colonial que destruiu a unidade da nação árabe, ocuparam território, e saquearam seus recursos. Nossa nação árabe tem resistido a esses desafios e rejeitado a realidade da divisão, exploração, e atraso de sua fé em sua capacidade de superar essa realidade e voltar ao lugar da história, a fim de desempenhar, juntamente com as outras nações libertadas, o seu papel de destaque na construção da civilização e do progresso. Com

<sup>13</sup> No original em inglês: “Big-brotherly control of Lebanon has in recent decades served Syria well: it has lent it regional and international weight; it has provided a buffer against Israel; and it has been a source of wealth for well-placed Syrians in the army and security services, in the political elite and the business community. These assets and advantages were threatened by the crisis over Hariri’s murder, but there is no evidence that Syria is ready or willing to give them up altogether. With its local friends and allies, it will fight, and perhaps even kill, to retain a measure of real influence in Beirut, if no longer of direct control.”



o fim da primeira metade do século XX, luta do povo árabe foi se expandindo e assumindo maior importância em vários países para alcançar a libertação do colonialismo direto (BAATH ARAB SOCIALIST PARTY, 2015, não paginado, tradução nossa)<sup>14</sup>.

Em relação aos pilares políticos do Baath, deve-se ressaltar o secularismo do partido Baath, ou seja, não há diferenças entre muçulmanos e cristãos na pátria árabe, esse fator foi uma importante fonte de legitimidade. Essa laicidade política entra em conflito com constituições de países árabes, como a Arábia Saudita, que se baseia na lei islâmica no sistema jurídico do Estado denominada *Sharia*<sup>15</sup>. Os secularistas árabes viam como única forma de resolver os problemas multiconfessionais nos países árabes, a garantia de liberdade religiosa. Apesar disso, o regime Assad utilizou o Islã como instrumento para fortalecer o regime, isto é expresso nos esforços para alcançar a legitimidade islâmica para a minoria alauíta, demonstrado por Hafez al-Assad pelas participações em orações em mesquitas sunitas, promoção da cultura islâmica e construção de mesquitas. A posição do partido sobre questões islâmicas tentou conciliar a necessidade política por um lado, com a ideologia secular e modernista, tornando-se uma interpretação única sob medida sobre Islã, autenticando a liderança não-sunita num Estado de maioria sunita, e deslegitimando a oposição política radical, como a Irmandade Islâmica (HINNEBUSCH, 2005).

A importância dada ao complexo de segurança-militar é existente desde a tomada de posse de Hafez em 1970. O setor militar é um dos principais pilares do regime Assad, as suas funções não incluem só a defesa do país contra ameaças israelenses e turcas, mas também no âmbito doméstico coletar informações (em árabe= *mukhabarat*) e na luta contra o terrorismo. O caráter militar de Hafez vem desde a sua formação primária, e em seguida, foi enviado para completar sua formação com militares soviéticos na ex-URSS, sendo chefe das forças aéreas em 1964. Nas palavras de Hafez al-Assad, se denota a relevância política do aspecto militar a respeito das forças armadas sírias:

---

<sup>14</sup>No original em inglês: “The Arab nation managed to perform a great role in building human civilization when it was a unified nation. When the ties of its national cohesion weakened, its civilizing role receded and the waves of colonial conquest shattered the Arab nation's unity, occupied its territory, and plundered its resources. Our Arab nation has withstood these challenges and rejected the reality of division, exploitation, and backwardness out of its faith in its ability to surmount this reality and return to the arena of history in order to play, together with the other liberated nations, its distinctive role in the construction of civilization and progress. With the close of the first half of this century, the Arab people's struggle has been expanding and assuming greater importance in various countries to achieve liberation from direct colonialism”.

<sup>15</sup>O termo *Sharia* é o nome que se dá ao Direito Islâmico. Não há separação entre a religião e o direito, as leis são baseadas na escritura sagrada do Corão, principal fonte da jurisprudência islâmica, sendo a segunda mais importante fonte jurídica, a *Sunna*, que relata a vida e os caminhos do profeta Maomé.

O sofrimento do nosso povo na República Árabe Síria e através de sua luta contra o colonialismo é o nascimento do exército árabe sírio em 1946, uma expressão do orgulho deste povo, e seu compromisso com as tradições árabes que eleva o papel nacional, cultural e humanitário totalmente. O nascimento de Exército Árabe Sírio com a independência e a retirada das forças estrangeiras, o primeiro fruto da luta grave e longa travada por nosso povo durante mais de um quarto do século foi um caráter distintivo e brilhante sacrifício, colocando o povo árabe sírio em seu lugar natural, como parte da Grande Nação Árabe e em seu lugar de direito na Comunidade Internacional (ASSAD, 1971, não paginado, tradução nossa)<sup>16</sup>.

A formação do Estado sírio moderno e a consolidação das bases de poder Baath iniciaram-se a partir de 1970 até 1980 de maneira autoritária e restrita sob o governo de Hafez al-Assad que tomou posse por meio de um golpe militar. Apesar disso, desde 1990 iniciou-se a liberalização e flexibilização do regime sírio, que foi aprofundada nos anos 2000 sob o governo de Bashar al-Assad, devido a pressões internas (Irmandade Islâmica e opositores dentro do próprio Baath) e a pressões externas (EUA e União Europeia) (HINNEBUSCH, 2009). A estabilidade do governo e a busca pela manutenção da segurança doméstica da Síria foi atrelada ao projeto nacionalista árabe de Hafez. Para isso, o presidente sírio teve a habilidade de manter a concentração de poder por meio da rede de fidelidade criada em torno de sua figura presidencial, o que propiciou as bases para a estabilidade do regime Assad até 2010. No entanto, houve falhas na estrutura do regime, evidenciado por episódios de corrupção e abusos de poder, como no caso do grupo formado pelo irmão de Hafez, Rifaat, que foi expulso da Síria e exilado na França, devido a tentativas de golpe de estado contra Hafez. Rifaat liderou a chacina realizada em 1982 na cidade de Hama contra a Irmandade Islâmica, pois no período foi comandante do *Saraya al-Difaa* (chefe da defesa) no exército sírio (KABALAN,2010).

A construção do sistema de poder com base na criação de partidos políticos populares ligados ao Baath renovou a conduta política do país, o que Hinnebusch (2009) denominou de “autoritarismo populista” em contraste ao usual “autoritarismo burocrático” em que a repressão serve a classe capitalista. A concentração de poder nas mãos do presidente Assad teve abrangência não só no âmbito político, mas também no econômico, pois houve a nacionalização da economia. Ademais, o suporte dado aos palestinos *fedayeen* caracterizou a política do partido Baath pela luta contra a ocupação israelense em territórios árabes. O aparato institucional criado pelo regime Assad se baseou nos seguintes pilares de poder:

<sup>16</sup>No original em árabe: من معاناة شعبنا في القطر العربي السوري ومن خلال صراعه مع الاستعمار كانت ولادة الجيش العربي السوري في عام 1946 تعبيرا عن كبرياء هذا الشعب وتمسكه بتقاليد العربية المحببة وتجسيدا لتصميمه الأكيد على أن يؤدي دوره القومي والحضاري كانت ولادة الجيش العربي السوري مع الاستقلال وجلاء القوات الأجنبية الثمرة الأولى لنضال قاس وطويل خاضه شعبنا مدة. والإنساني كاملا تزيد على ربع قرن كان طابعها المميز التضحيات الكبيرة والبطولات الرائعة مما وضع الشعب العربي السوري في مكانه الطبيعي كجزء من الأمة العربية وفي مكانه اللائق وسط الأسرة الدولية

partido, exército, burocracia e o serviço de inteligência (*Mukhabarat*). Dessa forma, essa estrutura representou o equilíbrio de forças na sociedade síria, que incorporou forças sociais mais amplas incluindo as minorias<sup>17</sup>, camponeses sunitas e burgueses de Damasco, e reflete um certo consenso nas decisões do regime Assad entre seu eleitorado.

#### 2.4 CARACTERÍSTICAS DA POLÍTICA EXTERNA DE HAFEZ AL-ASSAD

A política externa de Hafez al-Assad foi determinada por um contexto de nacionalismo árabe na região, busca pela liderança do Oriente Médio e a luta pelo fim das ocupações israelenses nos territórios árabes. A personificação de Hafez perante o mundo árabe foi de respeito em virtude de sua atuação e patrocínio de ações contra Israel. Apesar disso, deve-se levar em consideração o episódio que ocorreu na Jordânia (1970-71), em que forças do exército jordaniano leais ao reinado Hashemita entraram em confronto com as organizações guerrilheiras palestinas da OLP, episódio denominado historicamente de “Setembro Negro”, que também foi considerado segundo o Egito sob Gamal Abdel Nasser, como um genocídio, pois fontes oficiais afirmam que morreram mais de 4 mil palestinos, mas à época Yasser Arafat afirmou que esse número passou de 20 mil mortes (JORDANIAN..., 2011). Nesse caso, de acordo com o autor Seale (1990), Hafez al-Assad nesse período era chefe da força aeronáutica síria, e sucedeu o governo de Nureddin al-Atassi<sup>18</sup> (1966-1970). Nureddin enviou tropas sírias e blindados com o propósito de proteger os palestinos de um massacre, porém o rei Hussein, por pressões israelenses, rompeu o ato de defesa da Síria em conjunto ao exército jordaniano, e fez com que as tropas sírias recuassem a ponto de deixar os palestinos sem apoio. O confronto teve como resultado a transferência das guerrilhas palestinas e da OLP para o sul do Líbano, e a deterioração das relações da OLP com a Síria. Posteriormente com a tomada de posse por Hafez, iniciou-se o financiamento de armas a guerrilhas palestinas opositoras à OLP. Ademais, a força aérea da Síria não entrou na batalha sob ordens de Hafez, esse ato criou disputas internas entre o partido Baath patrocinadas por

<sup>17</sup>Segundo a análise feita por Izady (2000) em *Syria Religious Composition*, o grupo religioso predominante na Síria são os Sunitas, com 68,4% da população, sendo os Alauitas o segundo maior grupo, com 11,3%, seguidos pelos Cristãos com 11,2%, os Drusos com 3,2% e os Xiitas com 3,2%. É importante destacar que esta sociedade também é caracterizada por minorias étnicas, como os curdos e armênios, que possuem um papel importante no país.

<sup>18</sup>Nureddin al-Altassi foi presidente da Síria a partir de fevereiro de 1966 a novembro de 1970. Em 1970, ele foi deposto pelo Salah Jadid em um golpe conjunto com Hafez al-Assad, seu ministro de defesa. De religião sunita, Atassi foi preso em Damasco, onde viveu de 1970 a 1992, sendo libertado da prisão e levado de avião a França para receber tratamento médico, e morreu no mesmo ano em Paris (NUREDDIN..., 1992).

Salah al Jadid<sup>19</sup> contra Hafez al-Assad, devido a ameaças de intervenção israelense contra as tropas sírias na Jordânia.

Conforme Seale (1990) explica sobre os trinta anos de presidência da Síria sob Hafez al-Assad, a política externa síria foi voltada a manter o equilíbrio de poder com relação à Israel, país considerado por Seale como o mais forte belicamente no Oriente Médio. Para o autor, o único país árabe relativamente compatível a Israel, em termos de poderes bélicos e influência estratégica na região é a Síria, sendo que os outros atores regionais apenas são utilizados por Israel como “fantoques” para atingir a Síria, esse é o caso do Líbano, Jordânia e os palestinos não só nos territórios palestinos ocupados, mas também nos campos dos refugiados palestinos em países árabes vizinhos. Dessa maneira, a conduta pragmática e estratégica de Hafez foi determinante para fazer da Síria o principal protagonista do nacionalismo árabe e da luta contra a ocupação sionista em territórios árabes, tornando o país um ator essencial no cenário regional. A ascensão de Hafez a liderança nacional, de origens camponesas e em um golpe sem derramamento de sangue, é ressaltado por Seale (1990) como fatores da personalidade de Hafez, que sempre agiu com cautela, paciência e coragem. O principal objetivo de Hafez era conter o Estado judeu dentro das suas fronteiras pré-1967, ou seja, antes da Guerra dos Seis Dias, e de verificar o aumento da influência regional síria através de um equilíbrio de poder entre árabes e judeus, entretanto, objetivo esse não realizado.

Hafez estava ciente de que a Síria após a guerra de outubro em 1973, não conseguiu recuperar as Colinas de Golã, e que este objetivo, bem como uma resolução aceitável para a questão Palestina, fez com que a negociação pela paz com Israel fosse inevitável. No entanto, para Hafez al-Assad o sucesso das negociações dependia de um equilíbrio de poder suficiente, aproveitando todas as oportunidades para contribuir a essa mudança. Hinnebusch (2008) enfatiza que a Síria utilizou da “guerra assimétrica” para tentar um acordo efetivo com Israel, nesse sentido, o Líbano tornou-se a arena de luta como meio de dissuasão militar para projetar negociações aceitáveis pela Síria, assim, a Síria financiou o *Hezbollah* no sul do Líbano. Consciente, também, que somente os EUA poderiam intermediar uma solução negociada, a

---

<sup>19</sup>Salah al Jadid era originalmente do Partido Nacionalista Social Sírio, porém tornou-se membro do Partido Baath. Compartilhava dos ideais nacionalistas de Gamal Abdel Nasser, fazendo parte do Movimento Nacionalista Árabe nos anos 1950, e foi forte apoiador da República Árabe Unida entre a Síria e o Egito. Salah al Jadid foi preso em 1970 por Hafez al-Assad, e morreu mais tarde em cárcere, pelo fato de ter sido contrário ao recuo do exército sírio no “Setembro Negro”, pois Jadid era o comandante das tropas sírias enviadas para ajudar a OLP na Jordânia, com apoio do Partido Comunista Sírio, denominando de Exército de Libertação da Palestina (MOUBAYED, 2006).

Síria demonstrou constantemente que poderia alcançar os objetivos dos norte-americanos, como a acomodação com o ocidente e a estabilidade regional.

O governo de Hafez promoveu as relações com os países do Golfo Pérsico<sup>20</sup> com intuito de obter apoio econômico. Da mesma forma, Hafez procurou estreitar as relações com o Egito, o maior e mais populoso país da região, desde 1989. É importante destacar, que essas relações foram interrompidas, durante dez anos, após Anwar Sadat ter assinado o acordo de paz com Israel em 1979. Segundo Ghadbian (2001), esta reaproximação ao Egito foi devido à redução do apoio militar da URSS para o regime sírio. No mesmo ano em 1990, durante o conflito iniciado pela invasão do Kuwait pelo Iraque, a Síria rapidamente se juntou a aliança anti-Iraque e enviou tropas a Arábia Saudita. Com o principal propósito de não isolar a Síria, Hafez soube criar alianças estratégicas, barganhando investimentos para a Síria de países como o Kuwait e a Arábia Saudita, conseqüentemente, coordenando as políticas com esses países para ter voz na Liga Árabe, e se aproximar do Ocidente.

A Revolução Islâmica no Irã em 1979 fez com que se aprimorassem as relações amistosas entre o Irã e a Síria, baseado em comuns adversários, Israel e o Ocidente. No que tange ao conflito árabe-israelense, Hafez al-Assad, articulou estrategicamente políticas regionais que deram a supremacia síria para manter o equilíbrio de poder contra Israel, assim, liderando os processos de negociações de paz com Israel com base na abrangência política síria quanto ao Líbano e à Palestina. Com a conjuntura dos Acordos de Oslo em 1993, a Síria negou negociar com Israel, pois defendia uma solução completa para o conflito árabe-israelense, exigindo a retirada completa de Israel dos territórios ocupados desde a Guerra dos Seis Dias em 1967. Apesar disso, a Jordânia assinou acordos de paz com Israel em 1994, além do estabelecimento de uma Autoridade Nacional Palestina na Cisjordânia e Faixa de Gaza.

Nesse sentido Hafez al-Assad disse:

A nossa preocupação é que a Nação Árabe construa um mesmo sistema, vida livre e independente, e o processo de construção das estruturas que foram abaladas pela colonização ocidental, e quem impediu essa construção é Israel. A ocupação israelense e quando dizemos a ocupação israelense deve-se lembrar direta e espontaneamente os Estados Unidos, porque Israel não foi capaz de ocupar a nossa terra e continuar seus ataques durante todos estes anos e alcançar uma expansão ao longo do tempo sem o apoio contínuo dos Estados Unidos economicamente, militarmente e politicamente, e esse é o problema que nós enfrentamos em uma base contínua, duradoura e impede de nossas aspirações legítimas e justas. Mas isso não significa que nós nos rendemos a esta realidade ou estamos satisfeitos com ele. Os povos honrados e justos, tem a sua vitória escrita, nós vamos libertar a nossa terra e vamos restaurar os direitos do nosso povo na Síria e na Palestina, continuando o

---

<sup>20</sup>O Golfo Pérsico fica localizado no Oriente Médio, entre a Península Arábica e o Irã. Os países que fazem parte do Golfo são: Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein, Kuwait, Iraque e o Irã.

processo de construção em nossos países como o trabalho na terra e as aspirações dos nossos povos no futuro (ASSAD, 1981, não paginado, tradução nossa)<sup>21</sup>.

A Síria habituou-se em manter canais de cooperação aberta com outros Estados internacionais, como países da América Latina, EUA, Rússia, Índia e China e, especialmente, o Irã e a Turquia, a fim de se certificar que não são isolados no plano internacional. Até o fim de 1980, a Síria teve um relacionamento progressivo com a URSS com o propósito de se apor ao apoio permanente do Ocidente à Israel. As relações entre a Síria e a URSS incluiu o intercâmbio de especialistas militares e civis sírios a estudarem na ex-URSS, o que culminou na assinatura do Tratado de Amizade e Cooperação em 1987. Concomitante a isso, Hafez al-Assad manteve a moderação e o pragmatismo político com relação aos EUA (DRYSDALE; HINNEBUSCH, 1991).

A Síria tinha já uma relação militar e econômica com a União Soviética cerca de 15 anos anteriores a ascensão de Hafez al-Assad ao poder. Com a primeira viagem de Hafez, como presidente da Síria, foi para a Rússia, houve o fortalecimento dos laços nos setores econômico e militar. As principais razões que levaram Hafez al-Assad a continuar os laços com a URSS foram segundo Sharnoff (2009): a não existência de uma outra alternativa senão a URSS em uma conjuntura mundial bipolar; o fato de que a Síria estabeleceu a sua estrutura militar e econômica de acordo com o modelo soviético desde a independência do país; e a proximidade do governo de Hafez ao regime soviético em termos ideológicos. O apoio prestado pela URSS à Síria nesse período teve duas razões principais: a estratégia de expandir a ideologia soviética, como forma de porta de acesso ao Oriente Médio para causar perdas de posição do bloco ocidental na região; e a necessidade de a URSS ter uma zona de influência e de acesso ao Mediterrâneo Oriental, por essa razão, a posição geoestratégica da Síria foi muito importante. A era de Hafez al-Assad correspondeu a melhor fase nas relações entre a URSS e a Síria. No governo de Bashar al-Assad se manteve a relação Síria-Rússia, porém com um relativo esfriamento em decorrência ao novo contexto internacional que promoveu como única superpotência militar, política e econômica os EUA.

<sup>21</sup>No original em árabe: السيد الرئيس: الهم المباشر لجمهورياتنا العربية هو أن تبني نفسها ونظام حياتها بشكل حر ومستقل وأن تحاول في عملية البناء أن تعوض الكثير مما فاتت في مراحل زمنية سابقة وخاصة منها المراحل الاستعمارية التي مرت بها والعثرة البارزة جدا أمام كل أهدافنا كانت دائما الاحتلال الإسرائيلي وعندما نقول الاحتلال الإسرائيلي نتذكر مباشرة وبشكل عفوي الولايات المتحدة الأمريكية لأن إسرائيل لم يكن باستطاعتها أن تحتل أراضيها وأن تستمر في اعتداءاتها طوال هذه السنوات وأن تطمح إلى تحقيق توسع وأن تحقق توسعا بين فترة وأخرى لولا الدعم المستمر والثابت من الولايات المتحدة اقتصاديا وعسكريا وسياسيا وهذه المشكلة هي التي تواجهنا بشكل مستمر ودائم وتقف أمام تطوراتنا المشروعة والعادلة. لكن هذا لا يعني أننا نستسلم لهذا الواقع أو أننا نرضى به. إن قضايا الشعوب العادلة مكتوب لها النصر ولا بد لقضيتنا العادلة أن تنتصر مهما تكن القوى المواجهة لنا وسنحرر أراضيها وسنستعيد حقوق شعبنا في سورية وفي فلسطين. وسنتابع عملية البناء في أقطارنا بالشكل المتلائم مع تطورات شعبنا إلى المستقبل.

No pós-Guerra Fria, a prioridade da URSS no Oriente Médio não era mais buscar aliados, mas sim parceiros econômicos significativos. No fim de 1980, a URSS, sob o comando de Gorbachev, estabeleceu relações diplomáticas com Israel, inimigo da Síria, o que seguiu a diminuição das relações entre a Síria e a URSS. Com a desintegração da URSS, a Síria passou a se voltar ao Ocidente, como foi evidenciado durante a crise do Golfo, quando a Síria apoiou a aliança internacional liderada pelos EUA. A ajuda militar e econômica fornecida pela ex-URSS estagnou, entretanto, a base de submarinos russo no porto de Tartus na Síria e generais russos continuaram a ser consultores militares e estratégicos do exército árabe sírio (DRYSDALE; HINNEBUSCH, 1991).

Nos anos 2000, após a morte de Hafez, Bashar al-Assad o sucedeu no poder através da aprovação do legislativo e judiciário que legitimou o processo de sucessão com a alteração do artigo 83 da constituição síria que determinava idade mínima de 40 anos, passando a ser de 34 anos, a fim de exercer o cargo de presidente da Síria. Em poucos dias, um referendo popular deu a vitória a Bashar com 97% dos votos (SYRIAN..., 2015).

A política externa de Bashar apresentou redirecionamentos em comparação a política de Hafez no cenário doméstico e regional. A nova geopolítica regional e internacional vigente durante o governo Bashar acarretou novos caminhos para a tomada de decisão de política externa. No plano regional, Bashar manteve a mesma política de Hafez em relação à Israel e ao Irã. Por outro lado, Bashar tomou novas medidas em sua relação com países como Líbano, Iraque e a Turquia. Com base na análise das políticas realizadas pelo regime Assad, identifica-se que o contexto geopolítico influenciou diretamente nas escolhas de política externa, destacando o papel das mudanças contínuas no Oriente Médio nos primeiros dez anos de governo de Bashar na Síria (LESCH, 2010).

Na véspera da formação do novo governo, o coronel Bashar al-Assad afirmou em entrevista ao jornal *al Hayat*:

[...] A mudança é necessária em todos os setores relacionados com a vida dos cidadãos, tais como a economia, meios de comunicação, o sistema educativo, a tecnologia e as relações entre o campo e a cidade, além das relações da Síria com o mundo exterior, e a burocracia, bem como uma mudança em alguns costumes e tradições. O país precisa de mudanças mais do que nunca [...] A minha ambição é servir e não ser presidente [...] O novo governo é de competência, integridade e competência na gestão, quando esses três elementos estiverem disponíveis, vamos atingir a qualidade do governo que queremos [...] Queremos primeiro descobrir o que as pessoas pensam e então coordenar a liderança, o partido e os empresários, além de todos os segmentos da sociedade, não há dúvida de que existem diferenças de

opinião, mas o objetivo é criar oportunidades. Há abertura econômica, mas a questão é sobre o nível de abertura (ASSAD, 2000a, tradução nossa)<sup>22</sup>.

Na arena internacional, Bashar continuou com a política estratégica de seu pai, fortalecendo as alianças com o Ocidente. No que tange aos EUA, Bashar soube ser pragmático, fornecendo informações sobre terroristas da Al Qaeda para a CIA. De acordo com a análise de Hinnebusch et al. (2010), no período dos anos 90 sob o governo de Hafez, os EUA tentaram arbitrar um acordo de paz entre a Síria e Israel, entretanto, fracassado. Por sua vez, com o governo de Bashar inicia a retaliação norte-americana pelo fracasso político nas negociações com a Síria, com a chegada de Bush no governo dos EUA e de Ariel Sharon do partido radical *likud* em Israel, o que tornou a situação mais complicada, por ambos terem como objetivo criar sanções econômicas contra a Síria. Os EUA promulgaram a Lei de Responsabilidade Síria (2004)<sup>23</sup>, sendo assim, uma série de ações contra a Síria como tentativa de isolá-la politicamente, além da crise libanesa, quando acarretou a retirada do exército sírio do Líbano devido em grande parte à pretensão norte-americana de criar inimizades para a Síria. Embora a conjuntura regional ter sido difícil, Bashar soube driblá-la, fortalecendo a economia doméstica e realizando reformas estruturais no setor político e econômico, através da criação de alianças com países estratégicos como a Rússia e a China.

Com a chegada de Vladimir Putin ao poder na Rússia, houve o retorno das fortes relações até então estagnadas. A Síria é um aliado confiável para os russos do ponto de vista político no Oriente Médio. A importância da Síria economicamente para a Rússia é evidente, devido às rotas comerciais que unem a Europa com países do sul, sudeste e leste asiático que apresentam um desenvolvimento econômico contínuo. Além disso, a importância política e estratégica para Moscou, visto que a região árabe influencia a segurança interna da Rússia com as correntes islâmicas extremistas que causam ataques no Cáucaso (LAWSON, 2013).

Em entrevista realizada em 2009, na conferência de imprensa *Sky News*, Bashar demonstrou a sua astúcia política no que se refere aos EUA:

<sup>22</sup>No original em árabe: التغيير ضروري في كل القطاعات المتعلقة بحياة المواطنين ، مثل الاقتصاد والإعلام والنظام التعليمي والتكنولوجيا نحن في حاجة . والعلاقة بين الريف والمدينة وعلاقات سورية مع العالم الخارجي ، والبيروقراطية ، إضافة إلى تغيير في بعض العادات والتقاليد إلى التغيير ، نحتاج إليه اليوم أكثر من أي وقت طموحي هو خدمة بلدي وليس أن أكون رئيساً وضحاً أن الصفات المطلوبة في الحكومة الجديدة فضل طريقة ، إننا [...] هي " الكفاءة والنزاهة والمهارات الإدارية ، فإذا توافرت هذه العناصر الثلاثة فإننا سنحقق نوعية الحكومة التي نريد نريد أولاً معرفة ما يفكر فيه الناس ثم التنسيق مع القيادة والحزب ورجال الأعمال وكل فئات المجتمع ، لا شك في أنه ستكون هناك خلافات في وجهات النظر ، لكن الهدف هو خلق فرص للمواطنين نحو الانفتاح الاقتصادي ، لكن السؤال هو عن مستوى هذا الانفتاح

<sup>23</sup>A Síria foi designada como País Patrocinador do Terrorismo em dezembro de 1979. Outra série de sanções foram aplicadas em maio de 2004, com a emissão do Ato do Executivo 13338, que implementou a Lei de Responsabilidade da Síria e de Recuperação da Soberania do Líbano de 2003 e impôs medidas adicionais de acordo com a Lei de Poderes Econômicos Internacionais para Situações de Emergência. Atos do Executivo subsequentes impuseram mais sanções visando, entre outros, ao presidente da Síria (UNITED STATES OF AMERICA, 2011).



É normal ter diferenças entre culturas diferentes, entre diferentes nações e estados. Mas eu acho que os Estados Unidos têm um papel especial como a maior potência. Sou a favor, em princípio, de retomar as negociações indiretas com Israel, desde que se encontre o mediador certo. Também, faço o convite ao presidente Barack Obama para que venha em solo sírio para discutir a paz na região (ASSAD, 2009, não paginado, tradução nossa)<sup>24</sup>.

O principal instrumento utilizado para dinamizar a liberalização da economia da Síria foi o acordo internacional, especificamente a Parceria Euro-Mediterrânea<sup>25</sup>, que promoveu a abertura da economia, e criou um capitalismo competitivo no país, com a instalação de bancos privados, multinacionais, companhia de seguros, comércio e a liberalização de moeda estrangeira (NONNEMAN, 2005). O “autoritarismo modernizador” realizado por Bashar, apesar dos empecilhos impostos pelos EUA em decorrência do seu apoio irrestrito ao *Hezbollah* no Líbano, pela capacidade de a guerrilha atingir foguetes diretos a Israel e a envolver as forças israelenses a guerra assimétrica, fez com que Bashar procurasse construir alianças múltiplas, a nível regional e internacional, para diluir as pressões externas (DOSTAL; ZOROB, 2009).

## 2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hafez al-Assad utilizou habilmente a política externa de forma a tornar a Síria um ator central nos assuntos regionais. A manutenção da segurança doméstica na Síria e a centralização do poder com o fortalecimento do Comando Nacional e o serviço de inteligência sírio (*mukhabarat*) atrelado ao projeto nacionalista árabe o tornou um forte líder árabe. O presidente sírio driblou as tentativas de golpes, como a de seu irmão Rifaat, que posteriormente foi exilado na França, e hoje é um dos líderes da Coalizão Nacional da Síria – atual oposição política e armada ao governo de Bashar al-Assad- e a revolta na cidade de Hama (1982) em que a Irmandade Islâmica realizou manifestações contra o governo de Hafez, onde milhares foram mortos pelos militares sírios. Apesar da oposição política, Hafez conseguiu manter trintas anos de governo com relativa estabilidade.

<sup>24</sup>No original em inglês: “It’s normal to have differences between different cultures, between different nations and states. But I think the United States has a special role as the greatest power. I am favorable in principle of renewing indirect talks with Israel, provided the right mediator could be found. Also, I do the invitation to President Obama to come on Syrian soil to discuss peace in the region”.

<sup>25</sup>A Parceria Euro-Mediterrânea é composta por 25 países da União Europeia e 10 países do Mediterrâneo (Argélia, Egito, Israel, Jordânia, Líbano, Líbia, Marrocos, Palestina, Síria, Tunísia e Turquia). A Síria assinou o acordo em 2004 com a União Europeia. Atualmente, o acordo está pausado em relação à Síria e Líbia, pelos conflitos locais. (EUROPEAN COMMISSION, 2015).

A ênfase do partido Baath na identidade árabe favoreceu a popularidade do regime Assad perante o mundo árabe. Para tanto, a Síria utilizou dessa demanda para estabelecer o domínio ideológico no Líbano e a sua importância quanto ao conflito árabe-israelense. Esse aspecto ideológico é resultado da história do Estado-nação *Bilad al-Sham* que existia antes da derrota turco-otomana na Primeira Guerra Mundial e o Acordo *Sykes-Picot* que dividiu a região em Estados menores onde se situam hoje o Líbano, a Síria, a Jordânia e os Territórios Palestinos Ocupados. Desse modo, o regime Assad deteve o controle do Líbano (até o assassinato do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri em 2005) e das facções palestinas; pressionou Israel por meio do *Hezbollah* sem engajar-se em qualquer luta militar nas Colinas de Golã; também apresentou na arena internacional fortes relações com a URSS e, ao mesmo tempo, conexões com os EUA, que reconheceu a Síria como um “jogador” fundamental na região.

Quanto a Bashar al-Assad, ao longo do período analisado que vai de 2000-2010, identifica-se a continuidade à gestão de política externa de seu pai, porém apresentando mudanças conforme a geopolítica regional pertinente. A segurança doméstica e o equilíbrio de poder foram fatores perseguidos por Bashar, mantendo o status da Síria como ator essencial e central na região para negociações de paz com Israel. O destaque para o mandato de Bashar é o desenvolvimento econômico e social que ocorreu na Síria, apesar da imposição de sanções econômicas e políticas contra o país devido à derrota norte-americana na mediação por um acordo de paz entre Israel e a Síria, além da falta de apoio da Síria à invasão norte-americana no Iraque. Bashar fortaleceu a cooperação utilizando a política externa e articulando ativamente com os países em desenvolvimento, como a Turquia e a Rússia, além de ter firmado a parceria Euro-Mediterrânica com a União Europeia.

### 3 DE HAFEZ A BASHAR: CONTINUIDADE NA POLÍTICA EXTERNA DA SÍRIA EM RELAÇÃO À ISRAEL E AO IRÃ

O planejamento estratégico da política externa da Síria desde a sua independência está baseado em libertar os territórios árabes ocupados, recuperando os direitos dos palestinos e assegurando a cooperação árabe para alcançar essas metas. Os esforços diplomáticos da Síria foram iniciados com base em sua compreensão fundamental do seu papel na região, agindo como um equilíbrio de poder entre os atores regionais e internacionais, ao tentar manter boas relações com os seus vizinhos regionais, a Síria esforçou-se a ter uma política de cooperação com outros Estados árabes. Além disso, a Síria habituou-se em manter canais de cooperação aberta mundialmente, com países da América Latina, EUA, Rússia, Índia e China e, especialmente, o Irã e a Turquia, a fim de se certificar de que não são isolados no plano internacional.

Este capítulo irá mostrar que Bashar al-Assad manteve a mesma estratégia política de seu pai em relação à Israel e ao Irã, apesar dos novos desafios regionais apresentados a partir dos anos 2000. O foco político principal da Síria é de manter o equilíbrio de poder com Israel e o posicionamento estratégico da Síria no mundo árabe.

#### 3.1 RELAÇÕES SÍRIA-ISRAEL

Conforme analisado no primeiro capítulo, Bashar al-Assad manteve inalterados os propósitos de política externa da Síria sob o governo de Hafez, mas Mudanças de Programa foram realizadas em virtude da nova geopolítica regional e global. Em relação à Israel, Bashar al-Assad manteve o mesmo posicionamento e o programa de política externa de seu pai.

Cabe destacar novamente que o papel da política externa sob regime Assad foi de manter a posição da Síria estrategicamente forte no Oriente Médio e de equilibrar a força de Israel na região. Nesse sentido, Bashar al-Assad descreveu em entrevista a *Wall Street Journal* junto a conjuntura de sucessão à presidência da Síria, a preservação dos pilares políticos de seu pai e afirmou a manutenção da perseverança de retomar as negociações de paz com Israel.

Israel cometerá um erro se pensa que a sua retirada unilateral do Líbano é equivalente a paz com a Síria. Embora o presidente tenha saudado a intenção de Israel de se retirar do sul do Líbano, ele advertiu a Israel que a retirada não iria

esconder os numerosos problemas que ainda estão pendentes no processo de paz, especialmente a demanda síria que Israel tem de devolver a totalidade do território das Colinas de Golã. A Síria apoia a retirada, mas no âmbito de um acordo de paz abrangente. Na ausência de um tratado irão surgir problemas que possam provocar tensões no futuro (ASSAD, 2000b, tradução nossa)<sup>26</sup>.

Hafez al-Assad tinha como principal objetivo de política externa a recuperação dos territórios ocupados por Israel após a Guerra dos Seis Dias através do aperfeiçoamento militar sírio e na unidade árabe como ferramenta para coagir Israel. Após a guerra de *Yom Kippur* (1973), Hafez tentou negociar um acordo pacífico com Israel, sob o patrocínio dos Estados Unidos, essas negociações falharam.

Houve duas estratégias políticas assumidas por Hafez al-Assad após 1973: a opção militar e o uso da diplomacia para recuperar todos os territórios árabes ocupados após 1967. Após o fim da Guerra Fria houve a melhora nas relações da Síria com os EUA. Além disso, a Síria retomou as relações com o Egito nos anos noventa, sendo o Egito até então o único país árabe a ter assinado acordo de paz com Israel sob o mandato de Anwar Sadat em 1979 (GHADBIAN, 2001).

Rubin (2008) caracterizou que ambos governos de Hafez e Bashar não tiveram o objetivo de alcançar a conciliação com Israel. A legitimidade do governo Assad deve-se justamente pelo fato de financiar a luta armada palestina, assim como o *Hezbollah* no Líbano, arbitrar a questão palestina e não abrir espaço para Israel influenciar a questões internas no Líbano. No entanto, o governo israelense tem interesses estratégicos em manter ocupada as Colinas de Golã, principalmente, pelo fato das bacias hidrográficas (água doce) e fontes agrícolas concentrarem-se na zona ocupada por Israel.

Em 6 de março de 1991, o presidente George W. Bush (1991, não paginado, tradução nossa) disse ao Congresso norte-americano: "Chegou a hora de pôr um fim ao conflito árabe-israelense."<sup>27</sup> A Declaração de Bush foi seguida por oito meses de diplomacia intensiva pelo secretário de Estado James Baker, culminando na Conferência de Paz de Madri, em outubro de 1991. Desde o início dos anos 1990, quando da ocorrência da Conferência de Madrid (1991), que foi organizada pela Espanha e co-patrocínada pelos Estados Unidos e pela URSS sob a presidência de Mikhail Gorbachev retomaram-se as negociações entre a Síria e Israel,

<sup>26</sup>No original em inglês: "Israel is committing a mistake if it thinks its unilateral withdrawal from Lebanon is equivalent to peace with Syria. Although he welcomed Israel's intention to withdraw from south Lebanon, he warned Israel that its withdrawal would not hide the many problems which are still pending in the peace process, especially the Syrian demand that Israel has to return back the whole of the Syrian Golan. Syria supports a withdrawal, but within the framework of a comprehensive peace. In the absence of a treaty it will inflict problems that might provoke tensions and problems in the future".

<sup>27</sup>No original em inglês: "The time has come to put an end to the Arab-Israeli conflict".

após longo tempo estagnadas. A Conferência de Madrid foi seguida por duas negociações paralelas, a do ramo bilateral destinada a obter acordos de paz entre Israel e seus três vizinhos Jordânia, o Líbano e a Síria, assim como com os palestinos e, a vertente multilateral que tratou de recursos regionais como o compartilhamento da água, meio ambiente, controle de armas, refugiados e desenvolvimento econômico. Pela primeira vez, todas as partes envolvidas no conflito árabe-israelense se reuniram para realizar negociações diretas, o que foi um evento sem precedentes históricos.

Segundo o Ministério de Relações Exteriores de Israel (2015), na sequência da Conferência de Madrid (1991) as conversações entre as delegações israelitas e sírias começaram em Washington, durante 1994. Estas conversações conduziram a discussões focadas em medidas de segurança e à convocação de duas reuniões entre os chefes de Estado-Maior da Síria e de Israel, em dezembro de 1994 e junho de 1995. Essas negociações foram apoiadas pelo envolvimento de funcionários norte-americanos de alto escalão, incluindo duas reuniões entre o Presidente Clinton e o presidente Hafez al -Assad e uma série de visitas de secretário de Estado Warren Christopher para a região. Os negociadores israelenses informaram aos sírios a aceitação do princípio de se retirar das Colinas de Golã, no contexto de um acordo de paz que aborda simultaneamente quatro questões-chave: a profundidade da retirada; o horário e duração para a retirada; as fases da retirada e a ligação entre eles e normalização; aqui, como ocorreu com o Egito, Israel insistiu que haja uma fase prolongada de normalização - fronteiras abertas e embaixadas - antes de completar a retirada para uma linha fronteira ainda indeterminada, e o acordo de segurança.

O falecido primeiro-ministro Yitzhak Rabin<sup>28</sup> havia declarado que se deve estabelecer um tratado de paz com a Síria, incluindo a saída completa das Colinas de Golã, sendo que o tratado proposto seria submetido a um referendo nacional antes da sua assinatura. Em dezembro de 1995, a Síria concordou em retomar as negociações sem condições prévias e com elementos de flexibilidade na forma dessas negociações. Os sírios entraram em acordo para lidar com os elementos que compõem a noção de paz completo: qualidade de paz, a normalização, a água. Duas rodadas de conversações israelo-sírias foram realizadas sob os auspícios dos Estados Unidos à do Instituto *Aspen Wye River Conference Center* em

<sup>28</sup>Yitzhak Rabin foi um general e político israelense. Em 1992 foi eleito líder do Partido Trabalhista tornando-se primeiro-ministro israelense. Desempenhou um importante papel nos Acordo de Paz de Oslo, que criaram uma Autoridade Nacional Palestina com algumas funções de controle sobre a Cisjordânia e a Faixa de Gaza. Ganhou o Nobel da Paz em 1994 pelos seus esforços a favor da paz no Oriente Médio, honra que partilhou com o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, e com o então líder da OLP, Yasser Arafat. No dia 4 de novembro de 1995 foi assassinado pelo estudante judeu ortodoxo Yigal Amir, militante de extrema-direita que se opunha às negociações com os palestinos, quando participava num comício pela paz na Praça dos Reis (hoje Praça Yitzhak Rabin) em Tel Aviv (THE ASSASSINATION... 1995).

dezembro de 1995 e em janeiro de 1996, levando em consideração o tema de segurança e outras questões. As discussões foram altamente detalhadas e abrangentes em seu escopo. Entretanto, as negociações israelo-sírias não resultaram em um tratado de paz (SALLOUKH,2009).

Apesar do fracasso das negociações entre a Síria e Israel, a Conferência de Madrid (1991) obteve maior sucesso com as negociações bilaterais, principalmente, ganhando impulso após a eleição do primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin, em junho de 1992, e produzindo resultados com a chegada de Clinton ao mandato nos EUA. Os israelenses decidiram negociar diretamente com a OLP, que culminou com a assinatura da Declaração de Princípios em 13 de setembro de 1993. O Rei Hussein na Jordânia e os israelenses igualmente decidiram avançar independentemente da Conferência de Madrid, assim, realizaram negociações diretas que produziram um tratado de paz em outubro de 1994.

No final de dezembro de 1996, Hafez al-Assad concedeu uma entrevista ao jornal egípcio *Al-Ahram*. Na coletiva, o presidente foi indagado sobre a veracidade de os rumores que Rabin havia dado aos norte-americanos algo escrito, em que confirmou a sua disponibilidade para a retirada das Colinas do Golã. A resposta de Assad foi:

Eu não estou familiarizado com a questão de se há papéis escritos. Nós estávamos falando com Israel na presença do lado norte-americano, e o papel importante foi desempenhado pelos norte-americanos, depois de quatro anos os EUA nos informaram que Rabin finalmente se convenceu da necessidade de retirada de toda a Golã. Este foi um fato, e foi reafirmada por Shimon Peres depois de Rabin, e posteriormente entramos na questão de medidas de segurança e passamos um ano discutindo sobre o assunto. No final eu sugeri que concordamos com os fundamentos, a saber, que a segurança é para ambos os lados e não para um lado em detrimento do outro e que este acordo seria igual para as duas partes. Nós concordamos com esse fundamento e começamos a tratar dos detalhes, e então veio Netanyahu [...] Nos posicionamos a frente desde o início do processo de paz que ajudou a alcançar a Conferência de Madrid, e tudo isso foi com base em resoluções do Conselho de Segurança e no princípio da paz pela terra. Houve muitas conversas longas. Anteriormente, na época do Likud não poderíamos dialogar pela paz, é claro, que o Likud voltou ao poder depois que o Partido Trabalhista também não conseguiu alcançar nada. O Partido Trabalhista realizou ímpetus no âmbito do processo de paz, mas eles não estavam completos, no sentido de que vários itens faltaram ser discutidos para ser concluída, mas foi acordado questões muito importantes, e então, a chegada de Netanyahu ao poder corroborou para o cancelamento de tudo. Reafirmo que a Síria está comprometida com a retomada do processo de paz a partir de onde parou, mas a situação é que Israel não está inclinado a concordar com isso (ASSAD, 1996, não paginado, tradução nossa)<sup>29</sup>.

<sup>29</sup>No original em árabe: وأنا لست على دراية مسألة ما إذا كانت أوراق مكتوبة هناك. كنا نتحدث لهم بحضور الجانب الأمريكي، وكان لعبت دورا هاما من قبل الأمريكيين، وبعد أربع سنوات أبلغت الحكومة الأمريكية لنا أن رابين أصبح أخيرا مقتنعة بالحاجة للانسحاب من الجولان بأكمله. كان هذا الواقع، وأكد شمعون بيريس بعد رابين، ودخلت في وقت لاحق مسألة التدابير الأمنية، وقضى سنة واحدة تتحدث عن ذلك. في النهاية أنا اقترح أن نتفق على الأساسيات، وهي أن الأمن هو لكلا الجانبين وليس على جانب واحد على الآخر، وأن هذا الاتفاق تكون هي نفسها لكلا الطرفين. ونحن نتفق مع تلك الأسس والبدء في العمل على التفاصيل، ثم جاء نتناهو نحن منذ البداية طرحنا عملية السلام وساعدنا في الوصول إلى مؤتمر مدريد، وكل هذا كان على أساس قرارات مجلس الأمن والأرض مقابل وطويلة محادثات كثيرة وجرت. السلام

A ideologia pan-arabista e a rejeição da sobreposição de um Estado judeu sob a Palestina árabe permaneceram durante todo o período de governança Assad. A essência da ideologia Baath não distingue entre uma pátria árabe ou outra, e, portanto, não reconhece que o problema da soberania da Palestina seja exclusivo aos palestinos. A Causa Palestina é uma “questão árabe” e deve ser resolvida em conformidade com o consenso árabe, sendo assim, de acordo com o partido Baath nenhum país árabe tem o direito de negociar a paz com Israel separadamente. À OLP foi dada a tarefa de representar a Palestina, não sendo uma liderança autônoma para a libertação dos territórios ocupados. Este princípio ideológico, entretanto, já havia sido negligenciado por Hafez al-Assad em declarações, após o presidente da Autoridade Nacional Palestina Yasser Arafat ter assinado o Acordos de Oslo<sup>30</sup> (1993) entre Israel e a Palestina. Para Hafez, já que os palestinos assumiram a responsabilidade pelo seu contencioso, os árabes poderiam seguir o exemplo (SEALE,1990).

O Egito agiu contrariamente à conduta histórica estabelecida por Nasser que foi pautada pelo nacionalismo árabe e liderança da luta contra a ocupação israelense, em consequência da assinatura da paz com Israel em 1979. O tratado de paz entre Israel e a Jordânia que entrou em vigor no ano de 1994, acarretou o processo das relações entre Israel e alguns países árabes. Com o enfraquecimento do mundo árabe, após a invasão do Iraque (2003) e a morte de Yasser Arafat (2004), além das perspectivas de retomada do processo de negociação de paz entre Israel e a Palestina corroborou a redução da influência síria sob o processo de paz. A perda do Líbano em 2005, após a retirada das tropas sírias do território libanês, diminuiu o controle e poder sírio para manobrar as respectivas negociações de paz árabe-israelenses.

Nesse contexto, os EUA agiram como mediador pela paz e estabilidade na região especialmente no conflito sírio-israelense. Em detrimento às causas da estagnação das conversações entre Israel e a Síria. Lesch (2010) argumentou que a Síria sempre se mostrou disposta a negociar a paz desde 1991, após a Conferência de Madrid (1991) e as Resoluções

---

في زمن الليكود سابقاً لم نستطع أن نتقدم أبداً وطبعاً عندما عاد الليكود إلى الحكم بعد حزب العمل لم يتحقق شيء أيضاً في زمن حزب العمل تحققت إنجازات في إطار عملية السلام لكنها لم تكن كاملة بمعنى أن عملية السلام فيها عدة بنود لكي تكتمل ولكن جرى الاتفاق على أمور هامة جداً وربما كانت هي الأهم وعندما جاء /نتنياهو/ ألغى هذا الأمر نحن متمسكون بأن عملية السلام يجب أن تستأنف من حيث توقفت وما زال الوضع في إسرائيل لا يميل إلى الموافقة على هذا الأمر

<sup>30</sup>Os Acordos de Oslo, oficialmente chamados de Declaração de Princípios sobre Dispositivos de Auto-Governo ou Declaração de Princípios, foi uma tentativa, em 1993, da criação de uma estrutura que levaria à resolução do permanente do conflito israelo-palestino. Foi o primeiro acordo entre o governo de Israel e a OLP. Estes acordos previam o término dos conflitos, a abertura das negociações sobre os territórios ocupados, a retirada de Israel do Sul do Líbano e a questão do status de Jerusalém.

da Organização das Nações Unidas (ONU) – principalmente as Resoluções 242-338<sup>31</sup> que determinaram a devolução dos territórios ocupados após a guerra de 1967 e a paz unificada na região.

No que tange ao estudo realizado por Hof (2009), o plano de paz entre a Síria e Israel apresenta dificuldades para ambas as partes: para Israel, não será fácil para qualquer governo israelense reunir o apoio público e do *Knesset*<sup>32</sup> para ceder à Síria o principal pré-requisito para um possível acordo que é a retirada dos territórios ocupados em 04 de junho de 1967, pois esse trecho territorial ocupado até hoje por Israel daria à Síria propriedade de passagem ao nordeste do Mar da Galiléia, onde se encontram os principais reservatórios de água que Israel utiliza; já à Síria deveria realizar uma reorientação estratégica em sua política, afastando-se do Irã, *Hezbollah* e algumas organizações palestinas, como o *Hamas*.

Durante a guerra árabe-israelense (1948), as tropas sírias penetraram o território palestino em diversas áreas. Quando o armistício foi assinado em 1949, as forças sírias ainda ocupavam blocos do território à oeste da fronteira internacional de 1923. Assim, as partes chegaram a um consenso, as forças sírias iriam se retirar do seu ponto avançado, e Israel renunciaria à introdução de forças militares em áreas desocupadas pela Síria, conforme o armistício assinado pela linha de demarcação internacional de 1923, criando a “zona desmilitarizada”. Desde julho de 1949, quando o armistício foi assinado, até a Guerra de junho de 1967, o conflito entre Israel e a Síria centrou-se no controle da zona desmilitarizada no Vale do Jordão. No entanto, essa área nunca foi desmilitarizada devido à atribuição de ser território do “Estado Judeu” conforme a resolução da ONU de partilha em 1947 (HOF, 2009).

Israel teme por meio de um acordo de paz com a Síria perder o acesso aos recursos hídricos provenientes à circunferência do Mar da Galileia (Lago de Tiberíades e Lago

---

<sup>31</sup> A Resolução 242 do Conselho de Segurança, aprovada em 22 de novembro de 1967, e Resolução 338, aprovada em 22 de outubro de 1973, são considerados instrumentos básicos em todas as discussões subsequentes de um acordo de paz no Oriente Médio. A Resolução do Conselho de Segurança 242 (1967) manifestou a preocupação constante com a grave situação no Oriente Médio. Enfatizando a inadmissibilidade da aquisição de territórios pela guerra e a necessidade de trabalhar para uma paz justa e duradoura no qual todos os Estados da região possam viver em segurança, sublinhando, que todos os Estados-Membros na sua aceitação a Carta das Nações Unidas comprometeram-se um compromisso a agir em conformidade com o artigo 2 da Carta. A Resolução 338 (1973) determinou a todas as partes no presente combate a cessar fogo e terminar toda a atividade militar imediatamente, o mais tardar 12 horas após o momento da aprovação da presente decisão. Também, exorta as partes interessadas para iniciar imediatamente após o cessar-fogo a aplicação da resolução do Conselho de Segurança 242 (1967) em todas as suas partes, além de decidir de imediato e em simultâneo as negociações devem começar entre as partes interessadas sob os auspícios adequados destinados a estabelecer uma paz justa e duradoura no Médio Oriente. A Resolução 338 foi aprovada na sessão 1747 por 14 votos e nenhum contra. Vale ressaltar, que a China se absteve de voto. (UNITED NATIONS, 2003).

<sup>32</sup> *Knesset* é o parlamento de Israel, sua sede está em Jerusalém e foi construída em terreno pertencente à Igreja Ortodoxa Grega em 1957. O presidente atual do parlamento israelense é Yuli-yoel Edelstein do partido Likud (extrema-direita de Israel).



Kinneret), além dos recursos hídricos e agrícolas das Colinas de Golã. Desse modo, foi evidente a derrota política dos EUA em 1999, na ocasião em que as negociações de paz bilaterais entre Israel e a Síria foram retomadas sob os auspícios do presidente Bill Clinton e na presença do primeiro-ministro israelense Ehud Barak, e o ministro das Relações Exteriores sírio Farouk el Sharaa. Estas conversações inauguradas em Washington e continuada em Shepherdstown, Virgínia, estavam fadadas ao fracasso porque Barak recusou a assinar o compromisso de retirada para a linha fronteira anteriores à 1967 (ULUTAS, 2009). Sobre o episódio Bashar al-Assad, que no período era coronel, se manifestou da seguinte forma:

A questão da terra é uma questão de soberania e honra. A terra (valor) não é medida por considerações econômicas ou imobiliárias reais, acrescentando que a Síria não vai dar presentes desse tipo e que o próprio presidente dos Estados Unidos Bill Clinton compreende a importância deste elemento para nós [...] O adiamento da paz tem consequências negativas para os países da região e sobre vários interesses, especialmente em países que são diretamente envolvidos no conflito (ASSAD, 2000a, não paginado, tradução nossa)<sup>33</sup>.

A importância geoestratégica das Colinas de Golã é facilmente visível por meio do mapa geográfico da região (Figura 2), além de mostrar os inúmeros assentamentos judaicos ilegais no território, o número de população atual das Colinas de Golã é de 40 mil habitantes, que envolvem drusos, alauítas e judeus, de acordo com o *Israel Ministry of Foreign Policy* (2015). Há de se destacar a cidade estratégica de Quneitra que fica dentro das Colinas de Golã, hoje em domínio sírio. A cidade tem posição estratégica por situar-se a 30 km do mar da Galiléia proximamente da linha do armistício israelo-árabe de 1949. Até o ano de 1974, Israel manteve o controle da cidade, voltando ao controle civil sírio, depois do acordo de separação firmado no mesmo ano sob a mediação dos EUA. A saída de Israel de Quneitra foi controversa aos desejos de permanência por parte dos colonos israelenses e o partido Likud. A cidade foi quase totalmente destruída antes da retirada israelense (ULUTAS, 2009).

---

<sup>33</sup>No original em inglês: "The question of the land is a question of sovereignty and honor. The land (value) is not measured by economic or real estate considerations," adding that Syria will not give gifts of that sort and that US President Bill Clinton himself understands the importance of this element for us [...]The postponement of peace has negative consequences on the countries of the region and on several interests, especially on countries which are directly involved in the conflict".



Gaza, as partes indiretamente dialogaram como, no contexto de um tratado de paz formal, a conquista israelense de junho 1967 teria de ser desfeita da maneira que satisfaçam os interesses centrais de cada lado (ULUTAS, 2009). No que concerne ao estudo realizado por Hof (2009) há um importante aspecto a destacar para acordo de paz entre ambos: a criação de um projeto de preservação ambiental das Colinas do Vale do Jordão, sob a administração da Síria, porém aberto a visitantes israelenses. Esse projeto foi discutido em conversações não-oficiais israelo-sírias patrocinadas pelo governo suíço durante os anos 2004 até 2007.

A opção pela paz com Israel foi e permanece como alternativa estratégica do governo sírio, porém não descartando a opção militar. Em 2010, o Brasil protagonizou uma tentativa de reativar as conversações pela paz no Oriente Médio. Nesse caso, o ex-Ministro de Relações Exteriores Celso Amorim realizou reuniões com o presidente da Síria Bashar al-Assad, o que na percepção diplomática brasileira, a Síria é um ator imprescindível para solucionar os problemas da ocupação na Palestina, bem como o contencioso entre Israel e o Líbano.

[...] Em minhas conversas com o presidente Bashar Al-Assad, eu tive a impressão de que a Síria estava disposta a desempenhar o seu papel, desde que as suas próprias perspectivas e interesses sejam tidos em devida consideração. Uma vez que os desenvolvimentos atuais se desdobram, a Síria vai voltar a ser um jogador fundamental nos esforços em direção a soluções pacíficas no Líbano, na Palestina, e, em algum grau, no Iraque. A importância da Síria pode parecer menos óbvia e até um pouco rebuscada agora, mas ficará clara conforme a situação se normalize, espero que mais cedo ou mais tarde. Em minhas conversas com os Estados Unidos, Israel, e seus colegas europeus, eu sempre passei a instrução de trazer a Síria de volta para a mesa. Consciente do papel da Síria na região, o presidente Lula visitou Damasco em seu primeiro ano no cargo. Presidente Al-Assad retribuiu a visita em julho de 2010, em sua primeira viagem transatlântica. Eu visitei Damasco em seis ocasiões diferentes, quase todas imediatamente antes ou depois de visitar Israel. Este forte diálogo com os governos da Síria e de Israel deu ao Brasil as credenciais para desempenhar um papel de reforço da confiança em relação às negociações em questões sensíveis, como as Colinas de Golã. O processo eleitoral no Brasil e os eventos subsequentes na Síria, não facilitaram a realização do potencial almejado (AMORIM, 2011, p. 54, tradução nossa)<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup>No original em inglês: “ In my conversations with President Bashar Al-Assad—and I am sure this will hold true of any government that emerges from the current troubles—I got the impression that Syria was willing to play her part, provided her own perspectives and interests are taken into due consideration. Once present developments unfold themselves, Syria will once again become a fundamental player in the efforts toward peaceful solutions in Lebanon, Palestine, and, to some degree, Iraq. The importance of Syria may seem less obvious and even a bit far-fetched now, but will become clear as the situation normalizes, hopefully sooner rather than later. In my talks with U.S., Israeli, and European colleagues, I always urged them to bring Syria back to the table. Mindful of Syria’s role in the region, President Lula visited Damascus in his first year in office. President Al-Assad reciprocated the visit in July 2010, in his first-ever transatlantic trip. I visited Damascus on six different occasions, almost all of them immediately before or after visiting Israel. This strong dialogue with Syrian and Israeli governments gave Brazil the credentials to play a confidence-building role with regard to negotiations in sensitive issues such as the Golan Heights. The electoral process in Brazil and subsequent events in the area, especially in Syria itself, did not allow this facilitation to realize its potential.”

Portanto, até o momento todas as tentativas para uma solução definitiva de paz justa e duradoura entre a Síria e Israel falharam. Em ambos mandatos dos presidentes da Síria Hafez e Bashar al-Assad houve tentativas em alguns momentos da história. Os dois Estados mantinham a disposição para dialogar pela paz, entretanto, devido aos últimos eventos que ocorrem atualmente na Síria, os quais Bashar al-Assad culpa indiretamente Israel por financiar grupos armados que realizam terrorismo na Síria. Em uma entrevista coletiva em Teerã à *Hispan TV*, Omran al-Zoubi (2015), ministro de informação da Síria, afirmou que "(O ex-presidente sírio) Hafez e o atual Bashar al-Assad nunca aceitaram um acordo de paz com o Israel, já que Israel quer que as pessoas desistam de seus direitos islâmicos, árabes e nacionais"<sup>36</sup>.

### 3.2 A ALIANÇA ESTRATÉGICA ENTRE A SÍRIA E O IRÃ

As relações da Síria com o Irã são históricas e tem se fortalecido desde a Revolução Islâmica no Irã<sup>37</sup> (1979). Esta parceria estratégica começou no governo de Hafez al-Assad no final da década 1970 e atingiu seu ápice quando a Síria se alinhou ao Irã na guerra Irã-Iraque na década de 1980, resultando na mais ampla oposição entre Saddam e o regime Assad. A amplitude dos laços entre ambos países apresenta uma variedade de domínios: estratégicos, políticos, econômicos e culturais. Os dois países construíram uma aliança duradoura que superou as diferenças fundamentais (árabe contra persa, secular contra teocrático, sunita maioria - contra xiita).

A aliança se formou a partir da década de 1980, devido a ameaças diretas provenientes do Iraque, Israel e os EUA, e houve o reforço a partir dos anos 2000 para driblar conjuntamente o isolamento imposto pelo Ocidente. Ambos os países se opõem fortemente ao papel dos EUA no Iraque; ambos apoiam o *Hezbollah* no Líbano e o *Hamas* na Palestina. A guerra do Iraque (2003) traçou um novo panorama geopolítico regional, o que fortaleceu as relações sírio-iranianas (GELBART, 2010).

A Síria foi o primeiro país árabe a reconhecer o governo provisório do primeiro-ministro Mehdi Bazargan após a derrubada do Xá, e o terceiro na classificação geral, depois da União Soviética e do Paquistão. A aliança foi formalizada em março de 1982, quando uma

<sup>36</sup>No original em espanhol: "(El expresidente sirio) Hafez y Bashar al-Asad jamás aceptaron un acuerdo de paz con el régimen sionista, ya que los sionistas quieren que los pueblos renuncien a sus derechos islámicos, árabes y nacionales".

<sup>37</sup>A Revolução Islâmica ocorrida no Irã, em 1979, transformou o Irã, até então comandado pelo Xá Mohammad Reza Pahlevi, de uma monarquia autocrática pró-ocidente, em uma república islâmica teocrática sob o comando de Aiatolá Ruhollah Khomeini.

delegação síria de alto nível, chefiada pelo então ministro das Relações Exteriores Abd al-Halim Khaddam visitou Teerã e concluiu uma série de acordos bilaterais em matéria de petróleo e comércio, e um pacto secreto em questões militares (GOORDARZI, 2013, p. 35).

De acordo com Swaminathan (2007), para o Irã o regime Assad é o único aliado fiel no mundo árabe, na medida que a Síria é governada por alauítas, seita considerada xiita pela religião muçulmana. Além disso, houve o apoio político e militar da Síria ao Irã durante a Guerra Irã-Iraque, apesar da solidariedade pró-iraquiana da maior parte do mundo árabe. A Síria fechou um importante oleoduto de petróleo iraquiano que passava por seu território. Como retribuição ao apoio sírio, o Irã debitou as dívidas de petróleo da Síria ocorridas nesse período, fornecendo petróleo gratuitamente ao país até o fim da guerra.

Até o início dos anos 1980, a relação entre a Síria e o Irã teve um peso diferente para cada país. Para o Irã, a sua relação com a Síria teve uma importância estratégica em manter a política externa em conformidade com os interesses sírios. Quanto à Síria, no momento, teve uma visão que uma aliança proporcionaria resultados frutíferos no futuro, a fim de manter o equilíbrio de poder na região. Isto tornou-se evidente quando o Irã usou o apoio militar e diplomático sírio depois do ataque da embaixada dos EUA em Teerã realizada por militantes iranianos que levou à deterioração das relações EUA-Irã. Também após a invasão do Irã feita pelo Saddam, os esforços sírios ajudaram Teerã a evitar o isolamento regional e a unidade árabe contra o país iraniano. Além disso, a Síria necessitou da ajuda iraniana em 1982 para mobilizar os xiitas no Líbano contra as forças israelenses (SWAMINATHAN, 2007)<sup>38</sup>.

No episódio de 1982, quando as tropas sírias reprimiram brutalmente a revolta da Irmandade Muçulmana na cidade de Hama, o Irã apoiou o ato, o que o autor Goordarzi (2013) denominou de política pragmática iraniana, capaz de colocar realidades geopolíticas acima da ideologia. É importante destacar que a Irmandade Muçulmana, que apoiou o Iraque durante a Guerra do Golfo, é de origem sunita, o que explica o posicionamento político do Irã, que apesar de ser o único Estado islâmico no mundo, criou forte laço político e estratégico com a

---

<sup>38</sup>Swaminathan (2007) indicou que o ponto alto da cooperação bilateral entre a Síria e o Irã foi no período da guerra civil libanesa (1982). Após a invasão israelense e derrota das forças sírias no Líbano, o presidente sírio, Hafez Assad, recorreu a influência do Irã entre os libaneses xiitas (milícias *Amal* e *Hezbollah*) para empreender uma campanha na modalidade de guerra de guerrilha contra os seus adversários no Líbano – o governo cristão sob Bashir Gemayel, as forças ocupação israelenses, os EUA e as forças de manutenção da paz francesas. Juntos, definiram uma série de golpes devastadores: o Presidente Bashir Gemayel foi assassinado em setembro de 1982 e sedes militares israelenses na cidade de Tiro foram bombardeadas em novembro de 1982. Após atentados contra a embaixada norte-americana em Beirute, os EUA se retiraram em 1984. Com a geopolítica regional conturbada, os EUA pediram apoio da Síria para fazer parte da coalizão anti-Iraque, após a invasão do Kuwait (1990) feita pelo Iraque, em troca a Síria recebeu apoio dos EUA e da Arábia Saudita para consolidar o seu domínio no Líbano, que durou até 2005.

Síria, um Estado secular e pan-arabista, contradizendo a ideia política iraniana de “exportar a revolução”.

Sob Bashar al-Assad, a aliança estratégica com o Irã foi utilizada para proteger-se das ambições hegemônicas norte-americanas na região, especialmente após a invasão do Iraque em 2003. Mona Yacoubian (2007) aponta que a cooperação militar assumiu destaque no âmbito regional, quando os países assinaram um acordo de cooperação em caráter estratégico em 2004 e o pacto de defesa mútua em 2006 (contra Israel e os EUA). Os dois Estados realizam transferência de tecnologias bélicas entre si, e o Irã promoveu o aperfeiçoamento do serviço de inteligência sírio e a capacitação militar do exército árabe sírio. O empreendimento sírio-iraniano a partir do governo de Bashar al-Assad e da presidência do Irã sob Mahmoud Ahmadinejad (2005-2013) incluiu a inauguração de uma fábrica de automóveis, primeiro automóvel produzido internamente na Síria, e a compra de uma nova frota de ônibus do Irã. A Síria e o Irã também promovem intercâmbios culturais, além de ter alto fluxo de turistas iranianos que fazem as peregrinações anuais em locais sagrados xiitas na Síria, como o túmulo de Zaynab Bint Ali (Sayyida Zaynab Mosque em Damasco) local de culto à filha de Ali e neta do profeta Mohammed; mesquita do profeta Habil (contém o túmulo de Habil, acreditado pelos xiitas como o filho de Adão e Eva); e a mesquita dos Omíadas (sepulta a cabeça de João Batista e outros pertences a Batalha de Karbala), dentre outros patrimônios históricos e santuários xiitas.

Goodarzi (2013) descreve que apesar da Síria e o Irã não apresentarem crenças ideológicas comuns, os Estados unem seus esforços para aumentar o poder de influência na região. De acordo com o autor, a parceria estratégica sírio-iraniana é resultado da realidade geopolítica, sendo assim, com objetivo comum de não ser o próximo Iraque dada a conjuntura vigente no país iraquiano devido à invasão norte-americana em 2003. Pan (2006) entrevistou Scott Lasensky, pesquisador e especialista em Oriente Médio do Instituto da Paz dos Estados Unidos (USIP), que denominou a aliança sírio-iraniana como oportunista, um “casamento de conveniência” contra a ameaça do Iraque.

Saab (2006) apresentou em seu artigo escrito no período da assinatura do acordo mútuo de defesa entre a Síria e o Irã, a percepção dos analistas árabes e israelenses sobre o assunto, assim como os políticos de ambos estados:

[...] A reunião sírio-iraniana teve como intenção principal enviar uma mensagem política para Washington de que Teerã e Damasco não estão isolados, e que a sua aliança excede a soma de suas partes. Os dois países esperam criar uma impressão de que eles têm recursos adicionais à sua disposição para impedir a intimidação externa, particularmente a norte-americana. O Ministro de Defesa da Síria Hassan

Turkmani e seu colega iraniano, Mostafa Mohammad Najjar, assinaram um pacto de defesa mútua e formalizaram o estabelecimento de uma Comissão de Defesa Suprema em conjunto para institucionalizar a cooperação militar a longo prazo[...] Relatos da mídia resultaram em duas conclusões sobre o acordo do Irã-Síria: que o Irã prometeu suprir a Síria com mísseis anti-aéreos, mísseis Shehab-3 com um alcance de 1.350 quilômetros, de fabricação russa tanques T-72, e de curto alcance mísseis SCUD; e que o Irã concordou em financiar futuras promoções militares sírias com a Rússia, a China e a Ucrânia (SAAB, 2006, não paginado, tradução nossa)<sup>39</sup>.

A influência do Irã no Líbano por intermédio da Síria é o mais importante triunfo da política externa iraniana no mundo árabe. A “exportação da revolução” da República Islâmica é feita com o apoio sírio, sendo reforçada desde que Bashar al-Assad chegou ao poder, e mais ainda com a queda do regime iraquiano e as hostilidades entre Israel e o Líbano em 1982 e 2006. O financiamento dado ao *Hezbollah* em milhões de dólares anualmente, além de armas enviadas pela fronteira entre a Síria e o Líbano é uma forma de manter os ideais da República Islâmica do Irã em expansão nos países árabes (GELBART, 2010). Desse modo, financiaram o *Hezbollah* e o *Hamas* para pressionar Israel, bem como influenciaram os acontecimentos no Líbano e nos Territórios Palestinos Ocupados, assim sendo, foi fundamental para permitir que o Hezbollah saísse vitorioso ao travar uma campanha de guerrilha na década de 1990 contra Israel que optaram por se retirar do território do Sul do Líbano em 2000.

A Síria tem sido defensora do programa nuclear iraniano, insistindo na permissão de o Irã desenvolver capacidades nucleares para fins pacíficos. Apesar disso, o Irã permaneceu em silêncio, quando Israel bombardeou o reator nuclear al-Kibar, na Síria, em 2007, o que Goordarzi (2013) assinalou como uma forma de o Irã não aparentar perante a comunidade internacional que coopera no setor nuclear com o país árabe.

Conforme Yacoubian (2007) explanou, nos governos de Ahmadinejad e Assad, a aliança estratégica tendeu a se fortalecer, visto que ambos políticos determinaram um conservadorismo político baseado na rejeição do imperialismo norte-americano na região. Para isso, Bashar al-Assad fez uma clara decisão de se aliar mais profundamente ao Irã do que seu pai, Hafez, devido ao novo contexto geopolítico regional abalado pela invasão e a

---

<sup>39</sup>No original em inglês: “[...] The Iranian-Syrian meeting was mostly intended to send a political message to Washington that Tehran and Damascus are anything but isolated, and that their alliance exceeds the sum of its parts. The two countries hope to create an impression that they have additional resources at their disposal to deter outside, particularly American, intimidation. Syrian Defense Minister Hassan Turkmani and his Iranian counterpart, General Mostafa Mohammad Najjar, signed a mutual defense pact and formalized the establishment of a joint Iranian-Syrian Supreme Defense Commission to institutionalize long-term military cooperation [...] Media reports jumped to two conclusions about the Iranian-Syrian agreement: that Iran has promised to supply Syria with shoulder-launched anti-aircraft missiles, Shehab-3 missiles with a range of 1,350 kilometers, Russian-made T-72 tanks, and short-range SCUD missiles; and that Iran has agreed to finance future Syrian military deals with Russia, China, and Ukraine.

ocupação do Iraque, a violência nos territórios palestinos ocupados e a crescente tensão no Líbano. Para tanto, a agenda entre a Síria e o Irã foi ampliada com um volume elevado de investimentos de capital direto do Irã à Síria, em troca o apoio histórico e fiel do único país árabe a nação persa, o que é considerado por muitos árabes uma traição do regime Assad perante os árabes.

Bashar al-Assad em várias ocasiões expressou o quanto é importante para a Síria manter uma forte relação com o Irã como parte do plano político regional da Síria para reforçar o seu papel de ator-chave na região. Em uma entrevista dada ao canal iraniano *Khabar tv*, o presidente sírio declarou o seguinte:

[...] Na área da independência da tomada de decisão nacional que abrange todas as outras áreas. Quando nós somos independentes, nós cooperamos primeiro politicamente, economicamente e militarmente. Claro, temos sido capazes de alcançar o melhor em cooperar politicamente durante as últimas três décadas e meia, uma vez que houve o sucesso da Revolução Iraniana. Mas eu acredito que nós não fizemos o suficiente economicamente, apesar das condições em que vive a Síria. Eu acredito que esta é uma área importante, e isso é o que eu discuti com as autoridades iranianas. A crise em si pode ser uma oportunidade, particularmente à luz das sanções ocidentais contra a Síria, para desenvolver as relações econômicas entre nós e o Irã. Há também as relações militares que são antigas e voltam para o mesmo período. São relações avançadas e nós cooperamos em detalhe com o Irã sobre questões militares. Então, é uma cooperação abrangente em todas as áreas, mas como eu disse, é dada prioridade à independência da tomada de decisão na região e impedir que mais países caiam sob a hegemonia ocidental [...] Eu também estou falando de políticas iranianas anteriores, porque a atual política é uma continuação das políticas de Imam Khomeini, que também encarna a adesão aos princípios. Esta tem sido a forma das políticas iranianas desde a revolução, com uma única diferença: o fato de que eles desenvolveram continuamente para atender às necessidades conforme o tempo. Eles são baseados nos mesmos princípios, mas sempre têm manifestações mais desenvolvidas. Na verdade, o apoio do Irã à Síria é baseado em uma posição popular agora; mas sua iminência, o Líder Supremo, tem um papel essencial através de suas diretrizes para instituições iranianas; e estamos familiarizados com os detalhes destas diretivas em termos dos mecanismos de apoio às instituições sírias, a fim de apoiar a Síria em sua guerra feroz contra o terrorismo e os países que o apoiam (ASSAD, 2015, não paginado, tradução nossa)<sup>40</sup>.

<sup>40</sup>No original em inglês: “As I said a short while ago in the area of the independence of national decision making which covers all the other areas. When we are independent, we cooperate first politically, economically and militarily. Of course, we have been able to achieve the best in cooperating politically during the past three and a half decades, since the success of the Iranian Revolution. But I believe that we have not done enough economically, despite the conditions in which Syria lives. I believe this is an important area, and this is what I discussed with Iranian officials. The crisis itself might be an opportunity, particularly in light of the Western sanctions against Syria, for economic relations to develop between us and Iran. There are also military relations which are old and go back to the same period. They are advanced relations and we cooperate in detail with Iran on military issues. So, it is a comprehensive cooperation in all areas, but as I said, priority is given to the independence of decision-making in the region and preventing more countries from falling under Western hegemony [...] I’m also talking about Iranian policies before that; because the current policy is a continuation of the policies of Imam Khomeini who also embodied the adherence to principles. This has been the shape of Iranian policies since the revolution, with one difference only: the fact that they developed continuously to meet the needs of the times. They are based on the same principles but they always have more developed manifestations. In fact Iran’s support to Syria is based on a popular position now; but his imminence, the Supreme Leader, has an essential role through his directives to Iranian institutions; and we are familiar with the



As relações sírio-iranianas ainda estão crescendo mais fortemente com o tempo, devido ao seu interesse comum de equilibrar o poder de Israel na região e a ingerência dos EUA nos assuntos do Oriente Médio, especialmente depois de 2003. O relacionamento que começou com Hafez al-Assad e sobreviveu à Revolução Iraniana, Guerra do Golfo, a invasão do Iraque e até mesmo ao conflito que ocorre na Síria desde 2011 provou o verdadeiro laço estratégico para ambos os lados. Apesar disso, é importante destacar que a Síria cooperou com os norte-americanos para evitar a insurgência de extremismo islâmico na região durante os anos 2003, o que se provou ineficaz dada a situação atual do país sírio, onde há parte do território já dominado por *ihadistas*<sup>41</sup> radicais.

A posição estratégica da Síria é essencial para o Irã tanto politicamente, quanto no âmbito econômico para ter acesso ao mundo árabe, especialmente a conexão entre o *Hezbollah* e o Irã. Já para a Síria, a aliança com o Irã contribuiu economicamente para manobrar o isolamento ocidental após o assassinato de Rafik Hariri. Ambos os países têm como objetivo maximizar os seus interesses com todos os principais atores intervenientes na região, a fim de proteger sua forte aliança. Com isso, a relação sírio-iraniana visa atingir seus objetivos de longo-prazo: o regime sírio quer derrotar os grupos de oposição na guerra atual da Síria e recuperar o domínio dos territórios desde 2011; reconquistar a estratégica Colinas de Golã e manter o seu poder de influência no Líbano. O Irã pretende se tornar uma potência regional no Oriente Médio e protagonizar a liderança no Golfo Pérsico, garantindo a aliança política com o novo governo do Iraque.

### 3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bashar al-Assad manteve a conduta política de seu pai, apesar de todos os obstáculos que o país enfrentou pela pressão do Ocidente patrocinada pelos EUA e Israel. A estratégia política da Síria desde a independência do país está baseada em libertar os territórios árabes ocupados por Israel e a manter canais de cooperação com os outros países árabes para se alcançar a unidade regional.

---

details of these directives in terms of the mechanisms of supporting the Syrian institutions in order to support Syria in her ferocious war against terrorism and the countries which support it”.

<sup>41</sup>O conceito de Jihadismo vem do Jihad que literariamente significa “esforço”, mas tal esforço pode, através de uma história de séculos de mudança religiosa, social e política, significar qualquer coisa de oração individual a ação social coletiva para a guerra. Esta última interpretação “guerra santa”, é, naturalmente, uma doutrina compartilhada, e mutuamente reforçada, pelo cristianismo e o judaísmo (HALLIDAY, 2005, p. 172)

A parceria estratégica com o Irã se fortaleceu e foi elevada à categoria de segurança, política e econômica. Para o Irã, a Síria representa a aliança com o mundo árabe, pois é o objetivo da política externa iraniana promover a expansão da Revolução Islâmica Iraniana, e a Síria é um ator essencial para o Irã alcançar outros países árabes. Para a Síria, o Irã é um forte aliado para equilibrar o poder na região e demonstrar que não está isolado. Nesse caso, não houve confrontos de ideologias, pois a Síria um Estado Secular tende a fortalecer a aliança estratégica com a República Islâmica do Irã, o que mostra que o fator geopolítico é o que prevalece na estratégia política regional. A relação Síria – *Hezbollah* – Irã é o poder de influência iraniana no Líbano, bem como na luta armada e política contra Israel.

Em relação à Israel, Bashar soube levar as negociações políticas, sem ceder às pretensões israelenses de dividir recursos localizados nas Colinas de Golã. A legitimidade do governo Assad por não ter aceito um acordo de paz isolado com Israel, sem a resolução da questão palestina, diferentemente do Egito sob a presidência de Anwar Sadat que assinou o acordo de paz com Israel (1979) e o Reino Hashemita da Jordânia que estabeleceu um tratado de paz com Israel (1994). O fato de Assad financiar a luta armada palestina, assim como o *Hezbollah* no sul do Líbano, e evitar o avanço israelense em território libanês são fatores primordiais nos quarenta anos de mandato na Síria.

A forma realista da política externa que começou com Hafez al-Assad e acreditou, principalmente, em uma Síria forte e no engajamento das relações com os países árabes esteve no centro da atuação política de Bashar e na tomada de decisões de política externa. O equilíbrio de poder regional e o alcance da paz com base em seus próprios princípios e exigências são o cerne da política externa da Síria para manter o *status* estratégico do país no Oriente Médio.

## 4 BASHAR AL-ASSAD E A GEOPOLÍTICA REGIONAL: MUDANÇAS

Após o 11 de setembro de 2001, os EUA redirecionaram a política externa em direção ao Oriente Médio com o propósito de combater o terrorismo. Desse modo, a política norte-americana utilizou do *hard power* como retaliação, invadindo desde o Afeganistão ao Iraque, além de praticar a política de sanções ao Irã devido à postura contrária ao programa nuclear iraniano. Com a nova geopolítica regional no Oriente Médio a partir de 2003, o governo dos EUA centrou sua visão na Síria, por considerar o país árabe estratégico já que a Síria mantém relações com o Irã e, também, apoia grupos islâmicos como *Hezbollah* e o *Hamas*, além de não ceder às pretensões israelenses.

A administração norte-americana começou a exercer pressão sobre a Síria na esperança de que o presidente Bashar al-Assad renunciasse à política externa voltada para os interesses nacionalistas do governo. As pressões políticas e econômicas ocidentais sob a Síria iniciaram após a guerra no Iraque (2003). Os EUA alegaram que a Síria deliberadamente abriu as fronteiras a terroristas islâmicos, o que foi comprovado com o tempo que foi uma alegação errônea. Com a acusação sobre o assassinato do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri, em 2005, a Síria foi pressionada pela comunidade internacional a retirar suas tropas do Líbano.

Este capítulo examina como Bashar al-Assad reagiu a estas pressões, e como ele teve que realizar mudanças comparada às políticas de seu pai em relação à Turquia, Líbano e Iraque para enfrentar os novos desafios. Também irá analisar como essas mudanças afetaram a posição da Síria como ator-chave no âmbito regional.

### 4.1 RELAÇÕES SÍRIA-TURQUIA: JOGO DE INIMIZADE E AMIZADE

As relações Síria-Turquia são caracterizadas por relativa calma, porém com algumas tensões até hoje não resolvidas, que se denota desde níveis de alta crise a alto nível de cooperação. Os principais contenciosos decorrentes entre ambos países foram relacionados com a gestão da água do rio Eufrates, orientação política, postura religiosa, contrabando, narcotráfico e terrorismo. Apesar da fronteira entre a Síria e a Turquia ser reforçada militarmente, principalmente pelo lado turco, os estados optaram pela cooperação a partir da última década do governo de Hafez al-Assad.

Durante o início da década de 1950, a Turquia adotou uma posição pró-ocidental e tentou influenciar a Síria com o intuito de construir uma aliança regional com orientação

ocidental. As relações entre os dois estados se deterioraram porque a Síria adotou uma política regional pró-árabe firmemente apoiada pela União Soviética, aumentando assim a diferença de orientação política externa com a Turquia ocidental. No entanto, a tendência de minimizar as diferenças começou com a Turquia na década de 1960, quando decidiu parar com atitudes ofensivas em relação aos países vizinhos, e passou a apresentar uma política de reconciliação. Na década de 1970 a Síria começou a corresponder a atitude da Turquia e verificou-se benéfico assumir uma atitude de cooperação com o seu vizinho (MAHFUDH, 2012).

De acordo com Ertugrul (2012), os dois Estados em menos de uma década passaram do estado de guerra à cooperação interestatal. A disputa pelo poder no Oriente Médio, bem como o domínio territorial e de recursos, pautou a relação política dos países. Hinnebusch e Tur (2013, p. 2) destacaram três fases temporais principais que caracterizaram o relacionamento turco-síria desde o governo de Hafez a Bashar al-Assad: de 1980 a 1998, houve a decadência das relações que esteve ao ápice de um confronto militar, não ocorrido pela retração de Hafez al-Assad e a expulsão do líder do PKK do território sírio; a partir de 1998 a 2003, após o Acordo de Adana houve a reconstrução das relações entre os Estados, consolidando-se estrategicamente entre 2003 a 2010; a regressão à inimizade ocorre com a eclosão da guerra civil na Síria a partir de 2010, já que o governo de Erdogan presta apoio a oposição síria. Nesta dissertação é analisado o processo de relações entre a Síria sob o governo Assad e a Turquia até o ano de 2010, enfatizando o mandato de Bashar al-Assad que propiciou fortes laços políticos e econômicos com a Turquia até 2010.

Para a Síria, a Turquia se apresentou como pró-americana (o país faz parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte<sup>42</sup>) durante a Guerra Fria, sendo assim, o conflito turco-sírio tinha mais do que o aspecto regional a ela, havia um aspecto de superpotência, as alianças sírio-soviéticas e a turco-americanas; um estado com forte presença no Oriente Médio (durante a última década do governo de Hafez al-Assad alcançou-se relações estratégicas entre ambos); as relações entre a Turquia-Israel no setor de segurança são intensas; o país dispõe da origem de uma das principais fontes de água da Síria, o Eufrates, uma causa de tensão constante devido à disputa da Síria às barragens turcas em Anatólia; país que a Síria tem uma histórica disputa territorial sobre a província de *Alexandretta* (atual Hatay, na Turquia); e um país vizinho com uma capacidade militar ofensiva como foi evidenciada durante a Confronto de 1998, onde a Turquia enviou dez mil soldados na fronteira com a Síria ameaçando uma intervenção militar, caso a Síria não expulsasse o líder do Partido dos

---

<sup>42</sup>A Turquia possui a segunda maior força armada permanente da OTAN, após as forças armadas dos Estados Unidos (GUERREIRO, 2015).

Trabalhadores do Curdistão (PKK) Abdullah Ocalan. Ocalan foi expulso da Síria e houve a assinatura do acordo de Adana<sup>43</sup> (1998) o que fomentou as relações estratégicas no setor de segurança entre os dois estados. Em 2005, a Síria reconheceu o PKK oficialmente como uma organização terrorista. Além disso, a Turquia mantém relações de segurança e de fluxo econômico-bélico com Israel desde os anos noventa, o que para o governo de Hafez al-Assad foi uma relação consolidada com o fim de atingir a Síria (MANFREDA, 2014).

A aproximação vigente a partir da última década de 1990 foi baseada em uma aliança conjunta para driblar as ameaças dos EUA na região. Segundo o realismo político, essa tática pode ser interpretada como um ajuste tático temporário a uma mudança regional. Altunışık e Tür (2006) sugerem que se a ocupação dos EUA no Iraque tivesse sido evaporada, a relação entre a Síria e a Turquia se constataria frágil, como ocorreu eventualmente desde 2011.

O movimento de cooperação a partir dos anos 2000 teve como questões-chave a água e o comércio como resultado da crescente dependência a nível interestatal. Esta mudança nas relações, aparentemente, mais profunda e mais durável do que um realinhamento temporário, sem dúvida, constituiu um grande salto em frente à continuidade do conflito para a cooperação. Dessa forma, no caso da Turquia o alinhamento com a Síria foi uma ruptura com o Ocidente centrado nos EUA e com a sua tradicional postural realista de uso do *hard power* na região do Oriente Médio. A relação turco-síria durante o governo de Bashar al-Assad foi caracterizada pelo uso político do *soft power*, mantendo a disputa pela liderança regional.

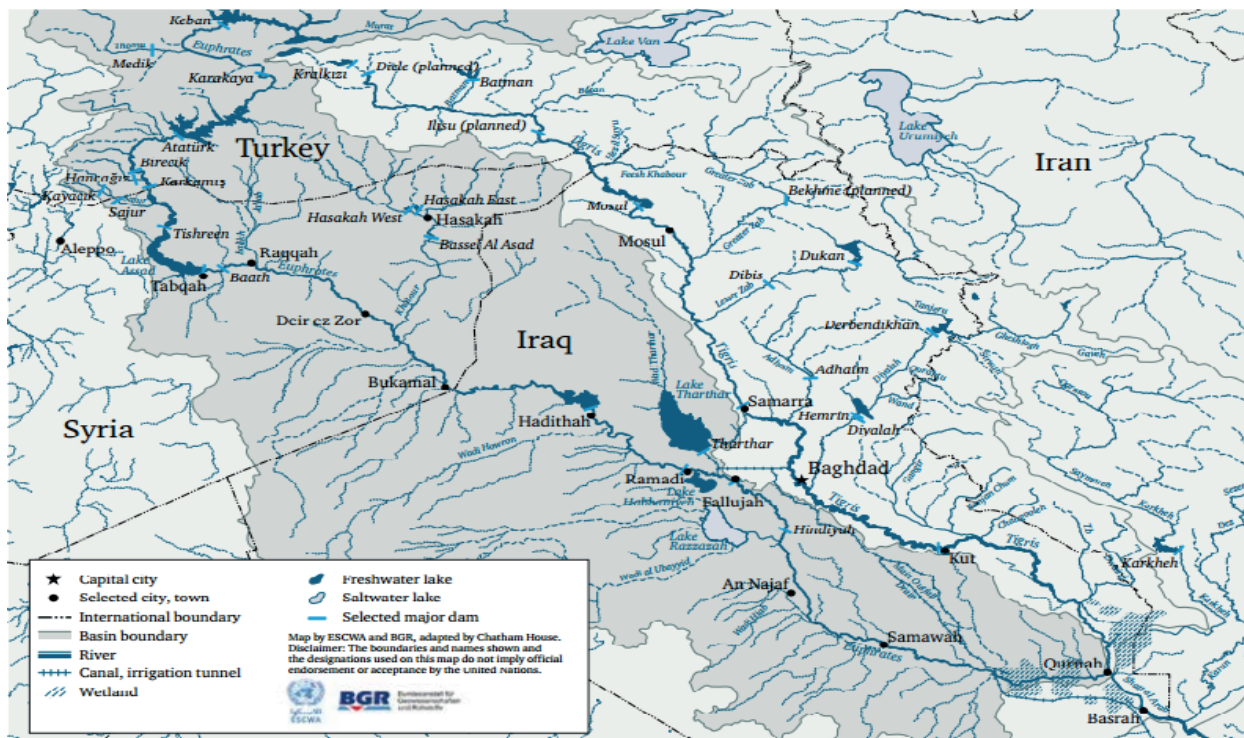
A bacia hidrográfica do rio Eufrates abastece uma população de 23 milhões, dos quais 44% no Iraque, 25% na Síria e 31% na Turquia. O Eufrates está sujeito a dois acordos bilaterais: um acordo entre a Síria e Turquia especifica o fluxo médio da água do Eufrates entre os dois países. A Arábia Saudita (2,97%) e a Jordânia (0,03%), países ribeirinhos, apresentam posições que criam conflito no âmbito de direito internacional, impedindo a consecução de um grande acordo para o manuseio da bacia, com exceção do protocolo de Cooperação Técnica e Econômica que foi assinada em 1980. Além disso, as negociações transfronteiriças são dificultadas pelo histórico de rivalidade regional, a rejeição turca a aderir

---

<sup>43</sup>Em outubro de 1998, quase eclodiu um conflito na fronteira sírio-turca. Turquia, no meio de uma campanha contra o Partido dos Trabalhadores do Curdistão no leste territorial turco. Desse modo, a acusação sob a Síria apoiar os rebeldes curdos, hospedando o líder do PKK, Abdullah Ocalan, em Damasco fortaleceu as desavenças entre ambos países. Este foi o mais recente incidente, antes da guerra na Síria (2010-...), após uma longa história de relações desconfortáveis entre dois vizinhos devido, principalmente, pelos recursos hídricos. Com o envio de 10.000 soldados turcos para a fronteira turca, o presidente Suleyman Demirel declarou que Hafez al-Assad deveria enfrentar as consequências pelo seu apoio ao PKK. No entanto, o presidente Assad cedeu. Ocalan foi expulso, o apoio da Síria para o PKK formalmente terminou, e a Turquia e a Síria assinaram rapidamente os acordos de Adana no dia 20 de outubro, o que marcou o início de um novo capítulo nas relações anteriormente antagônicas entre os dois vizinhos (MERTEK, 2012).

à Convenção das Nações Unidas de Água (1997) o que impede a aplicação de princípios internacionais para a questão, e a tomada de decisão centralizada em cada Estado limita o poder de negociação em conjunto, assim, as discussões sobre o assunto são realizadas da forma bilateral principalmente (SHAMOUT; LAHN, 2015). A partir de 2008, a Turquia, a Síria e o Iraque concordaram em realizar reuniões regulares para discutir a alocação de água do Tigre e Eufrates, entretanto, sem resultados concretos. Em um gesto simbólico, Erdogan concordou em desviar certa quantia da água do Eufrates ao longo do rio Quweiq que atravessa Aleppo, fornecendo um impulso a agricultura local. Abaixo por meio do mapa da Bacia do Eufrates (Figura 3) pode ser visualizada a amplitude do rio e a importância geoestratégica.

**Figura 3 - Mapa da bacia do Eufrates**



Fonte: UN-ESCWA e BGR (2013).

O acordo de segurança bem-sucedido após a crise de 1998 e a assinatura do Acordo de Adana criou uma ligação direta entre os Estados, com reuniões periódicas sobre a segurança dos países. Começando nos anos 2000, no funeral de Hafez al-Assad a presença do presidente da Turquia Ahmet Necdet Sezer (2000-2007) consolidou a normalização das relações. Com a conturbada geopolítica regional nesse período, ambos governos foram contrários ao ataque norte-americano ao Iraque. Em janeiro de 2004, Bashar al-Assad fez uma visita histórica à Turquia, reciprocamente, ao recusar o convite do primeiro-ministro de Israel Ariel Sharon devido às políticas repressivas contra os palestinos, o primeiro-ministro turco Ragib Tayip

Erdogan visitou Damasco em dezembro de 2004. Durante este período, a Síria tentou chegar a um entendimento com a Turquia sobre a questão do Norte do Iraque, rejeitando a criação de um Estado curdo independente (MAHFUDH, 2012).

O crescente papel da Turquia no plano regional e internacional poderia tornar o país um grande aliado para a Síria integrar o sistema internacional com mais facilidade, em virtude de seu protagonismo em lidar com negócios domésticos e estrangeiros, suas relações com os EUA, as negociações para admissão à União Europeia (UE) e ser um Estado majoritariamente islâmico (HINNEBUSCH; TUR, 2013). As expectativas sírias da aliança estratégica com a Turquia foram expressas na entrevista realizada pela *Sky News*, imprensa turca, quando o presidente Bashar al-Assad foi entrevistado por Serdad Ak Inan:

[...] Há uma convicção por todas as instituições turcas e estratos, não há exagero, da importância da relação com a Síria. Isso é uma coisa. A outra coisa é que há uma condenação por parte da Turquia e muitos países no mundo da injustiça que está acontecendo com a Síria nos dias de hoje, e que essas pressões têm objetivos políticos e não têm nada a ver com as manchetes sendo levantadas. Posso dizer que a relação com a Turquia abrange todas as áreas econômicas e políticas, coordenação de segurança, as relações sociais naturais e históricas também estão se desenvolvendo e cada vez mais forte com o tempo. O aspecto econômico foi o mais presente. Claro, as coisas estão a avançar. Não poderia deixar de haver obstáculos relacionados com os mecanismos burocráticos na Síria e na Turquia. Estes obstáculos, por vezes, atrasam a implementação das políticas. A Síria está agora envolvida num processo de desenvolvimento e aprimoramento de muitos dos seus mecanismos. Com este desenvolvimento, essas relações estão se acelerando. Há, no entanto, reuniões contínuas regulares entre empresários e entre funcionários dos dois países (ASSAD, 2005, não paginado, tradução nossa)<sup>44</sup>.

A reivindicação da Síria ao território de *Alexandretta* (Hatay), e o apoio sírio ao PKK, também foram resolvidos evitando meios coercitivos. A Síria não renunciou formalmente aos seus direitos sobre *Alexandretta* mas concordou em não continuar com medidas administrativas que destacavam a sua legitimidade na área. No entanto, os livros escolares sírios e locais turísticos continuam a mostrar Hatay como parte da Síria.

---

<sup>44</sup>No original em inglês: “There is a conviction by all the Turkish institutions and strata, there is no exaggeration, of the importance of relationship with Syria. This is one thing. The other thing is that there is a conviction by Turkey and many countries in the world of the unjustness of what is happening with Syria these days, and that these pressures have political objectives and have nothing to do with the headlines being raised. I can say that the relationship with Turkey is moving in all the economic and political fields, security coordination, and the natural and historical social relations are also developing and becoming stronger with time. You mean precisely the economic aspect, I think. There are agreements in other areas, but the economic aspect was the widest. Of course, things are moving forward. There could be obstacles relating to the bureaucrat mechanisms whether in Syria or in Turkey. These obstacles delay sometimes the implementation. Syria is now involved in a process of development for many of its mechanisms. With this development, these relations are accelerating. There are, however, continuous regular meetings between businessmen and between officials in the two countries”.

Hinnebusch e Tur (2013) apontam que a ascensão de Bashar ao governo da Síria e do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP) na Turquia, além das novas circunstâncias internacionais, após o 11 de setembro (2001), desenvolveu uma reaproximação diplomática, e mais tarde uma aliança integrada. Para a Turquia, embora as relações com a Síria já apresentavam melhora com o Ministro de Relações Exteriores, Ismail Cem (1997-2002), com a eleição do AKP, em 2002, catalisou o fortalecimento dos laços políticos. Isto não ocorreu, entretanto, devido a qualquer familiaridade ideológica entre a inclinação islamita do AKP e o regime de Assad na Síria. O AKP alcançou o poder determinado a lançar a candidatura da Turquia a aderir à UE e a melhorar as relações com a Grécia, rival histórica, independentemente da religião. A aliança reforçada com a Síria reflete a nova política pragmática do ideólogo Ahmet Davutoglu, AKP. Além disso, a Síria não obteve apoio da diplomacia turca, quando o país turco se juntou a comunidade internacional para realizar pressão política sob a Síria para a retirada do Líbano após o assassinato do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri em 2005.

As mudanças que ocorreram na geopolítica internacional após o colapso econômico nos países desenvolvidos, contribuiu para que a Turquia expandisse sua economia em busca de novos mercados, nesse caso a Síria foi um componente importante e estável na conjuntura vigente no período. Ademais, a guerra do Iraque (2003) modificou o panorama político no Oriente Médio, deixando um vácuo de poder no Iraque, após a remoção de Saddam Hussein. Com isso, a Turquia foi atingida diretamente, pois o sectarismo regional e o nacionalismo curdo ressurgiu com força, o que acarretou uma ameaça ao sul da fronteira do país turco. Erdogan reconheceu a necessidade de ser mais ativo no novo Iraque, apoiou certos partidos políticos iraquianos, e a melhoria das relações com o Irã foi um aspecto chave desta estratégia, mas a Síria rapidamente emergiu como um aliado para dinamizar os setores políticos e econômicos de interesses turcos nos países árabes.

A autonomia dos curdos no Iraque, após a queda do regime de Saddam Hussein, foi a maior preocupação para a política turca, temendo que isso pudesse reviver o PKK. Em 2007, Erdogan lançou uma invasão no território do Iraque para destruir as bases do PKK recém-construídos, imediatamente, Bashar al-Assad apoiou a intervenção turca que teve apoio internacional (ERTUGRUL, 2012). É importante destacar que a nova política norte-americana para o Oriente Médio lançada por George W. Bush foi contrária à visão política da Turquia, pois colocou aliados do país turco, como o Irã e a Síria, no chamado Eixo do Mal, causando tensões no âmbito regional e internacional. Desse modo, a Turquia procurou se inserir no sistema internacional com uma estratégia política voltada para o Sul, e a Síria foi um ator



essencial para atingir esse objetivo. Da mesma forma, a Síria que se encontrava sob *lobby* internacional patrocinada por Bush a fim de isolá-la, teve na Turquia o seu aliado para fazer frente ao embargo político e econômico de alguns países ocidentais. Hinnebusch e Tur (2013) citam um fato que demonstra a importância da aliança turca para a Síria, quando o presidente francês, Nicholas Sarkozy, finalmente driblou o boicote internacional e visitou a Síria em 2007, Assad o recebeu acompanhado com o Erdogan.

O papel da Turquia foi crucial para a inserção da Síria no sistema internacional ao desafiar às pressões norte-americanas e da UE após a ocupação do Iraque (2003) e o assassinato do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri (2005). Os esforços da Turquia na mediação das negociações de paz indiretas entre a Síria e Israel em 2008 que, embora não terem apresentado resultados, ajudou a melhorar a imagem da Síria perante o mundo como um país disposto a negociar pela paz. Isso certamente ajudou a UE a justificar a retirada do boicote diplomático sob Damasco, em 2008, eventualmente, até mesmo oferecendo à Síria a adesão à parceria Euro-Mediterrânea (MAHFUDH, 2012).

A Síria atuou como um ator que propiciou a ampliação dos laços políticos e econômicos entre o mundo árabe e o país turco. A linha política populista engajada com Erdogan contribuiu para a aproximação da Turquia com a Questão Palestina, afastando-se de Israel. Nesse sentido, o aumento da influência da Turquia no Oriente Médio reforçou as relações econômicas com a região, representando segundo o Ministério de Relações Exteriores da Turquia (2015), 10% do comércio internacional da Turquia. Em relação à Síria, o ministério turco apresenta uma grande expansão econômica entre 2000-2010, exatamente quando iniciou o governo de Bashar al-Assad na Síria. O enquadramento jurídico das relações econômicas foi fortalecido com o Acordo de Livre Comércio<sup>45</sup> (2009), abolição mútua dos vistos e a conclusão de vários acordos bilaterais. A assinatura da Declaração Política Conjunta sobre o estabelecimento do Conselho de Cooperação Estratégica de Alto Nível durante a visita do Presidente Assad a Turquia em setembro de 2009 foi mais um marco nas relações entre os países (ZAFAR, 2012). Em reunião da delegação de altos ministros turcos na cidade de Aleppo na Síria, em 2009, o ministro das relações exteriores da Turquia Ahmet Davutoglu emitiu nota a respeito da retirada de vistos entre os países em que ele diz "Eu gostaria de falar

---

<sup>45</sup>De acordo com a previsão do Ministério de Relações Exteriores da Turquia, o volume de comércio entre os dois países, em um curto espaço de tempo, chegou a 5 bilhões de dólares a partir de 800 milhões de dólares graças ao Acordo de Livre Comércio. O volume de comércio da Turquia chegou a 1, 8 bilhões de dólares a partir de 2009. Este número ultrapassou 2, 2 bilhões de dólares nos primeiros 11 meses de 2010 e prevê-se para chegar à meta de 5 bilhões em um curto período de tempo. É importante destacar que o ministério turco apresenta os dados de 2000-2010, pois a partir de 2011 com a guerra civil na Síria houve a decadência das relações econômicas e políticas entre os Estados (TURKEY, 2015).

ao povo sírio. A Turquia é seu o segundo país e o povo turco estão esperando por vocês de braços abertos sem visto" (TÜRKIYE..., 2009, não paginado, tradução nossa)<sup>46</sup>. Esse ato promoveu a integração econômica local como modelo a outros países vizinhos da região.

A Turquia investiu um montante considerável em projetos de infraestrutura na Síria, particularmente ao redor norte da cidade de Aleppo. Os investimentos das empresas turcas na Síria foram o equivalente a 260 milhões de dólares. Apesar dos investimentos da Turquia no território sírio, houve uma competição desigual causando danos às empresas nacionais têxteis da Síria com a concorrência de produtos provenientes da Turquia com melhor qualidade e mais econômico. As exportações turcas triplicaram entre 2006 e 2010 chegando ao valor de 1,641 bilhão de dólares, tornando a Síria o sétimo maior mercado para os produtos turcos no Oriente Médio. Desse modo, a Síria permaneceu com a balança comercial desfavorável continuamente (TURKEY, 2015).

No setor militar, a cooperação entre os países evoluiu progressivamente, tanto que a Turquia enviou delegações militares para a Síria e conduziu a formação conjunta militar para a segurança fronteiriça em 2009. Apesar disso, o governo turco manteve a conduta de que as fortes relações militares com os EUA e Israel não serão abaladas. Nesse aspecto, Ehud Barak, ministro de defesa israelense no período ressaltou que: "As relações entre Israel e Turquia são estratégicas, e remontam dezenas de anos" (TURKEY..., 2009, não paginado, tradução nossa)<sup>47</sup>. A Turquia mantém acordo de segurança com Israel desde 1996, apesar das divergências políticas em relação à ocupação ilegal dos territórios palestinos. É evidente que a força militar síria independe da Turquia, que historicamente provém de financiamento da Rússia e do Irã para aprimorar suas capacidades militares.

Portanto, a mudança de liderança de Hafez al-Assad para Bashar resultou na consolidação das relações com a Turquia, principalmente, devido à política doméstica mais liberal que Bashar implementou desde os anos 2000 com reformas políticas e econômicas. A Síria não apoiou mais o PKK e aceitou a perda permanente da província de Hatay. Da mesma forma, o apoio da Turquia contra o isolamento diplomático protagonizado pelo governo Bush permitiu a Síria evitar qualquer compromisso impopular quanto ao conflito com Israel, principal foco ideológico do regime Assad, além de alavancar o processo de integração regional e do desenvolvimento econômico.

---

<sup>46</sup>No original em turco: "Buradan kardeş Suriye halkına seslenmek istiyorum; Türkiye sizin ikinci memleketinizdir ve Türk halkı vizesiz bir şekilde sizlere kucağını açmaktadır".

<sup>47</sup>No original em inglês: "The relations between Israel and Turkey are strategic, stretching back dozens of years".

É inegável a importância atual da Turquia nos assuntos árabes em diversos setores, como o diplomático, econômico e cultural. Nesse contexto, até 2011, Síria e Turquia criaram uma cooperação estratégica inovadora devido às mudanças da geopolítica regional, doméstica e internacional, principalmente após o 11 de setembro e a Guerra no Iraque. A necessidade de manter a estabilidade na região, bem como o desenvolvimento econômico em ambos países contribuiu para a construção da aliança. Para Bashar, foi um trunfo para driblar o isolamento político e econômico, e para a Turquia uma “porta de entrada” para eliminar o elemento anti-otomano existente no mundo árabe, passando a vigorar a amizade que promoveu as transações econômicas, inundando os países árabes de produtos da indústria turca. É importante destacar que desde a guerra na Síria eclodida em 2011, a Turquia rompeu relações com o governo de Bashar al-Assad, pois cabe ao povo sírio decidir o futuro da Síria. Tal posicionamento do governo de Erdogan é justificado pelos pilares democráticos e de direitos humanos que a Turquia defende oficialmente, porém não cumpre, pois é evidente os ataques militares protagonizados pelo exército turco contra a população de origem curda.

#### 4.2 RELAÇÕES SÍRIA-IRAQUE

A formação dos Estados Nacionais no Oriente Médio refletiu diretamente no processo de relação entre a Síria e o Iraque. As idas e vindas das alianças políticas determinaram o caráter político de ambos países. Os dois Estados participaram de coalizões contrárias historicamente: O Iraque aderiu ao Pacto de Bagdá<sup>48</sup> (1955) junto ao Irã, Paquistão e a Turquia, enquanto que a Síria e o Egito formaram a República Árabe Unida (1958). Nesta dissertação será tratado o relacionamento sírio-iraquiano desde a ascensão de Saddam Hussein e Hafez al-Assad às presidências do Iraque e da Síria respectivamente, que apesar de compartilharem da mesma ideologia *Baath*, permaneceram rivais devido a disputas pela liderança árabe no Oriente Médio. Além disso, o foco principal nas mudanças políticas decorridas após a guerra do Iraque (2003) justamente com a posse do governo sírio de Bashar al-Assad em 2000. É importante destacar que a Síria e o Iraque foram criados pelo imperialismo britânico e francês sem respeitar as etnias locais: a Síria foi separada do Líbano, Jordânia e a Palestina que formavam juntos *Bilad al-Sham* e o Iraque foi formado

---

<sup>48</sup>O Pacto de Bagdá foi firmado no dia 24 de fevereiro de 1955 com o propósito de frear o impacto da influência da URSS no Oriente Médio. Sob protagonismo norte-americano, o pacto teve aderência do Paquistão, Irã, Iraque, Reino Unido e a Turquia. Com a queda da monarquia iraquiana em 1958 liberado pelo general Abdal Karim Kassem, que instalou um regime nacionalista de esquerda, Kassem anunciou a saída do Iraque do pacto, que então passou a se chamar Cento (*Central Treaty Organisation*).

basicamente pela união de três regiões, o centro regional Bagdá de maioria sunita, o sul xiita e o norte curdo. Essa necessidade de unificação territorial e das identidades que levou a revolução *Baath* em ambos países fortalecendo a ideologia nacionalista árabe na construção dos Estados.

De acordo com Hinnebusch (2014), o Iraque e a Síria são fruto do que restou do colonialismo ocidental, sendo assim, foram formados como Estados fragmentados, possuindo divergências étnicas internas. Sob a égide norte-americana nos anos 1990 no Oriente Médio, foram apresentados desafios semelhantes, entretanto, responderam de maneira diversa, visto que a Síria procurou manter a manobra diplomática como estratégia principal, em contraponto ao Iraque que realizou duas guerras seguidas, a primeira contra o Irã com o apoio norte-americano, e a segunda contra o Kuwait agindo de forma isolada, sem apoio bélico.

O nacionalismo árabe e populista foi presente durante todo o governo de Saddam Hussein (1979-2003) e o governo Assad (1970-2010). A ideia originada por Michel Aflaq foi absorvida por Saddam Hussein e Hafez al-Assad como vocabulário político para poder legitimar seus governos já que ambos representavam a minoria em seus países. O Iraque, país de maioria xiita, teve Saddam Hussein, sunita, o que representa a população iraquiana cerca de 32-37% conforme o *Index Mundi* (IRAQ..., 2014), como seu líder por quase três décadas. Já a Síria, país majoritariamente sunita, teve em Hafez al-Assad e sucessivamente Bashar al-Assad, alauítas, o que representam cerca de 13% da população síria de acordo com o *Index Mundi* (SYRIA..., 2014), como lideranças por mais de três décadas no governo.

Ahram (2002) apontou a questão do distanciamento do pan-arabismo e a adesão à unicidade *Baath* pelos governos sírio e iraquiano como forma de legitimação de poder dado que representavam a minoria da sociedade de cada Estado.

[...] Assad e Saddam levaram os seus “comitês revolucionários” para o rumo *Baath* criando o status de líderes indiscutíveis. Consolidando seu controle na Síria e no Iraque, Saddam e Assad reduziram sua adesão à ideologia pan-árabe em favor do *Baathismo* em um só país. Isso não quer dizer que as versões sírias e iraquianas do nacionalismo *Baath* eram desprovidas de sentimento pan-árabe. Mas depois do colapso da União Iraque-Síria proposto em 1978, até mesmo os mais fervorosos *Baathistas* relegaram o pan-arabismo a um ideal distante (AHRAM, 2002, p. 34, tradução nossa)<sup>49</sup>.

<sup>49</sup>No original em inglês: “[...] Asad and Saddam had pushed and purged their way from Ba’th “revolutionary committees” to the status of undisputed leaders. In consolidating their control in Syria and Iraq, Saddam and Asad had to curtail their adherence to pan-Arab ideology in favor of “Ba’thism in one country.” This is not to say that the Syrian and Iraqi Ba’th versions of nationalism were devoid of pan-Arab sentiment. But after the collapse of the proposed Iraq-Syria union in 1978, even the most fervent Ba’thists relegated pan-Arabism to a distant ideal”.

Hafez al-Assad construiu o ideal nacionalista cívico originado da influência ideológica francesa que proporcionou um longo período de estabilidade interna na Síria. A ideia de união dos sírios, seja qual for a etnia ou religião, sob um governo comum vigorou até 2010. O republicanismo autocrático, que seguiu sob o governo de Bashar, baseou-se nos pilares dos quais o governante não governa a Síria, mas rege as instituições do Estado, com isso legitimando o sistema político do país. Apesar das reformas institucionais realizadas por Bashar, em 2000, não conseguiu manter a unicidade artificial na sociedade doméstica que culminou na Revolução Síria em 2011. No Iraque, Saddam Hussein consolidou o nacionalismo cultural complementada pela ideia de nação cívica-territorial. A ideologia de culto a liderança reduziu a importância do republicanismo na política iraquiana. O papel monárquico junto ao nacionalismo cultural caracterizou o Iraque sob o governo de Saddam Hussein (AHRAM,2002).

Hinnebusch (2014) caracterizou os anos setenta como o *boom* do petróleo que canalizou recursos para a consolidação de regimes no Oriente Médio. O aumento do valor do petróleo foi diretamente relacionado pelas guerras envolvendo a Síria e o Iraque: a Guerra de *Yom Kippur* e a Guerra do Golfo contra o Irã. Desse modo, o fortalecimento dos Estados na região criou uma disputa de capacidades econômicas e políticas entre os países o que gerou um clássico dilema de segurança do realismo em que se percebe na arena Estados vizinhos como ameaças ou aliados. Nesse caso, a transformação de oligarquias fracas comandadas diretamente por potências globais a Estados fortes com hegemonia regional frente ao imperialismo ocidental foi o que se evidenciou com a chegada de Saddam Hussein ao poder no Iraque e Hafez al-Assad na Síria. Assim, o período em análise da formação nacional da Síria e do Iraque entre 1970-1990 determinou a construção dos sistemas burocráticos, capacidades militares e a identidade nacional que foram consequências da arrecadação de rendas extraídas no novo sistema internacional. A partir da década de 1990-2010 ocorreu o enfraquecimento de ambos países fruto da nova era da globalização norte-americana baseada no neoliberalismo e dependência regional.

Os dois Estados utilizaram a mútua interdependência agindo um contra o outro. Nesse sentido, Hinnebusch (2005) aponta os contenciosos a que os dois se submeteram no que concerne ao fluxo de água do rio Eufrates e ao oleoduto que passava pelo território sírio. Ademais, o Iraque considerava como inimigo principal, o Irã, país que Saddam Hussein caracterizava como incrédulo. O Irã explorou a divisão sectária do Iraque para tentar promover levantes xiitas, que inúmeras vezes, foram detidos pelo governo sunita iraquiano. Em contrapartida, a Síria sempre manteve Israel como principal inimigo da integridade

territorial do país, tendo como aliado islâmico e estratégico o Irã. O Iraque financiou a Irmandade Islâmica na Síria, nos anos 80, para mobilizar forças sunitas contra o governo alaúita de Assad. No Líbano, o governo iraquiano deu suporte a ações anti-síria lideradas pelo Michel Aoun, líder maronita libanês.

Apesar dos problemas políticos entre Saddam Hussein e Hafez al-Assad, as relações sírio-iraquianas foram retomadas gradativamente com o início do governo de Bashar al-Assad. O volume de trocas comerciais entre a Síria e o Iraque cresceu durante o governo de Bashar, com o valor que superou a 3 bilhões de dólares até o final de 2002. O aumento do comércio entre ambos contornou as sanções econômicas impostas pelo ocidente à Síria, principalmente com o retorno do funcionamento do oleoduto entre Kirkuk e Baniyas em 2001, que contribuiu para a Síria abastecer o seu mercado interno e a exportar petróleo. De acordo com o Ministério da Economia e Comércio Exterior da Síria (2013), os países possuem grandes áreas de cooperação nos domínios do comércio e da criação de centros de comércio exterior, centro de exposições e do estabelecimento de supermercados, armazenamento e zonas francas bem como áreas de cooperação com o setor privado e aumentar as oportunidades de investimento e os fluxos de capital para além da cooperação nos domínios das finanças e os costumes, a indústria bancária, minerais, especificações e normas, petróleo e riquezas minerais. Até 2010, o Iraque se apresentou como o primeiro parceiro comercial da Síria, absorvendo as exportações sírias em 30,22 % de um total de 12,84 bilhões de dólares, segundo o site *The Syria Times* vinculado ao Ministério da Economia e Comércio Exterior da Síria (2013).

[...] Associação de Desenvolvimento e Promoção de Exportações da Síria enfatizou que os indicadores de desenvolvimento do comércio emergiram claramente, especialmente na taxa de crescimento das exportações sírias para o Iraque, que atingiu cerca de 40 por cento no ano de 2011 como ocorreu em 2010 [...] O valor por tonelada exportada para o Iraque chegou a seu nível mais elevado em 2009 e, por sua vez, aumentou o valor da tonelada importada do Iraque de 5 mil libras sírias em 2005 para mais de 32 mil em 2010. As estatísticas mostram um excedente no balanço comercial entre a Síria e o Iraque significativo e atingiu o seu valor mais elevado em 2009 de 125,711 milhões de libras, a uma taxa de crescimento de 1,6 por cento em 2008, enquanto as exportações sírias para o Iraque em 2010 caíram, e as importações sírias do Iraque recuaram mais do que as exportações, o saldo da balanço comercial manteve um grande excedente (SYRIA, 2013, não paginado, tradução nossa)<sup>50</sup>.

<sup>50</sup>No original em inglês: “[...] Association of the Development and Promotion of Syrian Exports emphasized that development indicators of trade emerged clearly, especially in the growth rate of Syrian exports to Iraq that reached about 40 percent in the year 2011 as it was in 2010 [...] The value of per ton exported to Iraq reached to its highest level in 2009 and in turn increased the value of imported ton of Iraq than 5 thousand Syrian pounds in 2005 to more than 32 thousand Syrian pounds in 2010. The statistics show a surplus in the balance of trade between Syria and Iraq significantly and reached its highest value in 2009 to 125,711 million pounds and

Após a invasão do Iraque (2003), o governo sírio se considerou como alvo principal, na série de mudanças de regimes na região promovida pelos EUA, entretanto, Bashar al-Assad teve a habilidade política em manter-se no comando do país. Apesar disso, a Guerra do Iraque precipitou gradativamente a crise entre a Síria e o governo norte-americano. A mudança de *status* do país iraquiano em relação à Síria é um fator que desagradou severamente aos EUA, e que hoje se denotam as consequências. A queda de Saddam Hussein e a ascensão de um governo xiita no Iraque acarretou a retomada das relações sírio-iraquianas tornando-se amistosas e um fluxo econômico considerável. Em 2002, a Síria, membro não-permanente do Conselho, apoiou a Resolução 1441<sup>51</sup> do Conselho de Segurança das Nações Unidas, mas sustentou posicionamento contrário à Guerra do Iraque em 2003.

Bashar al-Assad em um discurso à Assembleia Popular no dia 30 de março de 2011 descreve a relevância da estabilidade do Iraque e no fortalecimento das relações entre ambos.

Se você quiser falar sobre a estabilidade no Iraque, eu sou o único que está interessado em ter estabilidade no Iraque mais do que os EUA, pois é meu vizinho. Se eu não ajudar o Iraque a ter estabilidade, estou atirando no meu próprio pé. Segundo, se eles dizem que precisam de paz no Oriente Médio, eu sou o único que está interessado em ter paz, porque então eu terei prosperidade, a abertura e uma economia florescente (ASSAD, 2011, não paginado, tradução nossa)<sup>52</sup>.

Sobre a oposição no que diz respeito à ação unilateral dos EUA no Iraque, Bashar al-Assad em entrevista à *Sky News* em 17 de março de 2006 apresentou o posicionamento sírio.

Nós nos opusemos à invasão do Iraque por razões relacionadas com os nossos princípios, valores e interesses na medida em que nós recusamos qualquer intervenção ou invasão de qualquer terra árabe. Estamos comprometidos com o princípio da não intervenção nos assuntos iraquianos e anuncio o nosso desejo de estabelecer uma relação baseada em mais fraternidade, integração e coordenação [...] Nós expressamos prontidão para oferecer ajuda ao Iraque quando o povo iraquiano nos pedir para fazê-lo. Também ressalto a importância da unidade, da estabilidade e da necessidade da participação de todo o povo iraquiano no processo político [...] Para além da retirada das tropas estrangeiras de suas terras. Hoje, ressalto que todos

---

a growth rate of 1.6 percent in 2008, while Syrian exports to Iraq in 2010 fell, and the Syrian imports from Iraq retreated by more than exports and thus the balance of trade maintained to a large surplus”.

<sup>51</sup>A Resolução 1441 (2002), em linhas gerais, estabeleceu a última oportunidade para que Saddam Hussein cumprisse o desarmamento bélico do seu país, conforme as inúmeras resoluções aprovadas anteriormente quanto ao mesmo assunto. O Iraque negou as acusações e permitiu a reentrada de inspetores da Organização das Nações Unidas. No entanto, os EUA invadiram o Iraque em ato unilateral, o que mostra a debilidade da ONU frente a grande potência norte-americana (UNITED NATIONS, 2002).

<sup>52</sup>No original em inglês: "If you want to talk about stability in Iraq, I am the one who is interested in having stability in Iraq more than the U.S. because it is my neighborhood. If I do not help Iraq to have stability, I am shooting myself in the foot. Second, if they say they need peace in the Middle East, I am the one who is interested in having peace because then I will have prosperity, openness and a flourishing economy".

estes objetivos, particularmente a unidade da terra iraquiana não pode ser estabelecida, sem uma solução futura representada pelo arabismo do Iraque [...] Eu também saliento que o futuro de toda a região depende deste princípio. Há muitos cenários e ideias que estão sendo discutidos e apresentados em relação à questão do Iraque, mas todos esses cenários dependem do princípio sectário [...] Se tivermos uma ideia extremista e seu contraste do extremismo e dar uma terceira ideia no meio, em seguida, todos eles vão levar para a desintegração e destruição do Iraque, enquanto eles contam com a base sectária. Em troca, se tomarmos todas estas probabilidades com base no Arabismo do Iraque, em seguida, o resultado será com certeza a estabilidade do Iraque e manter sua integridade territorial. A palavra do Arabismo do Iraque não é machista ou étnica. Arabismo é um significado civilizado, não nega etnias, culturas ou línguas ou qualquer um dos componentes da sociedade árabe, que existe agora nesta sala. É a história natural da nossa região, e, posteriormente, nenhum grupo ou segmento ou facção neste mundo árabe deve sentir-se sensível ao longo desta apresentação ou esse idioma como ele é o único e mais forte ponto de fusão de todos esses componentes ricos [...] É rico através da presença do arabismo e má e prejudicial sem ele. Desejamos que todos os irmãos árabes em todos os níveis, no escritório do governo, homens ou intelectuais de mídia evitem as expressões idiomáticas sectárias apresentados agora no Iraque e restaurar o seu arabismo. Na presença destes eventos e tendências que estavam cientes do tamanho de consequências negativas da situação no Iraque o que afetaria a Síria e a região em geral [...] Como resultado de interações internas e regionais resultantes da invasão [...] Este apareceu, obviamente, sobre os últimos três anos em uma maneira que deu credibilidade às nossas advertências antes da invasão [...] E em vez de admitir os erros, as forças da ocupação começaram a culpar os outros por suas dificuldades que enfrentam no Iraque [...] Eles começaram a estabelecer posições que rejeitam as políticas de hegemonia, e hoje, depois de anos de pesquisa para a vitória perdida no Iraque só encontraram vitória na rejeição ilimitada (ASSAD, 2006, não paginado, tradução nossa)<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup>No original em inglês: “We opposed the invasion of Iraq for reasons relating to our principles, values and interests in as much as we will oppose any intervention or invasion of any Arab land. We are committed to the principle of non intervention in the Iraqi affairs and announced our desire to establish a relationship based on more fraternity, integration and coordination [...] We express readiness to offer help to Iraq when the Iraqi people ask us to do so. We also underscored Iraq unity, stability and necessity of participation of all Iraqi people in the political process...in addition to withdrawal of foreign troops from their lands. I stress today that all these aims, particularly the unity of the Iraqi land, cannot be established unless they depend on a future solution represented by the Arabism of Iraq [...] I also stress that the future of the whole region depend on this principle. There are many scenarios and ideas being discussed and presented regarding the issue of Iraq, but all these scenarios depend on the sectarian principle...if we take an extremist idea and its contrast in extremism and take a third idea in middle then all of them will lead to the disintegration and destruction of Iraq as long as they rely on the sectarian basis. In return, if we take all these probabilities on the basis of Iraq Arabism, then the result will be for sure the stability of Iraq and maintaining its territorial integrity. The word of Arabism of Iraq is not chauvinist or ethnic. Arabism is a civilized meaning as it doesn’t negate ethnics, cultures or languages or any of the components of the Arab society, which exists in now in this hall. It’s the natural history of our region, and, subsequently, no group or segment or faction in this Arab world must feel sensitive over this presentation or this idiom as it’s the only and strongest melting point for all these rich components [...] It’s rich through the presence of Arabism and poor and harmful without it. We wish that all Arab brothers on all levels whether in government office, media men or intellectuals to shun themselves from the quagmire of sectarian idioms presented now in Iraq because we want to restore to Iraq its Arabism not to be drawn by some Iraqis into the sectarian quagmire otherwise we all will drown in one ship. In the presence of these events and tendencies we were aware of the size of negative consequences of the Iraqi situation which would affect Syria and the region in general...as a result of internal and regional interactions resulting from the invasion...this has appeared obviously over the past three years in a way that gave credibility to our warnings before the invasion...and instead of admitting the mistakes, occupation forces started to blame the others for their difficulties they face in Iraq...they began to settle other accounts regarding stance which reject policies of hegemony whenever they are...and today after years of search for the lost victory in Iraq they only found unborn victory and unlimited rejection”.



A decadência das relações entre a Síria e os EUA foram causadas devido a cinco fatores da conjuntura: o colapso do processo de paz entre Israel e a Síria; a ascensão dos conservadores em Washington; os eventos terroristas de 11 de setembro; o alinhamento da Síria com o Iraque; e a resistência síria em relação à Guerra do Iraque (HINNEBUSCH, 2005, p. 3). Apesar disso, os EUA e os países europeus reconheceram a Síria como ator fundamental na região para a situação colaborar para a estabilidade do Iraque após a guerra de 2003. Nesse sentido, Mona Yacoubian (2007) apresentou a mudança da política de isolamento que os EUA impuseram à Síria no período de 2005, sanções essas decorridas pelo apoio sírio ao Irã e sua parceria estratégica com a República Islâmica e pela acusação do assassinato do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri.

Iniciativas de diplomacia regional intensificadas sobre o Iraque trouxeram nova atenção para o papel dos vizinhos do Iraque podem desempenhar para aliviar o conflito. A conferência de 10 de março em Bagdá trouxe potências regionais, incluindo a Síria e o Irã, juntamente com diplomatas americanos e ocidentais. A reunião de Bagdá, a reunião diplomática mais significativa no Iraque desde 1990, e o primeiro encontro EUA-Irã desde novembro de 2004, levou à formação de três grupos de trabalho sobre segurança, refugiados, e energia [...] Na perspectiva ministerial em abril, um diálogo não-oficial entre os iraquianos e os seus vizinhos (incluindo sírios) produziu a Declaração de Marmara, um plano de ação de 36 pontos para o desenvolvimento de um processo de paz regional para o Iraque. Como o ritmo da diplomacia ganha impulso, é renovado o foco sobre os laços entre a Síria e o Iraque, e se a Síria pode ajudar a trazer estabilidade ao Iraque (YACOUBIAN, 2007, p. 1, tradução nossa)<sup>54</sup>.

As relações sírio-iraquianas tendem a se fortalecer nos setores político e econômico. O jogo de inimizade a amizade foi decorrente entre ambos países, entretanto, desde novembro de 2006 oficialmente os Estados retomam os laços diplomáticos com o objetivo de diminuir a interferência ocidental nos assuntos internos e também a combater o terrorismo. O interesse de estabilizar a região é compartilhado pelo Iraque e pela Síria. Não se pode esquecer que até 2010, a Síria recebeu um elevado volume de refugiados iraquianos, e isso pesou no orçamento governamental, já que o governo sírio já havia recebido refugiados palestinos, onde abriga o

---

<sup>54</sup>No original em inglês: “Stepped-up regional diplomacy initiatives on Iraq have brought new attention to the role Iraq's neighbors might play in easing the conflict. A March 10 conference in Baghdad brought regional powers, including Syria and Iran, together with American and Western diplomats. The Baghdad meeting, the most significant diplomatic gathering in Iraq since 1990, and the first U.S.-Iranian encounter since November 2004, led to the formation of three working groups on security, refugees, and energy [...] In advance of the April ministerial, a non-official dialogue between Iraqis and their neighbors (including Syrians) produced the Marmara Declaration, a 36-point action plan for developing a regional peace process for Iraq. As the tempo of diplomacy gains momentum, there is renewed focus on Syrian-Iraqi ties and whether Syria can help bring stability to Iraq”.

maior campo de refugiados palestinos no Oriente Médio, o campo de Yarmouk. Vale ressaltar, que os palestinos gozavam dos mesmos direitos de cidadãos sírios, exceto a nacionalidade síria, diferentemente de outros países árabes, como a Jordânia e o Líbano, que marginalizam os refugiados palestinos. O Iraque e a Síria são essenciais na manutenção do ideal nacionalista árabe, além de serem estrategicamente os países de posição mais relevante no Oriente Médio.

#### 4.3 A RELAÇÃO SÍRIO-LIBANESA

As relações sírio-libanesas são históricas e possuem um processo complexo devido ao colonialismo ocidental. No passado sob o comando do império otomano, a região denominava-se *Bilad al-Sham*, esse sentimento de unificação territorial e de posse que a Síria apresenta é devido aos fatores históricos. Com a derrota do império otomano na Primeira Guerra Mundial, o território de *Bilad al-Sham* foi dividido entre os impérios francês e inglês, sendo assim, houve a consolidação dos atuais países, Líbano e a Síria, que estavam sob o controle francês antes de suas independências. A França durante o período colonial teve como objetivo principal acentuar as diferenças religiosas, étnicas e regionais nos locais de posse, isso contribuiu para os conflitos que ocorreram posteriormente.

Chaitani (2007, p. 20) aponta que o Líbano é a questão estratégica mais importante na agenda da Síria. Os interesses da Síria no Líbano incluem fatores ideológicos, visto que a doutrina ideológica *Baath* vê o Líbano como parte da Síria que foi artificialmente criado pelo colonialismo ocidental. O Líbano possui posição geoestratégica relevante a Síria, e serve aos interesses sírios ter um governo libanês que tenha relações estáveis e fortes com o país, pois do contrário o Líbano poderia ser utilizado como uma plataforma de passagem militar israelense pelo Vale do Bekaa para invadir o território sírio, evitando um confronto direto nas Colinas de Golã. Além disso, teve como propósito impedir o Líbano de celebrar um tratado de paz separadamente com Israel, o que isolaria a Síria. É importante destacar que as relações diplomáticas somente foram formalizadas em 2008, com a abertura da embaixada síria em Beirute, dado que a Síria não reconhecia o Líbano como um Estado soberano legítimo, e sim como parte da Síria (BLACK, 2008).

Segundo Salloukh (2005), Hafez al-Assad reestabeleceu o poder de influência no Líbano devido a dois processos principais: o primeiro, o fortalecimento do poder no início dos anos de 1970 e do controle do poder político doméstico na Síria, o que permitiu a Assad projetar o seu poder para o âmbito externo, adquirindo uma posição de influência regional; segundo, o enfraquecimento e o colapso do sistema político e social libanês como resultado

dos desenvolvimentos internos no país. Ademais, Salloukh (2005) argumenta que a estratégia de Hafez al-Assad em utilizar a terceiros para atingir seus inimigos, evitando um confronto direto foi o que autor denominou de “terrorismo sírio”. A intervenção da Síria no Líbano começou com a entrada das forças sírias no Líbano em junho de 1976, levando em consideração que foram os libaneses maronitas com o apoio da Liga Árabe e os Estados Unidos que fizeram o pedido para a Síria intervir no Líbano.

A eclosão da guerra civil no Líbano iniciada em 1975 entre o Kamal Jumblat, libanês druso, do Movimento Nacional Libanês, a OLP de um lado, e a Frente Conservadora Cristã (maronitas) de outro lado, teve como mediador entre as duas frentes Hafez al-Assad. Concomitante a isso, Assad apoiou o Movimento Nacional Libanês e a OLP, fornecendo-lhes armas que enfraqueceu o Estado libanês, o que ocasionou a solicitação da intervenção síria para criar uma relativa estabilidade e impedir uma derrota cristã no local. No que concerne a OLP, o acordo sobre a desocupação<sup>55</sup> (1974) entre a Síria e Israel que levou a um cessar-fogo na fronteira sírio-israelense e o reconhecimento da OLP como único representante do povo palestino em outubro de 1974 redirecionou a política de Hafez al-Assad para controlar a OLP, a Jordânia e o Líbano como forma de garantir o seu poder de influência regional e impedir um possível acordo de paz isolado entre o Líbano e Israel. Como consequência desse ideal, Hafez interveio militarmente no Líbano.

Ao longo da década de 80, a Síria e Israel travaram uma luta regional dentro do território libanês. Chaitani (2007) apontou que Israel desenvolveu a sua política em relação ao Líbano com o propósito de enfraquecer a presença síria, o que dificultou a segurança regional e doméstica do país. Em 1978, Israel estabeleceu uma zona de segurança no sul do Líbano e manteve a presença no território, apesar da Resolução 425<sup>56</sup> do Conselho de Segurança da ONU ter determinado no mesmo ano a retirada das forças israelenses do território libanês.

Sob a presidência de Hafez al-Assad, a Síria soube atuar estrategicamente a ponto de fazer o Líbano revogar o acordo de segurança assinado entre o presidente libanês Amin Gemayel (Frente Conservadora Cristã – maronita ou Falange) e Israel no ano de 1983. A OLP foi expulsa do Líbano, a maioria dos guerrilheiros palestinos foram recebidos na Tunísia. Em 1989, o presidente sírio acabou com a guerra civil libanesa e restabeleceu as instituições

<sup>55</sup>O Acordo sobre a desocupação (em árabe: *اتفاقية فك الاشتباك*) é um acordo entre Israel e Síria, assinado em 31 de maio de 1974, que terminou oficialmente a Guerra do *Yom Kippur* e do período subsequente de atrito na parte dianteira da Síria.

<sup>56</sup>Em 19 de março de 1978, a Resolução 425 foi criada pelas Nações Unidas determinando a desocupação unilateral das forças israelenses do território libanês. Após a saída de Israel, em 2000, do Líbano, a Força Interina das Nações Unidas iniciou os trabalhos com o objetivo de ajudar o exército libanês a se mobilizar ao longo da fronteira com Israel e velar pela instauração da segurança e a paz na região.

governamentais e o sistema político libanês. O Acordo de Taif<sup>57</sup> (1989) concertado no Líbano com o protagonismo sírio para finalizar com a guerra civil libanesa foi uma das maiores conquistas estratégicas da Síria, pois deu abertura ao domínio sírio no Líbano que durou cerca de trinta anos. A ocupação síria no Líbano foi um dos principais propósitos de Hafez al-Assad, entretanto, não foi somente o governo de Assad que teve esse desejo, mas sim todos os governos da Síria uma vez que este país se tornou independente e até mesmo desde que foi criado como uma entidade política na década de 1920, estavam comprometidos com a ideia de tomar posse sobre o Líbano ou mesmo a abolição da sua existência ou sua anexação à Síria. No entanto, foi Assad que foi capaz de alcançar o poder de influência e de ocupação por três décadas do território libanês o que nenhum outro líder sírio havia feito.

O *Hezbollah* é a “arma política” que a Síria utiliza como estratégia política regional e internacional. Não se pode examinar a relação Síria com o Líbano, sem discutir a relação com o *Hezbollah*. Desse modo, o apoio ao *Hezbollah* foi constante independentemente das negociações diretas ou indiretas entre Israel e a Síria durante o governo Assad.

Após o fim da guerra civil libanesa e a assinatura do acordo de Taif (1989), a relação da Síria com o *Hezbollah* se modificou, pois anteriormente a Síria prestava maior apoio ao grupo *Amal*, também xiita, e aliado sírio no Líbano. Com o forte financiamento do Irã ao *Hezbollah*, a Síria temeu a tentativa de o Irã criar o seu próprio aliado no Líbano, sem necessitar a mediação síria. Com a morte do presidente sírio Hafez al-Assad, o Secretário Geral do *Hezbollah* Sayyed Hassan Nasrallah encaminhou a formação de uma aliança fortalecida com o novo presidente sírio Bashar al-Assad. Ambos com um inimigo comum, Israel, e a luta contra o sionismo. Bashar al-Assad em entrevista a *Al Manar* (2015) apresentou a importância geopolítica e estratégica da atuação do *Hezbollah* na atual guerra na Síria, e o fortalecimento da aliança entre Síria-*Hezbollah*-Irã.

[...] O Estado sírio tem o direito de convidar aqueles que defendem o povo sírio, disse o presidente Al-Assad descrevendo Sua Eminência o secretário-geral do Hezbollah, Sayyed Hassan Nasrallah como o verdadeiro, sincero, honesto e transparente de princípios Líder resistente [...] Em relação às engajadas mudanças nas regras em relação ao inimigo israelense, algo que o Secretário-Geral do Hezbollah, Sayyed Hassan Nasrallah, havia mencionado, o Presidente al-Assad disse: "É claro que, tendo em conta a diferença entre a Síria e o Líbano; a diferença geográfica e demográfica diferencia em termos de fronteiras. Na fronteira entre a resistência e Israel, há a resistência libanesa no lado libanês, mas nas fronteiras entre

<sup>57</sup>O Acordo de Taif (1989) foi alcançado para fornecer a base para o fim da guerra civil libanesa e o retorno à normalidade política no Líbano. Sob a mediação da Arábia Saudita, o acordo foi projetado para acabar os anos de guerra civil brutal, acomodar a todas as religiões com relação à participação política, reafirmar a autoridade libanesa sob o Sul do Líbano (que estava ocupada por Israel) e a previsão da retirada das tropas síria pós-dois anos da assinatura do acordo, o que ocorreu apenas após três décadas.

nós e Israel, há agentes de Israel, aqueles que são semelhantes aos do exército Lahad e exército Saad Haddad no passado. Por conseguinte, esta questão deve ser tratada primeiramente pelas questões geográficas ou políticas que se seguem. " [...] A aliança entre a Síria e o Irã é de 35 anos de idade, e assim, por ser aliado ao Irã e vice-versa é nada de novo, lembrando que quando o Irã foi submetido a uma guerra injusta, a Síria ficou ao seu lado, e agora que a Síria é submetida a uma guerra injusta, o Irã está em pé ao seu lado [...] O que gostaria de mudar é provavelmente a influência da aliança sírio-iraniana na arena internacional, porque o Irã tem agora mais perspectivas para desempenhar um maior papel nele, e a força do Irã será a força da Síria, e da mesma forma a vitória da Síria será uma vitória para o Irã (ASSAD, 2015, não paginado, tradução nossa)<sup>58</sup>.

O âmbito doméstico do Líbano se alterou completamente após a vitória do *Hezbollah* contra as forças israelenses nos anos 2000. A evacuação das forças israelenses do Sul do Líbano, exceto as fazendas Mazaraa Shebaa e Kforshouba que ainda estão sob a ocupação israelense. Dessa forma, a popularidade do grupo libanês aumentou consideravelmente no Líbano, vencendo eleições em prefeituras, além de ter vários assentos no Parlamento e ministros em um governo de coalizão nacional formado no fim de 2009. O grupo *Hezbollah* passou a ser não só uma organização militar, mas também uma organização política com forte poder de influência no Líbano. O relacionamento entre as Forças Armadas do Líbano e o *Hezbollah* é de grande importância para garantir a segurança do Líbano, dado que o exército libanês é ciente das limitações frente às dificuldades impostas na região. O grupo xiita presta apoio aos militares libaneses e, muitas vezes, trabalharam conjuntamente em prol da população libanesa e na defesa contra a ocupação israelense.

As relações da Síria com o Líbano continuaram com Bashar al-Assad, entretanto, em uma nova conjuntura regional e internacional, o que colaborou para o redirecionamento político, com uma nova oposição libanesa anti-síria liderada por Saad Hariri<sup>59</sup>. O assassinato

---

<sup>58</sup>No original em inglês: “[...] The Syrian state has the right to invite those who defend the Syrian people, he said Al-Assad describing His Eminence the Secretary General of Hezbollah, Sayyed Hassan Nasrallah as the true, sincere, honest and transparent principles Tough Leader [...] In relation to the change in rules of engagement with the Israeli enemy, something the Secretary General of Hezbollah, Sayyed Hassan Nasrallah, had mentioned, al-Assad said: "Of course, given the difference between Syria and Lebanon; the geographical and demographic differences apart in terms of borders On the border between the resistance and Israel, there is the Lebanese resistance on the Lebanese side, but on the borders between us and Israel, there are agents of Israel, those who are similar to Lahad army and army Saad Haddad in the past. Therefore, this issue must be addressed before the geographical or political questions that follow [...] The alliance between Syria and Iran is 35 years old, and so being allied to Iran and vice versa is nothing new, noting that when Iran was subjected to an unjust war, Syria stood by its side, and now that Syria is subjected to an unjust war, Iran is standing by its side [...] The influence of the Syrian-Iranian alliance on the international arena, because Iran now has more prospects to play a bigger role in it, and Iran's strength will strength Syria, and in the same way Syria's victory will be a victory for Iran”.

<sup>59</sup>Saad Hariri, filho do ex-primeiro ministro libanês Rafik Hariri, que foi assassinado em 2005, lidera a aliança pró-ocidente e anti-síria no Líbano. Saad foi primeiro-ministro libanês a partir de 2009 a 2011, havendo colapso de seu gabinete logo após 2011. Ele possui forte vínculo com a Arábia Saudita e controla a herança de seu pai no valor de 4,2 bilhões de dólares mantendo negócios na Arábia Saudita. Em 2014, Saad retornou ao Líbano e lidera o Movimento do Futuro.

de Rafik Hariri foi o estopim para a decadência da influência síria no território libanês. Por sua vez, a guerra que ocorreu entre o *Hezbollah* e Israel em 2006 enfraqueceu a popularidade do grupo xiita e, conseqüentemente, da Síria no Líbano. Deeb (2013) caracterizou que a ascensão de Bashar ao poder na Síria diminuiu os ativos estratégicos no Líbano. Apesar disso, a aliança com o *Hezbollah* foi mantida e fortalecida, além do bom relacionamento com o ex-presidente Emile Lahoud que governou o Líbano entre 1998-2007. A Resolução 1559 do Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovada em 2004 impactou diretamente o Líbano, o *Hezbollah* e a Síria. A arena internacional começou a pressionar a Síria e o *Hezbollah* através de dois artigos centrais da resolução: o apelo a todas as forças estrangeiras a se retirarem do Líbano; e a solicitação ao desmantelamento e desarmamento de todas milícias libanesas e não-libanesas. A saída das tropas sírias do território libanês foi realizada pacificamente e em coordenação entre ambos governos de Assad e Lahoud. A coalizão libanesa anti-síria formada por Saad Hariri (sunita), cristãos e Walid Jumblat<sup>60</sup> (druso) contribuiu para os impasses políticos após a saída das tropas sírias no Líbano.

Salloukh (2009) identifica uma série de erros políticos e estratégicos de Bashar al-Assad que acarretaram a retirada síria do Líbano. O erro mais evidente foi o prolongamento do mandato do presidente libanês Emile Lahoud por uma decisão diretamente ligada a Síria em 2004. Por consequência desta decisão houve a aprovação da Resolução 1559 do Conselho de Segurança da ONU. Além disso, o enfraquecimento das relações da Síria com os norte-americanos, após a Guerra do Iraque (2003), e o assassinato do primeiro-ministro Hariri em 14 de fevereiro de 2005 afetou a opinião pública libanesa, que culpou a Síria sobre o assassinato, e provocou a pressão internacional para a aplicação da Resolução 1559. Em reportagem vinculada ao G1 a respeito das eleições atrasadas no Líbano em 2007 e ao pedido da ONU por eleições livres, o ministro de Telecomunicações libanês, Marwan Hamadé, um dos patrocinadores da coalizão anti-Síria, majoritária no Parlamento, expressou sua opinião: "O Líbano entrou na tempestade no dia da prorrogação imposta pela Síria do mandato do presidente Emile Lahoud, em setembro de 2004 (PEDIDO..., 2007).

A Síria passou por um longo caminho de isolamento antes da sua retirada do Líbano. A falha nas negociações de paz entre a Síria e Israel, a morte de Hafez al-Assad e a sucessão da presidência por Bashar, além de os ataques de 11 de setembro de 2001 contra os EUA levaram a modificação da geopolítica regional e a ocupação norte-americana do Afeganistão e o Iraque. A Síria se deparou com um novo contexto internacional e novas imposições

---

<sup>60</sup>Walid Jumblat, filho de Kamal Jumblat, é um político libanês druso que lidera o Partido Socialista Progressista. Jumblat é anti-sírio, pois a Síria é acusada de ter assassinado seu pai Kamal.

ocidentais no Oriente Médio. Os partidários pró-Síria no Líbano temeram a retirada do Líbano, pois defendiam a sua presença como única forma de segurança, visto que o exército libanês é considerado frágil e de formação recente, e que sem o *Hezbollah* para proteger o país e o apoio sírio, o Líbano ficaria propenso à ocupação israelense e a imposições políticas dos EUA, França e Arábia Saudita, que são considerados os principais Estados financiadores da coalizão anti-síria no Líbano.

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresentou as mudanças políticas que ocorreram em relação à Turquia, Iraque e Líbano. Bashar al-Assad teve a habilidade de enfrentar as pressões externas decorridas da ingerência norte-americana no Oriente Médio. Após a queda de Saddam Hussein no Iraque, a Síria passou a sofrer maior imposição para deixar de apoiar o *Hezbollah* e a enfraquecer a parceria estratégica com o Irã.

A Síria manteve como objetivo político a busca pelo equilíbrio regional, a estabilidade do regime Assad no poder e a recuperação dos territórios árabes ocupados. O ataque militar no Iraque e a oposição síria à guerra eclodida em 2003 acarretou retaliação norte-americana com a finalidade de isolar a Síria nos setores político e econômico. Apesar disso, a relação sírio-iraquiana foi retomada oficialmente com a ascensão do governo xiita no Iraque propiciando a formação de uma aliança político-econômica.

A influência síria no Líbano entrou em decadência após as sanções ocidentais que atingiram o país, devido à acusação do assassinato do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri (2005), que provocou a divisão da sociedade libanesa. Ademais, a Resolução 1559 do Conselho de Segurança da ONU, determinou a saída das tropas sírias do território libanês. O *Hezbollah* é o vínculo que permaneceu entre a Síria e o Líbano, soma-se a isso a segurança e a soberania libanesa que se deve a articulação militar entre o exército libanês e o *Hezbollah*.

No que concerne à Turquia, a relação com a Síria é complexa, pois avançou desde a potência turca ocupante do território sírio à forte parceria político-econômica. As disputas por recursos hídricos fronteiriços, a ocupação de parte do território sírio pela Turquia (atual Hatay) e o apoio sírio dado ao PKK na Turquia até os anos 90 formou a evolução político-histórica de ambos países. Após a assinatura do acordo de Adana (1998), consolidou-se a aproximação entre os Estados no fim do governo de Hafez al-Assad que prosseguiu e se fortaleceu com a presidência de Bashar al-Assad até 2010, chegando a formar uma aliança estratégica no setor econômico, político e militar como resposta a influência dos EUA no Oriente Médio. Além

disso, a Turquia mediou o fracassado diálogo para a negociação de paz entre a Síria e Israel em 2008. Essa derrota turca atrapalhou os planos do primeiro-ministro turco Recep Tayyip Erdogan a lançar a Turquia como um forte e essencial ator no Oriente Médio. Desde o início do conflito sírio (2011), a Turquia e a Síria não possuem relações políticas e econômicas, dado que a Turquia apoia a oposição na arena doméstica da Síria contra o governo de Bashar al-Assad.



## 5 CONCLUSÃO

Analisando a política externa de Bashar e comparando com a de Hafez al-Assad nota-se que o primeiro não tem sido sempre uma continuidade das políticas deste último, dado que Bashar responde aos novos desafios políticos, mas sem alterar os ideais políticos do governo anterior. As escolhas de política externa de Bashar são mais bem explicadas como reações à geopolítica do Oriente Médio.

A política externa da Síria é explicada pela ótica teórica do realismo político sob o governo de Hafez e Bashar al-Assad, pois a busca de equilíbrio de poder regional, a liderança política no mundo árabe baseada no nacionalismo árabe, a recuperação dos territórios árabes ocupados por Israel e a estabilidade doméstica foram os pontos principais presentes na gestão política de ambos mandatos. O legado político de Hafez al-Assad permaneceu sob o comando de seu filho, Bashar al-Assad, porém houve reorientação política devido aos fatores que foram analisados nesta dissertação. O ponto de virada da política externa da Síria coincidiu com a posse de Bashar no mês de julho em 2000 e os atentados de 11 de setembro de 2001, que deu início à conturbada mudança na geopolítica regional do Oriente Médio. A manutenção da política engajada por Hafez no que concerne ao Irã e Israel não foi uma regra em relação a países como o Iraque, Líbano e a Turquia em que novas evidências e acontecimentos no âmbito político e econômico provocaram mudanças progressivas.

A liberalização econômica e a “flexibilização” limitada que ocorreu sob o comando de Bashar com a nomeação de novos tecnocratas, grande maioria com formação superior no Ocidente, proporcionou melhoria das condições sociais e econômicas na Síria e na privatização de setores da economia, que durante o governo de Hafez se mantinha sob o poder do Estado, sendo assim, a formação de capital ficou cada vez mais nas mãos de atores não-estatais. Para isso, Bashar teve a habilidade de fazer o bom uso da sua política externa para firmar parcerias estratégicas como no caso do Irã, Turquia e Iraque.

A autonomia dos curdos no Iraque, após a queda do regime de Saddam Hussein, foi a maior preocupação para a política turca, temendo que isso pudesse reviver o PKK. Nesse caso, Bashar al-Assad prestou apoio a Turquia nos ataques aéreos consolidados em 2007. Para a Turquia, a Síria foi um ator essencial na expansão da economia turca ao propiciar o acesso a mercados no mundo árabe, principalmente, no contexto geopolítico internacional de colapso econômico nos países desenvolvidos, a Turquia direciona sua visão político-econômica para o Oriente Médio, e se afasta da União Europeia. O vácuo de poder deixado no Iraque, após a queda de Saddam Hussein, criou instabilidade regional e fortes preocupações para a Síria e a

Turquia. Nesse sentido, houve a contribuição para avançar com as relações políticas entre os países até 2010 em busca de estabilidade na região e a defesa contra a emergência norte-americana na região.

A Guerra do Iraque (2003) tornou os EUA um ator que interveio diretamente na política do Oriente Médio e contribuiu para as mudanças na geopolítica da região. O posicionamento sírio contrário à Guerra do Iraque (2003) apresentou o comportamento político de Bashar até mesmo mais “radical” ou “menos pragmático” do que propriamente seu pai, desafiando a hegemonia mundial e enfrentando as possíveis consequências de ter se oposto aos EUA naquele momento. Nesse sentido, Bashar ganhou recompensas políticas por esse ato, tornando-se um popular líder árabe e com uma opinião pública internacionalizada. No entanto, alguns países árabes não se simpatizaram com a conduta de Bashar, o que repercutiu, hoje, no apoio da Arábia Saudita, Catar, Jordânia e Egito (sob o mandato de Mohamed Morsi que governou entre 2012-2013) à Coalizão Nacional Síria que representa a oposição política e armada em relação ao governo de Bashar al-Assad.

Após o assassinato de Rafik Hariri (2005) no Líbano, e a acusação do envolvimento sírio no assassinato do primeiro-ministro libanês houve a imposição e pressões contínuas da ONU e governos ocidentais para a saída das tropas sírias do Líbano o que impulsionou o redirecionamento da política externa síria. A conjuntura conflituosa regional e a Resolução nº 1559 (2004) aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU que desenvolveu a saída das tropas sírias do território libanês e a diminuição da influência síria no Líbano, o que desde o governo de Hafez al-Assad não ocorria. A Síria conseguiu manter o elo entre o Irã e seus interesses no Líbano por meio do *Hezbollah*, apesar das dificuldades existentes por não haver mais influência direta e o *mukhabarat* sírio no Líbano, além do aumento da percepção anti-síria na sociedade libanesa protagonizada pelo Saad Hariri, filho de Rafik Hariri, com o apoio saudita.

No que tange ao conflito árabe-israelense, Hafez al-Assad, e mais tarde, Bashar conduziram a mesma política que visa a recuperação das Colinas de Golã e o patrocínio das negociações árabes com Israel. O nacionalismo árabe e a não aceitação em ceder territórios a Israel é o que predominou até 2008, onde ocorreram tentativas fracassadas de negociações oficiais com Israel. Desse modo, as “cartadas” diplomáticas realizadas por Hafez e Bashar al-Assad os legitimou no poder, já que sempre mantiveram o apoio à questão palestina, além de Bashar ter sido contrário à ingerência norte-americana na região o que elevou a sua popularidade. As Colinas de Golã são estratégicas para Israel, pois dá acesso às principais fontes de água doce e de agricultura para o país israelense. A comunidade internacional

considera da República Árabe Síria o território das Colinas de Golã e que a ocupação israelense é ilegal, já que apresenta cerca de 50 assentamentos judaicos ilegais na região.

Para o governo sírio se defender das ambições norte-americanas na região, a Síria aprimorou a sua aliança com o Irã a nível estratégico, como forma de mostrar que o país não está isolado. As relações duradouras e estratégicas com o Irã são relevantes para a Síria, principalmente, pelo apoio obtido ao enfrentar o mesmo oponente (EUA) que está eminente na região desde a Guerra do Iraque. A assistência iraniana dada ao governo de Bashar al-Assad foi essencial para manter o exército árabe sírio ainda fortalecido. Além disso, a conexão do Irã com o mundo árabe se dá através da Síria, com o principal expoente o *Hezbollah* no Líbano. Nesse sentido, é importante destacar a criação do *Hezbollah sírio* em 2012 que sustenta e apoia os setores militares do governo da Síria nas batalhas contra a oposição armada e o Estado Islâmico. O *Hezbollah* vem protegendo as principais aldeias e cidades habitadas por cristãos e muçulmanos xiitas no decorrer do conflito na Síria que iniciou em 2011.

O autoritarismo político representado pela centralização do poder nas mãos de Hafez e Bashar al-Assad caracterizou a Síria desde 1970. Assim, problemas internos na sociedade síria por conta de ambos governos haverem beneficiado a parte burguesa sunita, xiitas, alauítas e cristãos em detrimento da maior parte da população sunita, provocou o fortalecimento da oposição política ao governo Assad liderada pela Irmandade Muçulmana que defende a lei islâmica da *sharia* para reger a constituição e a jurisdição do Estado. Ao mesmo tempo que Bashar teve que lidar com uma oposição política fortalecida, as pressões externas da comunidade internacional e as pressões regionais lideradas pela Arábia Saudita e Israel desenvolveram gradualmente a reação a que a Síria passa hoje, um processo de desintegração contínuo.

Bashar al-Assad sabe da importância em manter o diálogo com o Ocidente e os países vizinhos para a manutenção da integridade territorial da Síria e a estabilidade do regime. Dentro da conjuntura de disputa pelo poder, Bashar temia ser o próximo alvo, após a queda de Saddam Hussein. Desse modo, procurou criar parcerias e realizar viagens internacionais em busca de alianças políticas e econômicas, sendo assim, buscou não se manter isolado a fim de dinamizar a economia local. O presidente sírio, visitou o Brasil em 2010, e em seus discursos revelou a importância do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) para a promoção de alterações que beneficiem a igualdade entre as nações perante o sistema internacional. A Síria é um país central para o mundo árabe, pois carrega o nacionalismo árabe e a luta contra Israel. Da mesma forma, é um país moderno em comparação a outros

países árabes, e que tem por herança histórica a característica mercantil, sendo assim, a Síria almeja se inserir internacionalmente no aspecto econômico.

A situação atual na Síria é complexa, pois envolve uma guerra intraestatal e interestatal. O dilema de segurança regional e global foi afetado diretamente com a guerra na Síria devido à radicalização de *jihadistas* que aproveitaram o momento frágil da região, principalmente na Síria e no Iraque. O conflito representa interesses globais, não está sendo levado em consideração a opinião pública do povo sírio. Nesse contexto, a disputa entre os EUA e a Rússia pela zona estratégica que a Síria representa devido à passagem de gás natural e petróleo pelo território agravou mais a violência. O projeto *Nabucco* dos EUA e os projetos *South e North Stream* da Rússia determinam a disputa pela riqueza, pois a Síria tornou-se o principal centro de armazenagem e de produção, vinculado, também, com as reservas do Líbano. O novo espaço geográfico, estratégico e energético que abarca Irã, Iraque, Síria e o Líbano é o centro espinhal do conflito, que tem como pano de fundo a diferença etno-confessional interna.

A Rússia defende o governo de Bashar al-Assad, por ser aliado de Assad desde o período da Guerra Fria, além de a Síria ter sido único país árabe a manter bases navais russas no porto de Tartus. Essa aliança estratégica com a Rússia é essencial para os russos terem acesso ao mediterrâneo, e para os sírios proverem de treinamento e financiamento militar. Em detrimento a isso, os EUA exigem a saída de Bashar al-Assad do governo da Síria com o apoio da Arábia Saudita e do Catar. No impasse doméstico na Síria, Arábia Saudita financia *jihadistas* e a oposição síria com o intuito de enfraquecer a influência do Irã no país árabe, e assim, perder a “porta de entrada” que os iranianos tem através da Síria no mundo árabe.

O futuro da política externa da Síria dependerá dos resultados e das ambições da disputa vigente. O objetivo principal da política externa sob Bashar al-Assad foi manter a estabilidade do regime e o equilíbrio de poder com Israel. As falhas nas negociações com Israel e o impacto da ocupação norte-americana no Iraque, conseqüentemente, com uma série de perdas de influência no Líbano deteriorou o projeto almejado pelo governo Assad, o sonho do retorno da *Bilad al-Sham* ou Grande Síria. Termina esta dissertação com a seguinte incógnita: a identidade síria que até 2010 foi pertinente no dinamismo da política externa do país permanecerá ou não. A nacionalidade é a identidade, e a identidade árabe não é escolha de pertencer a uma religião ou outra, e a Síria é o centro da identidade árabe. Atualmente, a Síria é palco de um conflito de interesses estratégicos globais, onde China, Irã, Arábia Saudita, Rússia, Estados Unidos e União Europeia se enfrentam.

## REFERÊNCIAS

- AFLAQ, Michel. *In memory of the arab prophet*. [S.l.]: University of Damascus, 5 Apr. 1943. Disponível em: <<http://albaath.online.fr/English/Aflaq-00-In-Memory-of-the-Arab-Prophet.htm>>. Acesso em: 4 jul. 2015.
- AFLAQ, Michel. *On the Arab Baath movement*. [S.l.], 1945. Disponível em: <<http://albaath.online.fr/English/Aflaq-18On%20the%20Arab%20Baath%20movement.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2015.
- AIGLE, Denise. Le Bilād al-Šām face aux mondes extérieurs. *La perception de l'Autre et la représentation du Souverain*, [S.l.], v. 1, 2012.
- AHRAM, Ariel L. Iraq and Syria: the dilemma of dynasty. *The Middle East Quaterly*, Washington, v. 9, n. 2, p. 33-42, 2002. Disponível em: <<http://www.meforum.org/171/iraq-and-syria-the-dilemma-of-dynasty>>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- ALTUNISKI, Meliha; TUR, Ozlem. From distant neighbors to partners? Changing Syrian–Turkish relations. *Middle East Technical University*, [S.l.], v. 37, n. 2, 2006.
- AMORIM, Celso. Brazil and the Middle East. *The Cairo Review of Global Affairs*, Cairo, v. 2, p. 48-63, Nov. 2011. Disponível em: <<http://www.aucegypt.edu/GAPP/CairoReview/Lists/Articles/Attachments/64/Brazil%20and%20the%20Middle%20East.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- ASSAD, Bashar. *From President Bashar Al-Assad's: a speech at the People's Assembly*. Damascus, 30 Mar. 2011. Disponível em: <[http://www.presidentassad.net/index.php?option=com\\_content&view=category&id=141&Itemid=470](http://www.presidentassad.net/index.php?option=com_content&view=category&id=141&Itemid=470)>. Acesso em: 13 nov. 2015.
- ASSAD, Bashar. *President al-Assad: Sky News Interview*. [S.l.], 2 July 2009. Disponível em: <[http://www.presidentassad.net/index.php?option=com\\_content&view=category&id=101&Itemid=468](http://www.presidentassad.net/index.php?option=com_content&view=category&id=101&Itemid=468)>. Acesso em: 1 ago. 2015.
- ASSAD, Bashar. *President Assad: first western media interview*. Wall Street Journal. [S.l.], 27 Apr. 2000b. Disponível em: <[http://www.presidentassad.net/index.php?option=com\\_content&view=category&id=91&Itemid=468](http://www.presidentassad.net/index.php?option=com_content&view=category&id=91&Itemid=468)>. Acesso em: 11 ago. 2015.
- ASSAD, Bashar. *President Assad: Turkish Tv Interview*. Damascus, 28 Dec. 2005. Disponível em: <[http://www.presidentassad.net/index.php?option=com\\_content&view=article&id=115:president-assad-turkish-tv-interview-december-28-2005&catid=97&Itemid=468](http://www.presidentassad.net/index.php?option=com_content&view=article&id=115:president-assad-turkish-tv-interview-december-28-2005&catid=97&Itemid=468)>. Acesso em: 20 set. 2015.
- ASSAD, Bashar. President Assad's full speech with Iranian TV. *The Arab Source*, Damascus, 5 Oct. 2015. Disponível em: <<http://www.almasdarnews.com/article/president-assads-full-speech-with-iranian-tv/>>. Acesso em: 12 out. 2015.

ASSAD, Bashar. *President Bashar al-Assad*: interview. Damascus, 25 Aug. 2015. Disponível em:

<[http://www.presidentassad.net/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1459:president-bashar-al-assad-s-al-manar-august-25-2015-interview&catid=314:2015&Itemid=468](http://www.presidentassad.net/index.php?option=com_content&view=article&id=1459:president-bashar-al-assad-s-al-manar-august-25-2015-interview&catid=314:2015&Itemid=468)>.

Acesso em: 24 out. 2015.

ASSAD, Bashar. *President Bashar al-Assad*: interview: Sky News. Damascus, 17 Mar. 2006. Disponível em:

<[http://www.presidentassad.net/index.php?option=com\\_content&view=category&id=141&Itemid=470](http://www.presidentassad.net/index.php?option=com_content&view=category&id=141&Itemid=470)>. Acesso em: 13 nov. 2015.

ASSAD, Bashar. *President Bashar al-Assad speeches - حديث السيد الدكتور /بشار الأسد/ إلى صحيفة* 2000. Damascus, 7 Mar. 2000a. Disponível em:

<[http://www.presidentassad.net/index.php?option=com\\_content&view=article&id=939:7-000&catid=292:2000&Itemid=469](http://www.presidentassad.net/index.php?option=com_content&view=article&id=939:7-000&catid=292:2000&Itemid=469)>. Acesso em: 10 set. 2015.

ASSAD, Hafez. *Discurso oficial do Presidente às Forças Armadas no vigésimo sexto aniversário da Fundação do Exército Árabe da Síria*. Damascus, 1 Aug. 1971. Disponível em: <[http://www.presidentassad.net/index.php?option=com\\_content&view=category&id=253&Itemid=493](http://www.presidentassad.net/index.php?option=com_content&view=category&id=253&Itemid=493)>. Acesso: 16 jul. 2015.

ASSAD, Hafez. *Entrevista Sr. Presidente Hafez al- Assad*: interview. Al Ahram, 27 Dec. 1996. Disponível em: <[http://www.presidentassad.net/index.php?option=com\\_content&view=category&id=196&Itemid=475](http://www.presidentassad.net/index.php?option=com_content&view=category&id=196&Itemid=475)>. Acesso em: 25 set. 2015.

ASSAD, Hafez. *Entrevista Sr. Presidente Hafez al- Assad para TV Húngara ( حديث السيد الرئيس ( حافظ الأسد إلى التلفزيون الهنغاري* . Damascus, 24 June 1981. Disponível em:

<[http://www.presidentassad.net/index.php?option=com\\_content&view=category&id=180&Itemid=475](http://www.presidentassad.net/index.php?option=com_content&view=category&id=180&Itemid=475)>. Acesso em: 20 jul. 2015.

BAATH ARAB SOCIALIST PARTY. *The Ba'ath constitution*. [S.l.], 2015. Disponível em: <<http://www.baath-party.org/index.php?lang=en>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

BLACK, Ian. Syria to open embassy in Beirut after historic decree. *The Guardian*, London, 15 Oct. 2008. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2008/oct/15/syria-lebanon>>. Acesso em: 20 out. 2015.

BUSH, George W. *Milestones: 1989–1992: The Madrid Conference*, 1991. Washington: United States of Department State, 1991. Disponível em: <<https://history.state.gov/milestones/1989-1992/madrid-conference>>. Acesso em: 20 set. 2015.

CHAITANI, Youssef. *Post-colonial Syria and Lebanon: the decline of arab nationalism and the triumph of the State*. London: IBTauris, 2007. Disponível em: <<http://m.friendfeed-media.com/3aa4d6595a3e7c2c8b0f9183be7765b26497966e>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

DEEB, Marius. *Syria, Iran, and Hezbollah: the unholy alliance and its war in Lebanon*. Stanford: Independent, 2013.

DOSTAL, Michael J; ZOROB, Anja. *Syria and the mediterranean partnership*. In: The European Union and Economic Reform in Syria, St. Andrews Papers on Contemporary Syrian Studies, cap. 1, 2009. p. 1-37.

DRYSDALE, Alasdair; HINNEBUSCH, Raymond. *Syria and the Middle East peace process*. New York: Council on Foreign Relations Press, 1991.

ERTUGRUL, Dogan. *A test for Turkey foreign policy: the Syria crisis*. Istanbul: TESEV, Foreign Policy Programme, 2012. Disponível em: <[http://tesev.org.tr/wp-content/uploads/2015/11/A\\_Test\\_For\\_Turkeys\\_Foreign\\_Policy\\_The\\_Syria\\_Crisis.pdf](http://tesev.org.tr/wp-content/uploads/2015/11/A_Test_For_Turkeys_Foreign_Policy_The_Syria_Crisis.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2015.

EUROPEAN COMMISSION. *Euro-Mediterranean partnership*. Brussels, 2015. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/regions/euro-mediterranean-partnership/>>. Acesso em: 5 ago. 2015.

GALVANI, John. Syria and the Baath Party. *MERIP Reports*, Middle East Research and Information Project (MERIP), n. 25, p. 3–16, 1974. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3011567>>. Acesso em: 4 set. 2015.

GAMBILL, Gary. Syria's foreign relations: Iraq. *Middle East Intelligence Bulletin*, v. 3, n. 3, 2011. Disponível em: <[https://www.meforum.org/meib/articles/0103\\_s1.htm](https://www.meforum.org/meib/articles/0103_s1.htm)>. Acesso em: 10 nov. 2015.

GELBART, Jonathan. The Iran-Syria axis: a critical investigation. *Stanford Journal of International Relations*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 36-42, 2010. Disponível em: <[http://web.stanford.edu/group/sjir/12-1/fall10-final\\_5.pdf](http://web.stanford.edu/group/sjir/12-1/fall10-final_5.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2015.

GHADBIAN, Najib. The new Assad: dynamics of continuity and change in Syria. *Middle East Journal*, [S.l.], v. 55, n. 4, 2001. Disponível em: <<http://www.offiziere.ch/wp-content/uploads/The-New-Assad.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

GERRING, John. Mere description. *British Journal of Political Sciences*, [S.l.], v. 42, p. 721-746, 2012. Disponível em: <[http://journals.cambridge.org/abstract\\_S0007123412000130](http://journals.cambridge.org/abstract_S0007123412000130)>. Acesso em: 29 jun. 2015.

GOODARZI, Jubin M. Syria and Iran: alliance cooperation in a changing regional environment. *Journal of Politics and International Relations*, Center Middle Eastern Strategic Studies, ORSAM, Oxford, v. 4, n. 2, 2013. Disponível em: <[http://www.orsam.org.tr/trUploads/Yazilar/Dosyalar/2013211\\_ortadoguetutsekiz.pdf](http://www.orsam.org.tr/trUploads/Yazilar/Dosyalar/2013211_ortadoguetutsekiz.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2015.

GUERREIRO, João Francisco. NATO: Turquia "tem forças armadas muito capazes" para combater o Estado Islâmico. *Diário de Notícias*, Lisboa, 28 jul. 2015. Disponível em: <[http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content\\_id=4703565](http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4703565)>. Acesso em: 27 set. 2015.

HAGAN, Joe D. Domestic political regime change and foreign policy restructuring: a framework for comparative analysis. In: ROSATI, Jerel A.; SAMPSON, Martin W.; HAGAN, Joe D. (Ed.). *Foreign policy restructuring. how governments respond to global change*. Columbia: University of South Carolina Press, 1994. p. 201-282.

HALLIDAY, Fred. *The Middle East in international relations: power, politics and ideology*. London: Cambridge University Press, 2005.

HAY, A. Tareq. Syria new parties: modest goals against Baath hold. *Al Akhbar*, Lebanon, 18 Mar. 2012. Disponível em: <<http://english.al-akhbar.com/node/5347/>>. Acesso em: 7 set. 2015.

HERMANN, Charles F. Changing course: when governments choose to redirect foreign policy. *International Studies Quarterly*, [S.l.], v. 34, n. 1, 1990.

HINNEBUSCH, Raymond. Defying the hegemon: Syria and the Iraq War. *Conference of the European Consortium on Political Research*, Budapest, Sept. 2005. Disponível em: <[https://www.st-andrews.ac.uk/media/school-of-international-relations/mecacs/working-papers/defying\\_the\\_hegemon.pdf](https://www.st-andrews.ac.uk/media/school-of-international-relations/mecacs/working-papers/defying_the_hegemon.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2015.

HINNEBUSCH, Raymond. *The international politics of Middle East*. Manchester: Manchester University Press, 2003.

HINNEBUSCH, Raymond. Modern Syrian politics. *History Compass*, St. Andrews, v. 6, n. 1, 2008.

HINNEBUSCH, Raymond. Syria-Iraq relations: state construction and deconstruction and the MENA states system. *Middle East Centre*, London, n. 4, p. 1-32, Oct. 2014. Disponível em: <[http://eprints.lse.ac.uk/60004/1/\\_lse.ac.uk\\_storage\\_LIBRARY\\_Secondary\\_libfile\\_shared\\_repository\\_Content\\_LSE%20Middle%20East%20Centre%20Papers\\_Hinnebusch\\_Syria%20-%20Iraq%20relations.pdf](http://eprints.lse.ac.uk/60004/1/_lse.ac.uk_storage_LIBRARY_Secondary_libfile_shared_repository_Content_LSE%20Middle%20East%20Centre%20Papers_Hinnebusch_Syria%20-%20Iraq%20relations.pdf)>. Acesso em: 3 nov. 2015.

HINNEBUSCH, Raymond. Syrian foreign policy under Bashar al-Assad. *Ortadoğu Etütleri*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 7-26, 2009. Disponível em: <[http://www.orsam.org.tr/en/enUploads/Article/Files/2009918\\_hinnebusch.pdf](http://www.orsam.org.tr/en/enUploads/Article/Files/2009918_hinnebusch.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2015.

HINNEBUSCH, Raymond; TUR, Ozlem. *Turkey Syria relations: between enmity and amity*. Ashgate, 2013. Disponível em: <[http://samples.sainsburysebooks.co.uk/9781409452829\\_sample\\_950626.pdf](http://samples.sainsburysebooks.co.uk/9781409452829_sample_950626.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2015.

HINNEBUSCH, Raymond et al. *Syrian foreign policy and the United States: from Bush to Obama*. [S.l.], 2010. (St. Andrews papers on Contemporary Syria). Disponível em: <<https://ojs.st-andrews.ac.uk/index.php/syria/article/viewFile/715/619>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

HOF, Frederic C. *Mapping peace between Syria and Israel*. Washington: United States Institute for Peace, 2009. Disponível em: <<http://www.usip.org/sites/default/files/resources/mappingpeace.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2015.

HOLSTI, Kal. J. *Why Nations realign foreign policy restructuring in the postwar world*. London: Allen and Unwin, 1982.



HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

IRAQ demographics profile. *Index Mundi*, [S.l.], 2014. Disponível em: <[http://www.indexmundi.com/iraq/demographics\\_profile.html](http://www.indexmundi.com/iraq/demographics_profile.html)>. Acesso em: 5 nov. 2015.

ISRAEL. Ministry of Foreign Affairs. *Golan heights*. [S.l.], 2015. Disponível em: <<http://www.mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/maps/pages/golan%20heights.aspx>>. Acesso em: 20 set. 2015.

IZADY, Michael. *Syria: religious compositions*. [S.l.], 2000. Disponível em: <[http://gulf2000.columbia.edu/images/maps/Syria\\_Religion\\_Detailed\\_lg.png](http://gulf2000.columbia.edu/images/maps/Syria_Religion_Detailed_lg.png)>. Acesso em: 19 jul. 2015.

JORDANIAN removal of the PLO. *GlobalSecurity.org*, [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://www.globalsecurity.org/military/world/war/jordan-civil.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

KABALAN, Marwan. Syrian foreign policy between domestic needs and external environment. *Syria Foreign Policy*, St Andrews papers on Contemporary Syria, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 29-42, 2010.

LANGLEY, Jason. Politics and religion in Iraq and Syria: what is the Ba'ath Party? *Global Research*, Montreal, 16 Jan. 2013. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/the-baath-party-as-the-west-doesnt-want-you-to-know-it/5319120>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

LAWSON, Fred. Global security watch Syria. *Praeger ABC-CLIO*, Santa Barbara, 2013.

LAWSON, Fred. Syria's relations with Iran: managing the dilemmas of alliance. *The Middle East Journal*, [S.l.], v. 61, n. 1, 2007. Disponível em: <<https://www.questia.com/library/journal/1P3-1273639951/syria-s-relations-with-iran-managing-the-dilemmas>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

LESCH, David. *The new lion of Damascus: Bashar Al-Assad and modern Syria*. London: Yale University Press, 2010. Disponível em: <[http://yalepress.yale.edu/yupbooks/excerpts/lesch\\_lion.pdf](http://yalepress.yale.edu/yupbooks/excerpts/lesch_lion.pdf)>. Acesso em: 5 jun. 2015.

MAHFUDH, Aqeel. *Syria and Turkey: a turning point or a historical bet*. Doha: Arab Center for Research and Policy Studies, Doha Institute, Feb. 2012. (Research papers). Disponível em: <<http://english.dohainstitute.org/file/get/2509648d-576b-45d6-8b7ae14321b4a8b5.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

MANFREDA, Primoz. Turkish-Syrian relations: overview. From confrontation to partnership and back. *About News*, Middle East, New York, Nov. 2014. Disponível em: <<http://middleeast.about.com/od/syria/a/Turkish-Syrian-Relations-Overview.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

MERTEK, Sefa. *Turkey new foreign policy and Syrian relations*. Warsaw: Akademia Obrony Narodowej, 2012. Disponível em: <[http://www.academia.edu/8004973/TURKEY\\_S\\_NEW\\_FOREIGN\\_POLICY\\_AND\\_SYRIAN\\_RELATIONS](http://www.academia.edu/8004973/TURKEY_S_NEW_FOREIGN_POLICY_AND_SYRIAN_RELATIONS)>. Acesso em: 29 set. 2015.

MORGENTHAU, Hans. *Politics among nations: the struggle for power and peace*. Canada: Mc-Graw Hill, 1998.

MOUBAYED, Sami. *Stell & Silk: men and woman who shaped Syria 1900-2000*. Seattle: Cune, 2006.

NONNEMAN, Gerd (Ed.). *Analyzing Middle East foreign policies and the relationship with Europe*. London; New York: Routledge, 2005. Disponível em: <<http://people.exeter.ac.uk/ls256/Analyzing%20MEFP%20Nonneman%20intro%20+%20chapters%201-2.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

NUREDDIN al-Atassi, 63; Former Syria President. *The New York Times*, Paris, 5 Dec. 1992. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1992/12/05/obituaries/nureddin-al-atassi-63-former-syria-president.html>>. Acesso em: 7 out. 2015.

PAN, Esther. *Síria, Irã e o conflito no Oriente Médio*. New York: Council on Foreign Relations, 2006. Disponível em: <<http://www.cfr.org/iran/syria-iran-mideast-conflict/p11122>>. Acesso em: 1 out. 2015.

PEDIDO da ONU por eleições livres no Líbano gera diversas reações. *GI: mundo*, 28 set. 2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1642848-5602,00PEDIDO+DA+ONU+POR+ELEICOES+LIVRES+NO+LIBANO+GERA+DIVERSAS+REACOES.html>>. Acesso em: 26 out. 2015.

RASSA, Mohammed. Syria's muslim brotherhood: past and present. *Al Monitor*, The Pulse of The Middle East, 5 Jan. 2014. Disponível em: <<http://www.al-monitor.com/pulse/politics/2014/01/syria-muslim-brotherhood-past-present.html>>. Acesso em: 4 set. 2015.

RUBIN, Barry. Israel's "northern front": relations with Syria and Lebanon. *The Ambassadors Review*, [S.l.], Fall 2008. Disponível em: <<https://www.ciaonet.org/attachments/7839/uploads>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

SAAB, Y. Bilal. Syria and Iran revive an old ghost with defense pact. *The Daily Star*, Beirute, 2006. Disponível em: <<http://www.brookings.edu/research/opinions/2006/07/04middleeast-saab>>. Acesso em: 1 out. 2015.

SALLOUKH, Bassel. *Demystifying Syrian foreign policy under Bashar el Assad*. London: The London Middle East Institute at SOAS, 2009. Disponível em: <[http://www.researchgate.net/publication/278684972\\_Demystifying\\_Syrian\\_Foreign\\_Policy\\_under\\_Bashar](http://www.researchgate.net/publication/278684972_Demystifying_Syrian_Foreign_Policy_under_Bashar)>. Acesso em: 10 ago. 2015.

SALLOUKH, Bassel. *Syria and Lebanon: a brotherhood transformed*. Washington: Middle East Researcher and Information Project, 2005. Disponível em: <<http://www.merip.org/mer/mer236/syria-lebanon-brotherhood-transformed>>. Acesso em: 20 set. 2015.

SEALE, Patrick. *Assad: the struggle for the Middle East*. [S.l.]: University of California Press, 1990. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=6D9EiJKRTHcC&pg=PA169&hl=pt-BR&source=gbs\\_toc\\_r&cad=4#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=6D9EiJKRTHcC&pg=PA169&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 6 jun.2015.

SHAMOUT, Nouar; LAHN, Glada. The Euphrates in crisis: channels of cooperation for a threatened river. *Chatam House*, The Royal Institute of International Affairs, London, Apr. 2015. Disponível em:

<[https://www.chathamhouse.org/sites/files/chathamhouse/field/field\\_document/20150413Euphrates\\_0.pdf](https://www.chathamhouse.org/sites/files/chathamhouse/field/field_document/20150413Euphrates_0.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2015.

SHARNOFF, Michael. The Syria-Soviet alliance. *In Focus Quaterly*, The Jewish Policy Center, Washington, v. 3, n. 1, Spring 2009. Disponível em:

<<http://www.jewishpolicycenter.org/833/the-syria-soviet-alliance>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

SNYDER, Glenn. The security dilemma in alliance politics. *World Politics*, Princeton, v. 36, n. 4, p. 461-495, 1984. Disponível em:

<<http://home.sogang.ac.kr/sites/jaechun/courses/Lists/b7/Attachments/17/Security%20Dilemma%20in%20Alliance%20Politics.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

STRINDBERG, Anders. Syria under pressure. *Journal of Palestine Studies*, Washington, v.

33, n. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.palestine-studies.org/jps/fulltext/41471>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

SWAMINATHAN, Satya. Syria's diplomatic history with Iran. *Global Forum Journal*, v. 3,

Spring 2007. Disponível em: <[http://issuu.com/not\\_sure/docs/globalforumjournal](http://issuu.com/not_sure/docs/globalforumjournal)>. Acesso em: 2 out. 2015.

SYRIA. Ministry of Economy and Trade. Syria, Iraq to enhance economic, trade relations.

*The Syria Times*, Damascus, 19 Feb. 2013. Disponível em:

<<http://syriatimes.sy/index.php/economy/3105-syria-iraq-to-enhance-economic-trade-relations>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

SYRIA. *Syria Arab Republic Constitution 2012*. [S.l.]: International Labour Organization, 1

Jan. 2012. Disponível em: <[http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed\\_protect/---protrav/---ilo\\_aids/documents/legaldocument/wcms\\_125885.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---ilo_aids/documents/legaldocument/wcms_125885.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2015.

SYRIA demographics profile. *Index Mundi*, [S.l.], 2014. Disponível em: <[http://www.indexmundi.com/syria/demographics\\_profile.html](http://www.indexmundi.com/syria/demographics_profile.html)>.

Acesso em: 5 nov. 2015.

SYRIAN President Bashar al-Assad: facing down rebellion. *BBC*, Middle East News, [S.l.],

21 Oct. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/10338256>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

THE ASSASSINATION and funeral of Yitzhak Rabin. *CNN World News*, 1995. Disponível

em: <<http://edition.cnn.com/WORLD/9511/rabin/umbrella/>>. Acesso em: 8 ago. 2015.

TURKEY. Ministry of Foreign Affairs. *Turkey commercial and economic relations with*

*Syria*. [S.l.], 2015. Disponível em: <[http://www.mfa.gov.tr/turkey\\_s-commercial-and-economic-relations-with-syria.en.mfa](http://www.mfa.gov.tr/turkey_s-commercial-and-economic-relations-with-syria.en.mfa)>. Acesso em: 15 out. 2015.

TURKEY and Syria forge closer ties. *Al Jazeera*, Middle East, Doha, 14 Oct. 2009. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2009/10/20091013947216247.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

TÜRKIYE ile Suriye Arasında Vize Kalktı. *CNNTurk*, Ankara, 17 Sep. 2009. Disponível em: <<http://www.cnnturk.com/2009/turkiye/09/16/turkiye.ile.suriye.arasinda.vize.kalkti/543804.0/index.html>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ULUTAS, Ufuk. Reclaiming Israeli-Syrian talks. *SETA Policy Reports*, Ankara, n. 2, p. 1-28, Oct. 2009. Disponível em: <<https://www.ciaonet.org/attachments/15198/uploads>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

UNITED NATIONS. Economic and Social Commission for Western Asia (ESCWA); German Federal Institute for Geosciences and Natural Resources (BGR). *Inventory of shared water resources in Western Asia*. Findings on status, challenges and cooperation. Rome, 26 Nov. 2012a. Disponível em: <[http://www.unece.org/fileadmin/DAM/env/water/mop\\_6\\_Rome/MedRoundtable/1.2\\_Renck\\_ESCWA-BGR\\_InventoryWesternAsia.pdf](http://www.unece.org/fileadmin/DAM/env/water/mop_6_Rome/MedRoundtable/1.2_Renck_ESCWA-BGR_InventoryWesternAsia.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2015.

UNITED NATIONS. *Map profile of Syrian Arab Republic*. [S.l.], Apr. 2012b. Disponível em: <<http://www.un.org/Depts/Cartographic/map/profile/syria.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

UNITED NATIONS. *Resolution 181/1947*. Resolution adopted on the reported of the Ad Hoc Committee on the Palestinian Question, General Assembly. [S.l.], 1947. Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/RESOLUTION/GEN/NR0/038/88/IMG/NR003888.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 3 set. 2015.

UNITED NATIONS. *The question of Palestine & the United Nations*. [S.l.]: DPI/UN, 2003. Disponível em: <<http://www.un.org/Depts/dpi/palestine/ch3.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2015.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. *Resolution 1559/2004*. General Assembly. [S.l.], 2004. Disponível em: <[http://www.unsco.org/Documents/Resolutions/S\\_RES\\_1559\(2004\).pdf](http://www.unsco.org/Documents/Resolutions/S_RES_1559(2004).pdf)>. Acesso em: 2 ago. 2015.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. *Resolution 1441/2002*. General Assembly. [S.l.], 2002. Disponível em: <<http://www.un.org/Depts/unmovic/documents/1441.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

UNITED STATES OF AMERICA. Embassy. Informativo: medidas do governo para pressionar o regime sírio e garantir os direitos universais do povo sírio. *IIP Digital*, 23 Ago. 2011. Disponível em: <<http://iipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/texttrans/2011/08/20110823120430x0.4007794.html#ixzz3fAuH7cBy>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

WALT, Stephen. *Conversações com história*. [S.l.]: Instituto de Estudos Internacionais; UC Berkeley Interview, 2005.

WALT, Stephen. International relations: one world, many theories. *Foreign Policy*, Washington, v. 3, n. 6, 1998. Disponível em:

<[http://www.columbia.edu/itc/sipa/S6800/courseworks/foreign\\_pol\\_walt.pdf](http://www.columbia.edu/itc/sipa/S6800/courseworks/foreign_pol_walt.pdf)>. Acesso em: 4 jun. 2015.

YACOUBIAN, Mona. *Syria's relation with Iran*. Washington: United States Institute of Peace, 2007. Disponível em: <<http://www.usip.org/publications/syria-s-alliance-iran>>. Acesso em: 1 out. 2015.

ZAFAR, Shaista S. Turkey's 'zero problems with neighbours': foreign policy; relations with Syria. *Journal of European Studies*, [S.l.], p. 143-158, 2012. Disponível em: <[http://asceku.com.pk/journals/2012/F%20--%20edited\\_%20Ms.%20Shaista.pdf](http://asceku.com.pk/journals/2012/F%20--%20edited_%20Ms.%20Shaista.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2015.

ZOUBI, al-Omran. *Síria: Al Asad nunca firmará la paz con Israel*. *Hispan TV*, Nexo Latino, 17 agosto 2015. Disponível em: <<http://hispantv.com/newsdetail/Siria/53376/Siria-Al-Asad-nunca-firmara-la-paz-con-Israel>>. Acesso em: 26 set. 2015.